

organizador
Fredy Enrique González

A Dança dos Sonhos

relatos de histórias vivas
em movimento



Ana Caroline Barbalho Rodrigues · Antônia Magna de Souza Silva Cardoso
Carlos Eduardo Queiroz Pessoa · Claudete Costa Quaresma Ranieri
Erivaldo da Silva Santos · Janielly Souza dos Santos
Josefa Kérsia Pinheiro Pontes · Julie Isabelle Freitas Rodrigues
Marecilda Bezerra de Araújo · Maria Emília Andrade de Medeiros

organizador
Fredy Enrique González

A Dança dos Sonhos

relatos de histórias vivas
em movimento



Ana Caroline Barbalho Rodrigues · Antônia Magna de Souza Silva Cardoso
Carlos Eduardo Queiroz Pessoa · Claudete Costa Quaresma Ranieri
Erivaldo da Silva Santos · Janielly Souza dos Santos
Josefa Kérsia Pinheiro Pontes · Julie Isabelle Freitas Rodrigues
Marecilda Bezerra de Araújo · Maria Emília Andrade de Medeiros

| São Paulo | 2022 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2022 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2022 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski

Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimário Pimentel Silva

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand

Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah

Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos

Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni

Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

A Dança dos Sonhos

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabricia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginiski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzinski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

A Dança dos Sonhos

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeio
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taiza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Eliisene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Marketing digital	Lucas Andrius de Oliveira
Editoração eletrônica	Peter Valmorbida Potira Manoela de Moraes
Imagens da capa	Freepik - Freepik.com
Tipografias	Swiss 721
Revisão	Patricia Biegging
Organizador	Fredy Enrique González

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D173

A dança dos sonhos: relatos de histórias vivas em movimento / Fredy Enrique González (Organizador). – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-577-4

DOI 10.31560/pimentacultural/2022.95774

1. Autobiografia. 2. Formação de professores. 3. Educação.
4. História. I. González, Fredy Enrique (Organizador). II. Título.

CDD 808.06692

Índice para catálogo sistemático:

I. Autobiografia

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

ISBN da versão impressa (brochura): 978-65-5939-578-1

PIMENTA CULTURAL

São Paulo · SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 2

Sumário

Um convite para dançar 9

Capítulo 1

Os caminhos que o José me ensinou:

uma forma de pensar dentro
de um contexto subjetivo..... 14

Ana Caroline Barbalho Rodrigues

Capítulo 2

O renascer de um sonho..... 23

Antônia Magna de Souza Silva Cardoso

Capítulo 3

Experiências de vida insculpidas

em palavras artesanais 34

Carlos Eduardo Queiroz Pessoa

Capítulo 4

Navegando nos sonhos

e no interior da imaginação 55

Claudete Costa Quaresma Ranieri

Capítulo 5

Das muralhas ao doutorado..... 72

Erivaldo da Silva Santos

Capítulo 6

A procura de uma escrita sensível..... 95

Janielly Souza dos Santos

Capítulo 7

A menina dos porquês 110

Josefa Kérsia Pinheiro Pontes

Capítulo 8

**Uma poesia
chamada vida 130**

Julie Isabelle Freitas Rodrigues

Capítulo 9

**Entre claros e escuros:
memórias de uma vida intensamente vivida 141**

Marecida Bezerra de Araújo

Capítulo 10

**Um “rio” de saudades:
memórias de um lugar
submerso nas águas..... 183**

Maria Emília Andrade de Medeiros

Índice Remissivo 199

Um convite para dançar

Sonhadoras e Sonhadores

A dança dos sonhos: relatos de histórias vivas em movimento é uma obra acadêmica construída coletivamente no contexto da disciplina *Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas e Quantitativas*, ofertada remotamente pelo Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEd - da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN - entre os meses de agosto e dezembro de 2021.

Trata-se de relatos de vida, de histórias em movimento, dispostos de acordo com a compreensão do sentido que cada autor deu a suas experiências vividas. São Histórias vivas que retratam um mundo de sonhos, cheias de sensibilidade, autenticidade, criticidade, integridade, vivacidade e criatividade, histórias que expressam a liberdade e o prazer de viver. Por isso, pensar no percurso, desde as primeiras aulas da disciplina, é refletir o quanto crescemos a partir desse processo de formação acadêmica, jornada que relacionou teoria e prática, motivando-nos a ler, a refletir e, principalmente, a criar.

Este livro é fruto de nossas transformações como pessoas e profissionais, propiciadas durante encontros síncronos e mediados tecnologicamente usando Google Meet, que aconteceram nas manhãs de quartas-feiras. A partir deste mundo virtual foram pensadas as histórias vivas que compartilhamos neste livro, confirmando que a vida é recheada de constante aprendizado. Inicialmente, confusos quanto ao que seria pesquisa qualitativa, passamos a produzir relatos escritos repletos de sensibilidade individual, sobretudo incrementados por um toque de lágrimas e sorrisos em cada palavra grafada.

O Professor Fredy Enrique González foi o mestre-sala que nos convidou a compor uma dança com nossos sonhos (daí começou nos chamar de sonhadoras e sonhadores), na qual bailássemos ao ritmo das histórias próprias de cada um de nós, forjadas através da imersão em nossas emoções enquanto procurávamos nos tornar pesquisadores qualitativistas. Cada um dos encontros síncronos que aconteceram nas quartas de manhã, nos permitiu viver momentos ímpares, de profundo sentido epistemológico, gerar discussões encaminhadas para a construção de conhecimentos, e participar de experiências de aprendizagem, singularmente significativas. Cursar a disciplina foi apaixonante! A experiência docente do Professor Fredy González emanou esperança a todo tempo vivido na disciplina, compartilhando muita sabedoria. Sua irradiação de vida feliz nos impulsionou a cada encontro, encorajando-nos a seguir perseverantes na caminhada acadêmica, com o pensamento firme de jamais desistirmos dos sonhos almejados.

Juntar nossas narrativas autobiográficas neste livro é um convite aos nossos leitores a dançar conosco, e percorrer os vários universos de conhecimentos existencialmente constituídos pelos sonhadores e pelas sonhadoras.

Para a turma, os encontros mais do que aulas foram oportunidades ímpares para compartilhar sonhos. Isso foi fundamental na construção deste projeto coletivo, mas de significação singular, individual, para cada sonhador ou sonhadora que o assumiu apesar dos desafios. Os encontros tornaram-se momentos de vivência livre e criativa, além de espaço de colaboração participativa, sempre abertos ao diálogo. A pedagogia da disciplina transcendeu a possibilidade de compreender metodologia como instrumento de produção de conhecimento científico, proporcionando situar o arcabouço epistemológico a partir de uma visão crítica da realidade, da experiência social, enquanto pressuposto para se criar horizontes epistêmicos.

A disciplina nos guiou como poetas na redescoberta de nosso ser, consoante ao preconizado pelo filósofo Martin Heidegger, ao dizer que o poeta é o guardião do ser porque se utiliza das palavras para revelar um mundo que muitas vezes está oculto e, ainda, talvez não seja adequadamente compreendido. Nesse sentido, a consolidação do projeto de escrever este livro se transformou na oportunidade de redescobrir o potencial humano, de transcender qualquer desafio, aparentemente intransponível, reacendendo a chama da esperança utópica de acreditar na educação como prática para superar o medo e exercer a liberdade.

A escrita autobiográfica, promovida pelo Professor Fredy, oportunizou novas formas de perceber a realidade partindo de uma compreensão de nossas existências individuais. Cada um de nós é uma história viva (ou uma vida histórica?) em movimento. Nossos relatos atualizam nossas memórias as quais se fazem vivas embelezadas pela escrita em prosa e poesia.

São textos fundamentados na criatividade de seus/suas autores/as, escritos com subjetiva intensidade e sensibilidade que, ao serem socializados em nossos encontros, deu lugar a processos de intersubjetividade os quais permitiram-nos transcender a compreensão individual de nossa singularidade.

Participar do processo de organizar este livro, possibilitou-nos perceber uma nova proposta de formação humana, que nos ajudou muito para compreender que somos seres em constante construção e reconstrução social.

Este livro decorre de aulas motivadoras, com o desenvolvimento de práticas animadoras, enaltecidas por histórias genuínas, na intencionalidade de movimentar o aprendizado e o ensino. Oportuniza, então, a exposição de experiências pessoais e profissionais dos participantes, através de narrativas que possibilitam analisar política, economia,

cultura e sociedade, considerando reflexões diante de suas práticas no contexto educacional, a beneficiar o enriquecimento da formação continuada, compreendida pela da pesquisa qualitativa como um movimento de 'transformação' sobre a forma de pensar e agir. Narrativas autobiográficas revelaram nossas experiências, a partir da perspectiva individual, de modo a abrir caminhos para se compreender as relações de poder dos sujeitos.

No âmbito da educação, as narrativas autobiográficas compõem um método de construção do conhecimento que fundamentam a reflexão-ação-reflexão do fazer pedagógico e a ressignificação do saber e da prática (FREIRE, 1996). Assim, a narração de si é construída na experiência, nas lembranças e memórias (relatos), compreendendo um processo de (auto)conhecimento e revelação a partir das formas singulares que cada um vivencia, apreende e representa o mundo e as coisas que o constitui.

As recordações e as referências escritas nas páginas deste livro configuram-se como vivências históricas que circunscrevem as experiências vivas, externando e reconstruindo seu processo de formação, como também sua análise pessoal da realidade concreta, a partir da identidade de cada autor. Por meio da 'Pedagogia da Sedução', as aulas se tornaram momentos propícios ao exercício da liberdade e da criatividade, onde, sem medo, emitimos nossas opiniões e impressões acerca dos assuntos abordados.

A sensibilidade se caracterizou como uma dimensão pedagógica indispensável neste processo de aprender com liberdade. Percebemos o quanto, apesar de difícil, a experiência de relatar nossas histórias foi libertadora, pois algumas memórias podem nos levar a situações que muitas vezes queremos deixar guardadas e até esquecidas, contudo, compreendemos que este exercício de rememorar, pode nos trazer sentimentos de superação e leveza indescritíveis.

Essa experiência libertadora permitiu ainda reacender o desejo de realizarmos sonhos através do poder transformador da educação, assumindo projetos de vida como protagonistas de nossas histórias. O processo de escrita se consubstanciou em relatar vivências históricas e analisar fatos sociais, rompendo a rigidez da escrita acadêmica em busca de encontrar nosso lugar epistemológico no universo da produção do conhecimento.

Desse modo, querido leitor, através de seus sentidos, sinta-se convidado a mergulhar nesses relatos envolventes, plasmados de textos sedutores e reflexivos, que buscam desvelar, de forma genuína, histórias vivas em movimento, nas quais, através de suas memórias, os autores se propõem a levá-los a outros tempos e lugares, como também, por meio da escrita viva em sentido existencial, podem transportá-los a um contato vivo de experiências repletas de significados.

1

Ana Caroline Barbalho Rodrigues

Os caminhos que o José me ensinou: uma forma de pensar dentro de um contexto subjetivo

*Você escolhe, recolhe, elege, atrai, busca, expulsa,
Modifica tudo aquilo que te rodeia a existência.
Teus pensamentos e vontades
são a chave de teus atos e atitudes.
São as Fontes de atração e repulsão
na jornada da tua Vicência.
Não reclame, nem se faça de vítima.
Antes de tudo, analisa e observa.
A mudança está em tuas mãos.
Reprograma tua meta, busca o bem e você viverá melhor.
Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo,
Qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.
Francisco do Espírito Santo Neto*

Querido leitor,

Meu nome é Ana Caroline Barbalho Rodrigues, tenho 26 anos, sou natural de Assú – Rio Grande do Norte (RN), mas resíduo na cidade de Ipanguaçu/RN. Venho de uma família simples, onde a educação sempre foi prioridade, uma família onde vi meus avós e pais fazerem o possível e impossível para ensinar os valores e princípios para sermos pessoas do bem e termos uma formação acadêmica que nos possibilitasse uma maior chance de inserção no mercado de trabalho. E essa é a maior riqueza, aprendizado e experiência que carrego em meu coração: saber que posso amenizar os obstáculos da vida por meio da educação, e que só ela é capaz de transformar vidas.

Desde pequena sempre tive a oportunidade de somente estudar, ou seja, minha única obrigação era ser aprovada ao final de cada ano letivo. E foram todos os incentivos, conselhos, insistência de meus avós maternos que fizeram de mim a profissional que hoje sou. Estudei, fui forte e corajosa, me dediquei e nas próximas linhas descrevo meu relato de vida com base e em homenagem a alguém muito especial para mim.

Desde pequena até o início da adolescência, devo graças aquele que sempre dedicou suas manhãs para ir me deixar na escola em sua bicicleta Monark verde, o meu avô José (In memoriam).

Um homem negro, honesto, íntegro, sábio e de muito conhecimento de vida para partilhar com os seus. Naquele tempo transportes como moto e carro não eram de posse de todos! E como o meu avô sempre foi muito humilde, o único transporte que tinha em casa era a sua querida bicicleta verde.

Das mais lindas, pequeninas e mais remota memória que tenho quando era menininha e passava o dia na casa do meu avô, isso se dava pelo fato de a minha mãe passar o dia trabalhando, ficávamos eu e minha irmã Karina sob os cuidados do nosso avô José.

Minha única obrigação nas manhãs de segunda a sexta-feira era ir para a escola, estudar, tirar boas notas e ser aprovada para a série seguinte ao final do ano. Eu adorava ir para a escola! Dificilmente faltava, fixava os olhos no relógio para não perder o horário, o meu avô sempre foi muito pontual e nos orientava a ser assíduos. Quase que diariamente nos aguardava ansioso, naquela época ele era bem sadio e certamente às 06:00h da manhã já tinha feito de bom cuscuz de café da manhã. Como diz popularmente, eu tinha um avô do tipo que os netos pediram a Deus.

Durante o início da tarde, após realizar alguma tarefa escolar, comecei, mesmo que sem entender, a ter compromisso com as obrigações de casa e entender o quanto minha ajuda era necessária e bem-vinda. O meu avô me ensinou a lavar louças! Comecei pelos objetos de plásticos, seguidos dos de vidro até as “painéis de alumínio”, como eram chamadas naquele tempo. Com isso, toda tarde estava eu, em um pequeno “tamborete” lavando a louça suja do almoço enquanto o meu avô arrumava a casa e/ou preparava a janta. Minha irmã era a responsável pela louça do café da manhã porque estudava a tarde.

No cair da tarde, início da noite, a recomendação era a mesma, todos os dias: “Elizabete, vá para casa cedo com essas meninas. Amanhã você trabalha cedo, Carol tem aula e Karina vem para ficar

comigo”. Minha mãe assim fazia, me apanhava com sua mão direita e a minha irmã com sua mão esquerda para nos levar para casa e encerrar o ciclo daquele dia árduo.

Alguns anos se passaram, eu cresci e já cursava o Ensino Médio! Meu maior estímulo era ver a dedicação de sempre do meu avô e o empenho da minha mãe ao doar o melhor de si para poder pagar a mensalidade da escola onde estudava. Sim! O meu Ensino Médio foi cursado em uma escola da rede privada localizada na cidade de Assú – Rio Grande do Norte, cerca de 200 km da capital Natal. Meu maior estímulo para ir para a escola eram as aulas e demais atividades relacionadas à Ciência. Considerava os professores de Química, Física e Biologia como verdadeiros exemplos. Tanto é que, quando fui iniciar a graduação, escolhi o curso de Licenciatura em Química.

Em minha graduação, aqui enfatizo ter realizado um sonho coletivo! Por que um sonho coletivo? Fui selecionada e convocada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, O IFRN, instituição a qual meu tio materno mais velho elogiava tanto e sempre me incentivava a ingressar, instituição que era muito da vontade do meu avô me ver estudando e que era localizada em nossa cidade Ipanguaçu-RN, naquela época o IFRN era considerado a melhor escola da região e com os melhores professores capazes de formar excelentes profissionais.

Os anos do curso se passaram, fiz muitas amizades, conheci pessoas as quais tenho contato até hoje, realizei lindos trabalhos, tive a primeira e maior experiência de minha vida enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIIBID) e foi o lugar onde pude tentar retribuir todo e qualquer ensinamento, dedicação e amor que o meu avô José teve por mim durante os caminhos que foram trilhados até o dia da minha colação de grau no ano de 2017. Dia em que o convidei para ser meu padrinho de formatura! Nada mais digno e, posso falar, a maior honraria enquanto neta.



Fonte: FeF fotos e formaturas, 2016.

Seus poucos e pequenos cabelos brancos, bonitos, lisinhos, meu José tinha um olhar alegre, sorriso largo, profundo. Me conta coisas, me ensinava tanto, mesmo quando o contato não acontecia diretamente. Sua vida é cheia de histórias, desde as mais alegres até as mais tristes, o que não muda e nem diminui nas lembranças de antigas vitórias. Nosso José dava o seu melhor para todos os seus filhos, netos e bisnetos! Comigo não foi diferente! Afinal, o que seria de nós sem alguém ao nosso lado para nos apoiar, incentivar e nos alertar? Com o amor as situações ficam mais fáceis, os caminhos mais claros e os medos se dissolvem.

Em 2020, o mundo parou diante da pandemia acometida pelo Coronavírus (covid-19). Era difícil não ter medo e preocupar-se diante das dificuldades, perdas e falta de assistência/experiência que o Brasil e o mundo enfrentavam. Com o intuito de proteger os nossos, em especial o vô José, veio o isolamento social, onde ainda muito lúcido aos seus 95 anos com a distância se comunicava com os seus por videochamada. Era assim que eu o mantinha pertinho de mim e conseguíamos amenizar a saudade até que tudo aquilo passasse.

Em agosto de 2020, sem nenhum aviso, batalhei junto com meu avô por sua vida. Os primeiros sintomas da covid-19 surgiram e com eles o incansável medo! O exame veio confirmar o mais temido “positivo” que a família poderia receber. Firmes na fé como uma rocha que resiste aos intemperismos fiquei, pois, foi dada a mim, a missão de cuidá-lo para evitar outras contaminações que viessem a ser de maiores riscos. Que batalha! Batalhei com assiduidade! Mas, infelizmente, a partida do meu José aconteceu e foi doloroso observar de perto o sentimento de impotência que é gerado! Contudo, que satisfação ter sido escolhida para compartilhar de seus últimos dias e vida e tentar mais uma vez honrar o grande avô que ele foi para mim.

*[...] Eu já lhe falei de tudo
Mas tudo isso é pouco
Diante do que sinto
Olhando seus cabelos tão bonitos
Beijo suas mãos e digo
Meu querido, meu velho, meu amigo.”.
(Erasmu Carlos e Roberto Carlos, 1979).*



Fonte: Autoria própria, 2020.

É, em 2020 muitas coisas aconteceram, vi de tudo um pouco, mas sair com vida e meus familiares bem é certamente a maior dádiva diante dos muitos momentos de dor, chorei com outras pessoas, confesso. O som de várias buzinas escutadas era um velório, carro de som na rua com toque de recolher era apavorante! Tantos problemas acontecendo ao mesmo tempo, aumento da gasolina, luz, gás, minha única alegria era ver alguém vencendo e voltando para sua casa.

Hoje me resta muita saudade de você Papai (era assim que o chamava), sua boa e velha cadeira de balanço amarela ainda está na sala de sua casa, como se a qualquer momento eu chegasse lá e o senhor viesse ao meu encontro para conversarmos como de costume, o seu quarto está um vazio só. Nossa! Como o tempo passa depressa por nós! O seu riso banguelo também é uma lembrança viva em meus pensamentos! Penso que se Deus tem te concedido mais alguns outros anos de vida nós certamente vibraríamos daqui a aproximadamente um ano a minha conclusão no Mestrado Profissional.

Como isso não é possível, escrevo-te esse capítulo como forma de agradecimento, e mais ainda, de reconhecimento por tudo que fizeste por mim em vida.

"Foi no silêncio que ele nos deixou o maior ensinamento. Foi no silêncio e infelizmente no fim, que eu pude entender o que ele queria nos dizer. A vida é bela para nos preocuparmos com coisas desnecessárias. Não é preciso ter uma casa bela, um simples cômodo já me acomoda muito bem. É no silêncio que aprendi que nós enquanto estamos de passagem nesse mundo, não somos nada, e que não sabemos como e nem quando será o nosso último suspiro. Foi com meu avô que aprendi a dor da perda. A dor de não poder ter dado o meu último adeus, mas também aprendi que devo valorizar cada segundo que tenho com as pessoas que tanto amo. Não preciso de muito para ser feliz, porque o que mais me satisfaz não tem preço. Porque dizer que se a gente soubesse a hora que iríamos partir, faríamos muitas coisas diferentes? Faça de cada momento o que mais lhe agrada, não faça inimigos, dê valor a quem está conosco, porque podemos dormir e acordar já com

*Deus. Que lindo foi ver meu avô soltando foguetes e dizendo que chegou bem ao seu novo lar. Ficam agora as boas lembranças. Te amo para todo o meu sempre! E mesmo não podendo te ver, sei que está sempre presente comigo, e com todas as pessoas que te ama, e, que agora, você também intercede por nós. Se eu puder escolher, que eu morra no silêncio de um belo sono. Sua bênção olhe sempre por nós e descanse em seu novo lar!".
(Rafael Guimarães)*

E é a partir dessa experiência que conto nas próximas linhas o decorrer do caminho que ele me instruiu a percorrer.

No ano de 2012 a partir do ingresso no curso de Licenciatura em Química pelo IFRN – Campus Ipangaçu, e passando pelas experiências iniciais em sala de aula como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) durante os estágios supervisionados e posteriormente como professora da educação básica foi possível identificar e vivenciar dificuldades existentes na utilização de estratégias didática incorporadas à prática docente no ensino de química. Isso me motivou na busca pelo crescimento profissional demarcado pelo ingresso no Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (PPGECNM) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no segundo semestre de 2020.

A vivência no mestrado tem proporcionado uma vasta e crescente formação de conhecimentos sobre a prática docente e principalmente a aperfeiçoar os saberes necessários à atuação realizada ao longo da vivência profissional que garanta uma educação de qualidade aos alunos e a comunidade escolar a qual estou inserida, derivados especialmente das disciplinas de Desenvolvimento e Avaliação de Materiais Instrucionais, Didática das Ciências Naturais e Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação.

Não foi por acaso que pensei na disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação como

complemento para a realização do sonho do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), assim como um maior aprimoramento para a coleta de dados da pesquisa que está sendo realizada.

A disciplina tem proporcionado uma vasta e crescente Fonte para o desenvolvimento e procedimentos de técnica de pesquisa para a produção de meu projeto de pesquisa. Uma disciplina que só vem afirmar que a presença do sujeito na pesquisa qualitativista é indispensável e me fez repensar no principal e essencial papel que detenho em meu estudo enquanto portadora de informações. E é expresso na necessidade de pensar, sentir e na necessidade de expressar o meu interesse pelo desenvolvimento da subjetividade declarada que sigo encantada por esse tipo de pesquisa que tem me tornado a cada encontro de quarta-feira mais sensível, um dispositivo sensível.

Só me resta agradecer a Deus por tudo, por toda essa experiência vivida e registrada aqui nessas linhas, ele esteve sim contemplando minhas orações, tudo é por ele e no tempo dele, ele sabe de tudo e estar escrevendo a você que me lê agora é certamente uma das experiências que jamais esquecerei. Ame hoje! Sorria! Deus nos dá uma oportunidade a cada amanhecer! Tenha a sua família sempre como prioridade!



2

Antônia Magna de Souza Silva Cardoso

**O renascer
de um sonho**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95774.2

Trago nessas linhas a história de uma menina humilde que carregava consigo muitos sonhos e que apesar das dificuldades sempre lutou para realizá-los. No entanto, as circunstâncias mudaram alguns dos seus planos, sem que a mesma perdesse a esperança de conquistar àquilo que almejava. Nessa perspectiva, quero destacar aqui um pouco do meu percurso até esse momento, onde recorrerei para tanto, a uma narrativa autobiográfica, de modo a mergulhar em minhas memórias, pois estas, revelam os motivos que me fizeram enveredar pelos caminhos de hoje.

Nesse contexto, me utilizo do poema de Fernando Pessoa ao dizer, *“se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia, não há nada mais simples. Tem só duas datas - a da minha nascença e a da minha morte. Entre uma e outra todos os dias são meus.”* Nessa perspectiva, trago aqui nessas linhas um relato de vida, destacando a trajetória de um sonho que foi se apagando com o tempo, mas que renasceu dentro de mim com mais força do que outrora, e no qual tenho a plena convicção de que irei realizá-lo.

Me chamo Antônia Magna de Souza Silva Cardoso, sou natural da cidade de Umarizal-RN, sou casada, mas ainda não tenho filhos. Lembro-me que desde pequena já sonhava em ser professora, sempre achei linda essa profissão e me encantava a ideia de ensinar outras pessoas e auxiliá-las em seu processo de aprendizagem. Aluna estudiosa e esforçada, gostava de sentar nas cadeiras da frente e me dedicava muito aos meus estudos.

Minha mãe, que é também o meu maior exemplo, sempre enfatizou a importância da educação, destacando que somente por meio dos estudos teríamos a possibilidade de “mudar de vida”, pois éramos uma família muito humilde e ela se desdobrava com meu pai, para que nada nunca nos faltasse, sobretudo no que tange aos estudos.

Lembro-me da dificuldade que ela tinha para comprar nossos materiais escolares, mas fazia de tudo para que tivéssemos o caderno mais bonito, a “mochila da moda”, pois sabia que isso era uma alegria muito grande para nós. Via em seus olhos o quanto isso lhe custaria, mas percebia também a satisfação que tinha por estar nos proporcionando àquela felicidade.

Contudo, pelas poucas condições que nós tínhamos, desde cedo tive que conciliar trabalho e estudo. Dentre algumas funções que desempenhei, estavam as aulas particulares, onde por muito tempo lectionei nessa modalidade e tinha absoluta convicção de que era aquilo que eu queria para mim, ser professora.

Com o passar do tempo, fui enveredando por outros caminhos e o desejo pela docência foi aos poucos se apagando, no entanto, sempre soube que a educação seria a única maneira de me fazer alcançar meus objetivos. Desse modo, ao terminar o ensino médio, fui aprovada no vestibular para o curso de Ciências Econômicas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), sendo a primeira da família a cursar o Ensino Superior.

Lembro da felicidade que tive ao receber o resultado, pois na época, por não haver tantos programas de incentivo do Governo, como ocorre atualmente, o ingresso em uma universidade pública era bem mais difícil. Contudo, nunca me identifiquei com o curso, e só terminei o mesmo, pois sabia que de alguma forma seria importante para mim. Ademais, por acreditar no destino e na certeza de que nada é por acaso, apesar da minha pouca motivação com o curso, foi nele que conheci meu esposo e penso que esse foi o real motivo de eu ter sido aprovada em Economia, para encontrar a pessoa que eu partilharia os meus dias e que hoje é o meu maior incentivador.

No último ano do curso comecei a trabalhar como professora em uma escola do município. Me recordo o misto de medo e de alegria

que eu senti naquele momento, pois a profissão docente sempre foi algo que eu almejava fazer. Contudo, por não ter formação adequada para exercer a função, àquela fora uma experiência demasiadamente frustrante. A escola era situada em um bairro periférico e os alunos eram extremamente desobedientes e rebeldes. Tal realidade me fez repensar e cheguei à conclusão de que não me identificava com a docência.

Ao final daquele ano surgiu uma oportunidade para trabalhar em uma empresa do setor privado e eu prontamente aceitei e segui nesse emprego durante 12 anos. Desse período, fiquei cerca de 7 anos me dedicando somente ao trabalho, sem estudar, contudo, com o passar do tempo eu percebia que não era aquilo que eu sonhava para mim. Sabia que podia mais e queria buscar outros caminhos para minha vida. Tinha também a convicção de que a mudança da minha realidade dependia somente de mim e que para isso eu deveria sair da posição passiva e inerte que eu me encontrava.

Foi então que eu resolvi fazer minha inscrição para o Enem, percebi que nada cairia do céu e que eu deveria fazer minha parte. Percebi que eu estava tendo esperança no sentido de espera e não no sentido de esperar, assim como diz Freire (1992).

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

Fiz a opção por pedagogia pela UERN, no Campus Avançado de Patu, pois era o curso que eu queria fazer desde o início. Me alegrava a ideia de ensinar ao público infantil, pois lembrava-me da época que eu lecionava aulas particulares e do quanto eu me sentia realizada naquela função. Mas, o meu objetivo maior era uma “mudança de vida”, fazer um concurso e ter a minha estabilidade financeira.

OS CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Lembro que no início do curso meu plano inicial era tentar acompanhar as disciplinas, visto que eu sabia que seria muito difícil me dedicar de verdade, pois eu não teria tempo para isso, por causa do trabalho que era o dia inteiro. Então o meu objetivo era somente conseguir avançar, sem muita pretensão, unicamente para ter uma formação que me permitisse uma certa estabilidade.

No entanto, para minha surpresa, desde as primeiras aulas me senti encantada, me identifiquei bastante com Pedagogia e sentia que era àquilo que eu queria para mim. Consegui, portanto, reencontrar a boniteza de ser professor. Nas palavras de Freire (1997, p. 160), “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca e ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Percebi o quão mágico é a profissão docente, e tive a convicção de que àquele curso seria um divisor de águas na minha vida. Contudo, tive muita dificuldade de conciliar o trabalho, os estudos e as outras tarefas diárias, mas sempre dei o meu melhor e conseguia concluir os períodos com êxito.

Por ser perfeccionista, buscava a todo custo realizar as atividades com excelência, e através dos resultados positivos que vinham a cada passo dado, sentia que estava no caminho certo e que tinha capacidade para ir cada vez mais longe.

Quando consideramos a história possível e não apenas a história existente, passamos a acreditar que outro mundo é viável. E não há intelectual que trabalhe sem idéia de futuro. Para ser digno do homem, qual seja, do homem visto como projeto, o

trabalho intelectual e educacional tem de ser fundado no futuro. É dessa forma que os professores podem tornar-se intelectuais: olhando o futuro. (SANTOS, 1999, p. 14).

Durante o curso participei de alguns projetos de pesquisa e extensão, a saber: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Grupo de Pesquisa Formação, Currículo e Ensino (FORMACE), Programa de Residência Pedagógica (RESPED), pois sabia que essas experiências iriam agregar bastante na minha formação. Tais programas despertaram em mim o interesse pela pesquisa e pela busca de novos conhecimentos, como também contribuíram sobremaneira para minha formação.

Em agosto de 2021, concluí o curso e me vi a pensar cada vez mais sobre algo que me preocupava desde o início, que era o que eu faria após o término da faculdade, eu não queria fazer como na primeira experiência que me formei e tive que ir para outros caminhos que nada tinham a ver com a minha formação, pelo contrário, minha sede de estudar, pesquisar, adquirir conhecimentos e transformar a minha realidade eram/são cada vez maiores.

Como já havia perdido muito tempo, pois fiquei por um longo período sem estudar, agora eu não queria perder nenhuma oportunidade. Destarte, assim que terminei a faculdade, iniciei uma especialização, como também alguns cursos de capacitação, buscando formação continuada para me capacitar cada vez mais para atuar na minha área.

Assim, meu interesse pela disciplina, *Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas e quantitativas*, se deu em virtude dessa busca por novos conhecimentos, pelo desejo de pesquisar, como também de compreender os aspectos metodológicos da pesquisa, de modo a me preparar para os futuros desafios que eu buscava no tocante à minha formação continuada. Nas palavras de Freire, (1996, p. 16), “pesquiso para constatar, constatando,

intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

No entanto, percebi no decorrer das aulas, que muito pouco eu sei, pois, cada encontro é uma desconstrução e uma aprendizagem diferente que me estimula a querer aprender mais. As aulas são didáticas, e o professor, por sua vez, incentiva e incita a participação de todos, de modo que a interação e a troca de experiências entre os meus colegas torna o momento muito enriquecedor.

Algo que me despertou muita atenção foram as diferenças entre a pesquisa qualitativa e quantitativa, pois antes eu tinha outra visão das mesmas. Compreendo que saber identificá-las é algo que faz toda a diferença na pesquisa. Assim como o lugar epistemológico do pesquisador, como sendo um sujeito ativo que está imerso na pesquisa, não somente alguém que necessita de determinada informação e está lá para conseguí-la, sem que haja qualquer envolvimento no campo de estudo. “O pesquisador, na pesquisa qualitativa, é assumido como um sujeito que pensa, percebe, sente, expressa interesse pelo assunto que deseja pesquisar”. (GONZÁLEZ, 2020, p. 160). O pesquisador, é, portanto, um dispositivo sensível, que ocupa um lugar privilegiado na pesquisa, haja vista poder utilizar sua subjetividade plenamente.

Nesse contexto, a sensibilidade é uma característica indispensável nesse processo.

Não existe instrumento nenhum de “lápiz e papel” ou algum “dispositivo tecnológico” que possa exibir um grau de sensibilidade superior ao de uma pessoa devida e suficientemente treinada para atender às necessidades de uma perspectiva predominantemente qualitativa da pesquisa. (GONZÁLEZ 2020, 163).

Nesse contexto, compreendi por meio dessa disciplina que a pesquisa qualitativa não é um conceito, mas sobretudo uma vivência pessoal onde o pesquisador utilizando-se da sensibilidade é imerso no estudo e torna-se parte daquilo que está pesquisando.

Destarte, a experiência advinda dessa disciplina me trouxe uma aprendizagem enriquecedora. Eu, como aluna recém-formada, acredito que sou a que tem menos “bagagem”, pois ainda estou iniciando minha caminhada, enquanto a maioria dos meus colegas já estão bem à frente, pois já vêm de um longo processo de estudos e pesquisas. Para mim, é uma oportunidade ímpar, pois tenho aprendido bastante e espero absorver ainda mais. Assim como sei que também posso contribuir um pouco com os meus conhecimentos, haja vista a certeza do inacabamento e de que a aprendizagem é algo constante.

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos incerta no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança (FREIRE, 1996, p. 24).

Por fim, falo do professor, Fredy, que além de ser um profissional extremamente capacitado, é, sobretudo, um ser humano muito especial. Nos acolheu desde o início, nos deixa à vontade para opinarmos e participarmos, e vejo um desejo muito grande de sua parte, em fazer a diferença na nossa formação acadêmica, pois nos intitulou como, sonhadores e sonhadoras. Parafraseando Rubem Alves, o professor Fredy, tem a pretensão de nos encorajar o voo e nos deixar livres para voar.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Me sinto honrada por participar dessa experiência. Confesso que de início eu fiquei um pouco assustada e apreensiva, pois saí agora da graduação e já imaginava me deparar com pessoas que estivessem bem mais adiantadas e que isso poderia me fazer sentir inferior de alguma forma, mas para minha felicidade, nada disso aconteceu. Me sinto à vontade para trazer minhas contribuições e meu ponto de vista, e, agradeço principalmente ao professor Fredy por me permitir vivenciar essa experiência, como também aos meus colegas pelos muitos aprendizados compartilhados. Ademais, me sinto privilegiada por ter sido escolhida, dentre tantas pessoas, para participar dessa disciplina.

Acredito que esta já vem contribuindo bastante para a minha formação acadêmica, sei que tenho muito a caminhar ainda para alcançar meus objetivos, mas sei também o quanto que eu evoluí, e que com a força de vontade que é inerente a mim, vou realizar meus sonhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONSTRUINDO NOVOS CAMINHOS

Atualmente, estou trabalhando na minha área, atuo como Pedagoga em um programa da Assistência Social e essa experiência tem me trazido um aprendizado riquíssimo, além da satisfação de começar a colher os frutos que um dia eu plantei, à custa de muito empenho e dedicação. Ainda não estou no lugar que eu quero e batalho para estar, pois tenho muitos sonhos para realizar, como por exemplo, o mestrado que eu quero cursar para adquirir mais conhecimentos, mas cada pequena conquista é um passo muito importante na busca dos meus objetivos. Me sinto orgulhosa de mim, de cada meta alcançada por menor que seja e, principalmente por eu nunca ter desistido de correr atrás daquilo que eu idealizei para minha vida.

Diversas situações não saíram como eu planejei, inúmeras vezes eu tive que mudar os planos, os caminhos, tantas vezes eu não consegui realizar o que me propus, algumas vezes eu fracassei em coisas que eu tentei, mas desistir nunca foi uma opção para mim. No meio de tudo isso, houve também algumas vitórias que eu conquistei, momentos que as coisas deram certo, que eu subi mais um degrau para alcançar os meus objetivos, e isso é o que me faz seguir, a certeza de que eu sou a única responsável pelo meu fracasso ou sucesso e de que se eu sonho e quero alcançar algo, eu devo correr atrás disso independente das circunstâncias. Corroboro assim com Guimarães Rosa ao dizer, “a vida é assim: esquentada e esfria, apertada e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”. Coragem para resistir, coragem para correr atrás dos sonhos apesar das dificuldades, coragem para seguir.

Meu desejo é mostrar para minha mãe que valeu a pena todos os esforços que ela fez por mim, sobretudo no que tange aos estudos, e que ela estava certa ao falar que por meio da educação eu poderia mudar minha história de vida. Destarte, a minha trajetória, os caminhos que eu tracei me fazem a pesquisadora que eu sou hoje, com minhas inquietações, imperfeições, mas sobretudo uma pesquisadora esperançosa, que redescobriu a beleza de sonhar.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido/Paulo Freire. – Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GONZÁLEZ, Fredy. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, ISSN 2525-8222, v. 8 n. 17 (2020), p. 155-183. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322>. Acesso em: 15 Março 2022.

SANTOS, Milton. O professor como intelectual na sociedade contemporânea. *In*: São Paulo, Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, São Paulo, 9, 1999. **Anais...**: ENDIPE, 1999. v. III.

3

Carlos Eduardo Queiroz Pessoa

Experiências de vida insculpidas em palavras artesanais

INTRODUÇÃO

“Não estamos sós. Por isso, não aceito nunca a resignação nem o desespero. Um dia, a fome será vencida e haverá paz para todos. A última palavra neste mundo não pode ser a morte, mas a vida! Nunca mais pode ser o ódio, mas o amor! Precisamos fazer com que não haja mais desespero e, sim, esperança”.

Dom Hélder Pessoa Câmara

O interesse em cursar disciplinas no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU) do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) surgiu após uma árdua jornada existencial, permeada por muitas derrotas e conquistas, que me tornaram, a cada dia, mais forte e perseverante em vencer na vida. Como parte deste sonho de formação, este capítulo se tornou um grande incentivo à elaboração de meu projeto de pesquisa que resultou na aprovação ao processo seletivo do Doutorado em 2022.2. Além de fortalecer minha opção por atuar profissionalmente na área da educação, privilegiando o ensino e a pesquisa.

Este relato de experiência de vida é parte de um projeto inacabado historicamente. Trata-se de uma oportunidade de releitura de meu processo de formação humana, que possibilita profunda análise das condições vivenciadas socialmente. Tão necessária, do ponto de vista circunstancial e urgente, para se repensar o passado como um tempo presente que fundamenta a minha caminhada no mundo. O que pode contribuir para construir as bases de um novo projeto de vida, antecipando decisões importantes com projeções futuras, atuando mais consciente e determinado para contribuir com um mundo mais humano e fraterno através da educação.

Nascido em 29 de maio de 1979, criado por três mães, ao invés de um pai, minha educação caracterizou-se sempre como um

constante projeto de transcendência. Minha mãe biológica, Maria do Socorro Queiroz Pessoa, incentivou-me a perseverar com humildade e nunca abandonar meus sonhos, mesmo que parecessem inalcançáveis. Ela quem me alfabetizou para ler o mundo das letras sem perder a conexão simbiótica com o mundo da vida. Por isso, vencer os desafios da vida foi o fundamento de minha educação moral.

Minha avó materna, Eurydice Motta de Queiroz, constituiu-se como uma muralha inquebrantável de fé e coragem para vencer o mundo. Não cansava em me conscientizar sobre a necessidade de manter-me firme nos estudos, pois sua mãe, Alice Motta de Queiroz, fora uma Farmacêutica, formada na Escola de Farmácia do Recife, em 1922. Atual UFPE e curso de medicina, cujo diploma original de minha bisavó ainda guardo com muito respeito e carinho até hoje. Portanto, era preciso nunca deixar de estudar como proposta pedagógica de elevar minha estatura de consciência cidadã e, principalmente, jamais abandonar a esperança de vencer as estruturas de poder que inibissem minhas possibilidades de crescer como pessoa humana para ser feliz a realizar meus sonhos.

Minha convivência intrafamiliar era conspirada em torno de um projeto pedagógico de superar os limites pessoais, considerando, como parte de sua compreensão, os desafios sociais. Educado por uma Professora de matemática da Educação Básica do Ensino Público, em Afogados da Ingazeira, cidade distante 386km de Recife, capital multicultural, meu processo de formação foi repleto de oportunidades para vivenciar o universo da cultura, arte, esporte e lazer.

A Professora de Matemática, Alice Motta de Queiroz, irmã de minha mãe, tornou-se a minha referência moral de ser humano determinado, corajoso, solidário e com grande capacidade de discernimento para compreender que a vida requer muita coragem. Uma síntese expressiva de intelectual engajada politicamente. Uma guerreira firme sempre em busca de uma educação inclusiva com mais responsabili-

dade social. Sem nunca demonstrar perder a esperança na capacidade de acreditar no ser humano, considero uma educadora obstinada a transformar o mundo.

No Colégio Normal Estadual (CNE), iniciei minha trajetória de vida dedicada aos estudos, sempre acompanhado, pedagogicamente, por tia Prof^a Alice Motta. Motivado a participar dos processos decisórios, dentro e fora dos muros da escola, como exercício permanente de construção de espaços democráticos em defesa da cidadania, descobri que educar é compreender o mundo, a fim de transformá-lo, historicamente. As marcas de uma pedagógica revolucionária estão impregnadas, profundamente, em minha consciência social.

No CNE, descobri que educar é sobretudo um ato de amor que pode transformar, radicalmente, uma pessoa para o resto de sua vida. Isso porque tive a oportunidade de conjugar o ensino disciplinar teórico ao pragmático, mediado por minha tia Prof^a Alice Motta. Ela era uma líder obstinada a vencer estruturas de poder. Incentivadora de todos os movimentos relacionados à organização e mobilização de professores(as) e alunos(as).

Eu sempre participei, desde muito cedo, de toda dinâmica escolar. Não sabia, mas hoje acredito que se tratava de uma etapa importante de formação pedagógica em minha vida, estrategicamente pensada. As experiências no ensino público me projetaram como militante estudantil, atleta escolar e, principalmente, forjaram a consciência de um cidadão comprometido com a democracia e defensor implacável da dignidade da pessoa humana.

Como aluno especial, cursar a disciplina do Professor Doutor Freddy Enrique Gonzáles, “Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas e quantitativas”, tornou-se uma oportunidade significativa para problematizar e aprender mais sobre os principais temas que envolvem os desafios, avanços, limites e

retrocessos para a construção do conhecimento científico em educação. Ajudou a reconhecer a experiência da vida social a partir de um olhar atento aos fenômenos do mundo através de uma perspectiva holística.

Os encontros de discussão, durante as aulas, foram produtivos porque se revestiram de espaços de diálogo aberto, cordial e amparado em fundamentação científica. A variedade de formação acadêmica e profissional do corpo discente enriqueceu, substancialmente, as análises, promovendo confronto de ideias. Isso auxiliou na reconfiguração da compreensão do substrato teórico, enquanto proposta pedagógica, capaz de fomentar a problematização dos conteúdos da base do programa da disciplina.

A dialética, como método de aprendizagem, consolidou um ensino que inseriu os discentes como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem. Integrou, metodologicamente, as dimensões da teoria e empiria de acordo com suas vivências em sintonia com o conteúdo científico selecionado para discussão à luz dos problemas da realidade social. As aulas eram encontros de reflexão crítica como espaço privilegiado para se exercer a liberdade de pensar.

Foi uma jornada de grande aprendizado participativo que promoveu a liberdade criativa para refletir sobre minha pesquisa com ganho de uma consciência mais depurada cientificamente. Além de contar com a participação dos matriculados, compartilhando experiências acerca de suas propostas de pesquisas, a disciplina me levou a repensar meu protagonismo histórico como professor, acadêmico e cidadão em processo de formação permanente. Tudo isso consolidou ainda mais minha opção por militar como defensor de uma educação democrática, participativa, inclusiva, pública, laica e gratuita.

Nesse sentido, descobri que meu “lugar epistemológico” é um campo de sentido subjetivo que pode projetar uma visão social de mundo. A revelar meu interesse em me dedicar a compreender a

contribuição da Rádio Pajeú de Educação Popular para o processo de alfabetização de jovens e adultos no âmbito do Movimento de Educação de Base. Tema de interesse que surgiu como condição antropológica de uma experiência de vida, indelevelmente, nutrida dentro dos movimentos estudantis e pastorais da igreja católica.

Por isso mesmo, consegui entender melhor que se torna necessário utilizar-me do aparato metodológico das pesquisas qualitativas como proposta de pesquisa para compreender o sentido da experiência social do sistema radiofônico da Rádio Pajeú em Afogados da Ingazeira, sertão de Pernambuco. Esta intenção de investigação foi desvelada como fenômeno no mundo da vida de minhas experiências ao perceber que a audiência na cidade era notoriamente manifesta, durante coleta de dados de pesquisa do Mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande-PB. (UFCG).

Cursar a disciplina, portanto, revestiu-se de uma grande oportunidade para o despertar heurístico, que refinou a percepção analítica de minha existência como ser no mundo. Entendida como um processo de instrumentalização emocional e racional, que pode me levar a descobertas de fenômenos que certamente serão compreendidos, mais em profundidade e em sua densidade, depurados com o auxílio de procedimentos técnico-científicos.

NASCER DE UM SER CIDADÃO

Minha infância escolar caracterizou-se como uma oportunidade de vivenciar a liberdade com responsabilidade. Lema de vida sempre reforçado por minha amada tia, Professora Alice Motta. Ainda hoje sua voz ressoa presente, mesmo após seu falecimento: seja livre meu filho!

E nunca abandone a sua responsabilidade diante de suas escolhas... É como se só mais recentemente conseguisse metabolizar as palavras em profundidade de experiência existencial, significando dizer que a liberdade é condição ontológica de nosso ser.

Somos condenados à liberdade. Sartre (1973), filósofo francês, defende que a existência precede a essência. Enquanto ser não somos nada. Nossa existência é projeto infinito de possibilidades como condição fundamental de exercer nossa liberdade em decidir o que desejamos nos tornar como ser no mundo. Por isso, somos radicalmente livres para assumir nossa existência que se constrói a partir de nossas escolhas. Embora não tenhamos consciência disso, somos projeto das consequências de nossas decisões. É preciso assumir a responsabilidade sob justificativas que fundamentam nossas opções para atuar no mundo, vigilantes às consequências e abertos a repensar sempre nossos posicionamentos, sobretudo eticamente. Mas é preciso discernimento para escolher o mais justo e promover o bem.

Considero que minha educação familiar se baseava no permanente diálogo como proposta de conscientização (FREIRE, 1980). A minha família tinha uma composição de organização hierárquica baseada na autoridade afetiva. Usufrui de um lar repleto de amorosidade, preocupado em cuidar de meus sentimentos e do relacionamento entre meus dois irmãos. Apesar de qualquer dificuldade, a proposta de abertura permanente e escuta atenta aos sinais de descoberta ao viver, como projeto de humanizar-se, socialmente, priorizou o acolhimento fraterno. Traço característico de um núcleo de composição familiar organizado por mulheres: a força moral do poder era matriarcal. Sem barreiras ideológicas e recriminatórias que impedissem a valorização do aprendizado com o sentido da experiência social.

Diante da ausência de alguma condição material de vida, desfrutamos de uma educação que nos projetou como pessoas capazes de procurar não fazer distinção de qualquer natureza ao nos relacio-

narmos com outras pessoas. E hoje percebo os benefícios desta formação que rompeu com os padrões heteronormativos estabelecidos culturalmente, por uma sociedade muitas vezes machista, homofóbica, lebosfóbica, misógina e racista.

Talvez por isso, meu maior interesse era quase sempre voltado para as atividades extracurriculares. Teatro, arte, esporte, música faziam parte da pedagogia infanto-juvenil como atividade complementar, integrante de minha formação ética e estética. Sabiamente, minha tia me introduziu no mundo da reflexão social como pressuposto de construção da pedagogia cidadã (BRANDÃO, 2002). Nas aulas de teatro, descobri, ainda criança, que a sociedade é também um pacto estabelecido por interesses, permeados por busca de prestígio, poder e dinheiro.

Uma compreensão mais sociológica preliminar de propedeuta comprometido em aprender as contradições da sociedade fez despertar meu interesse com as disciplinas da área de humanas. Era a compreensão da sociedade, a partir de uma perspectiva crítica de construção das relações sociais, que me direcionou para uma visão utópica de acreditar na transformação da realidade social (FREIRE, 2003). O contato com a disciplina de história e geografia estabeleceu as bases epistemológicas que fortaleceram minha opção por atuar, politicamente, no movimento estudantil.

Aos doze anos, participei da fundação do grêmio estudantil no CNE em Afogados da Ingazeira PE. As reuniões e discussões, em torno do projeto de uma política estudantil, fascinou-me como proposta de assumir meu papel cidadão junto às lideranças populares. Com o grupo de alunos(as) jovens, incentivo familiar e do corpo docente, conseguimos instituir uma política pedagógica forte de incentivo ao esporte. Recrutando muitos talentos para o maior evento da região, os Jogos Escolares. Dez dias de competições de distintas modalidades, com participação de inúmeras cidades e dezenas de escolas estaduais da circunscrição da Gerência Regional de Educação do Sertão do Alto Pajeú (GRE).

Como etapa preparatória aos Jogos Escolares, reformulamos e ampliamos os Jogos internos do CNE. Tratava-se de um amplo movimento de articulação estudantil que organizava as competições poliesportivas, entre as diversas turmas e alunos das respectivas salas de aulas, conforme idade e modalidade escolhida pelos discentes. Esse grande evento consolidou-se como estratégico sistema de formação pedagógica. Uma vez que promovia a participação efetiva dos alunos(as) nas esferas de planejamento, organização e execução da política pedagógica no âmbito da promoção esportiva do CNE.

Na minha trajetória de formação humana, o esporte forjou o compromisso do cidadão consciente da necessidade em lutar por mais transformação social. A superação das provas do atletismo me colocou em confronto com os desafios concretos da vida. Em permanente contato com estudantes e atletas, comecei a perceber que o esporte, além de promover a disciplina para superar desafios, integrava e revelava os problemas das diversas classes sociais.

Duas pessoas importantes marcam muito este período de conscientização política através do esporte. Antônio de Pádua, professor de educação física, e Carlos Klério (Kelinho), monitor do atletismo, eram lideranças simbólicas da materialização da sabedoria de vida com racionalidade pragmática em ação. Não mediam esforços em busca de educar os atletas para superar o ensino baseado na repetição mecânica de executar movimentos a partir das baterias dos exercícios físicos de cada modalidade esportiva.

Era preciso considerar os resultados no esporte como uma profunda oportunidade para se construir possibilidades de superar qualquer limite na vida (FREIRE, 1992). Tratava-se, sem dúvidas, de uma pedagogia de transcender, primeiramente, os limites instituídos no âmbito da subjetividade, considerando não aceitar barreiras intransponíveis a quem desejasse vencer suas dificuldades. Os ensinamentos se tornaram quase mandamentos estatuídos por uma comunidade de fé

em estabelecer objetivos como pressuposto para alcançar resultados, a fim de construir um projeto de vida de realização humana, mesmo parecendo impossível superar os desafios.

A ação era determinante na construção de uma nova compreensão abstrata da realidade concreta. Era preciso decidir agir a partir de novos horizontes estratégicos e metodológicos para se alcançar novos resultados com o sucesso no esporte. Esta mudança permanente de redirecionamento de pensar e agir, a fim de transformar a realidade, introduziu-se na minha vida como diretriz pedagógica fundamental de ser que pensa o que faz e faz o que pensa. A consciência crítica de análise histórica se consolidou como ferramenta metodológica de ação política (KOSIK, 2002). Eu renascia como pessoa humana insculpido por experiências sociais que me tornaram mais consciente de minha liberdade para pensar, ser e agir no mundo.

No atletismo, os alunos em maiores condições de vulnerabilidade social estavam mais presentes e figuravam, talvez contraditoriamente, entre os melhores atletas. Entretanto, enfrentavam falta de apoio público e privado. A cada ano os índices dos recordes alcançados, nas diversas provas do atletismo, eram motivo de orgulho entre os atletas e professores. Mas nada mudava em relação a superar as precárias condições dos atletas para participar de eventos regionais e nacionais. Parecia que nossos recordes eram apenas vitrine de divulgação política das autoridades locais. As dificuldades de subsistência básica de vida de muitos atletas estavam invisibilizadas, sobretudo para a sociedade.

Essa situação se tornou a chave de articulação política com familiares e vários professores na cidade. Como conciliar esporte, educação e cultura em torno de um projeto político de incentivo aos atletas? O movimento estudantil cresceu e ampliou seu campo de poder de mobilização social, a fim de tentar atenuar os efeitos deletérios de ausência de assistência financeira e técnica. Então a atuação estudantil passou a compreender que os problemas enfrentados pelos atletas

também se tratava de um sistema de poder político reflexo do processo de formação social do povo brasileiro (RIBEIRO, 2015).

O contato com as autoridades políticas e representantes institucionais da sociedade civil organizada conseguiu avanços no sentido de apoio para viagens e aquisição de material especializado para vários esportes. Uma comissão de atletas reconhecidos por seus resultados em competições regionais acabou decisiva como canal catalisador de negociação de acordo com as demandas das Escolas e seus respectivos alunos.

Este contexto de intensa negociação política fazia parte do processo de formação de minha época de estudante secundarista. Campo de atuação muito propício para exercitar o contraditório como estratégia política de construção da cidadania através da luta por mais direitos sociais.

FÉ E RAZÃO: DIÁLOGO EM PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

A partir das experiências com o movimento estudantil participei da vida pastoral da Igreja Católica. Como sede da Diocese, Afogados da Ingazeira, projetou-se cidade polo da região do Pajeú. Termo cunhado devido ao rio que entrecruza Pernambuco, eternizado através da canção “Riacho do Navio” de Luiz Gonzaga, e seu principal parceiro de composição, Zé Dantas, filho de Carnaíba-PE. Região com bispos católicos proeminentes no cenário da política nacional, o Sertão do Pajeú é berço da poesia popular, além de escritores e líderes políticos na esfera do poder da política Estadual.

Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho, cearense e nomeado segundo bispo afogadense, em 24 de agosto de 1961, era

conhecido como “Profeta do Pajeú”. A história eclesial diocesana ganhou notoriedade com sua atuação no combate ao regime ditatorial, incentivando a organização sindical. Com forte atuação profética na denúncia dos problemas sociais do Nordeste, sempre em defesa dos excluídos e do homem do campo, era ao mesmo tempo amado e odiado em Pernambuco.

Com um longo episcopado de mais de quarenta anos, a diocese tinha marcante atuação pastoral. Enquanto bispo conciliar, Dom Francisco incentivou abertura e atuação das paróquias de acordo com as novas diretrizes teológicas e eclesiais do Concílio Vaticano II. Nesse sentido, a participação dos “leigos católicos” deveria ser decisiva para a construção de uma nova igreja comprometida com a dignidade humana. Principalmente, consciente de seu papel na promoção da justiça social e da construção da paz no mundo (KLOPPENBURG, 1962).

A efervescência dos movimentos sociais, durante o processo de redemocratização do país, foi legatária de iniciativas populares que consolidaram um novo horizonte missionário de setores progressistas da Igreja Católica. Isso permitiu a deflagração de formação pastoral de lideranças católicas que fomentaram maior atuação do laicato no âmbito da organização da sociedade civil e da militância católica na política partidária. Ainda adolescente ingressei na Pastoral da Juventude quando dei início a ampliar minha rede de relações para fora dos muros dos limites do mundo escolar.

A descoberta de uma Teologia Pastoral preocupada com a missão da Igreja Católica, em sintonia com as experiências populares, tornou-se fundamental para vivenciar uma espiritualidade religiosa revolucionária. Isto porque a fé, como uma dimensão humana, só tem sentido verdadeiramente místico, quando passamos a compreender que é preciso superar qualquer condição de opressão histórica. Para isso, é necessário repensar o sentido religioso da própria fé, tendo como pressuposto reconhecer que a história é o tempo sempre

presente de encontro com um Deus comprometido com a liberdade de seu povo (GUTIÉRREZ, 1975).

Na Pastoral da Juventude, a experiência de fé da religiosidade popular me transformou, radicalmente, como cidadão e cristão. A dinâmica da vida pastoral se consubstanciou em experiência de fé na política como horizonte de organização social essencial à emancipação humana. Apesar de hoje reconhecer que o ser humano não precise necessariamente de uma religião institucional estabelecida para fazer sua experiência de fé; acredito que a religião pode colaborar como instrumento de conscientização política, desde que esteja de fato a serviço de intensificar a organização do povo a discutir seus problemas. Tornando-se espaço de construção de decisão comunitária em defesa da cidadania e da efetiva participação popular. Para assumir seu protagonismo histórico a partir de uma visão crítica de sociedade e da própria religião (LÖWY, 2000).

Dentro da religião institucionalmente reconhecida é possível fazer uma legítima experiência de fé, muito embora não precisemos necessariamente professar uma religiosidade para manifestar a Deus ou reconhecê-lo enquanto experiência mística. O fato importante é que minha vivência religiosa contribuiu muito para fortalecer a esperança numa sociedade mais justa socialmente e fraterna politicamente.

Um catolicismo que defenda a manifestação da liberdade religiosa, respeitando a diversidade cultural da humanidade, pode contribuir para nos conduzir a uma ética global, integrada a determinada experiência de fé, consubstanciada a uma unidade de consciência social em defesa da vida, respeitando a biodiversidade do planeta. Na Escola de Fé e Política diocesana, aprendi que a pluralidade ideológica, política, ecológica e religiosa pode se constituir como espaço fértil para produção de decisões colegiadas de acordo com os interesses comunitários.

A partir disso, vivenciei a construção de políticas públicas mediadas por inúmeros representantes dos poderes constituídos e da sociedade civil organizada. Tratou-se de uma oportunidade de entender o conflito de relações de poder norteadas por negociações entre o povo, a classe política e as autoridades religiosas. O povo precisa assumir maior protagonismo político em todas as esferas de poder, participando das instâncias de decisão e reconhecendo a necessidade pautar a agenda de governança através de cargos públicos. O pacto social do poder político é preciso ser repensado com a participação efetiva do povo.

Presenciei muitas discussões e audiências públicas promovidas pela Escola de Fé e Política diocesana sobre temas de interesse da sociedade. A consequência da ausência de interesse popular pela política pode ser desastrosa. Não participar das esferas do poder público torna a sociedade altamente vulnerável aos interesses dos poderosos. Minha impressão é de que a sociedade jamais pode deixar de acreditar na política como forma de organização social e, principalmente, como instrumento necessário para transformar a realidade da população, a fim de instituir políticas públicas que atendam as verdadeiras necessidades dos mais vulneráveis socialmente. A política não pode ser um pacto de poder estabelecido pelas elites!

Através desta convivência conflituosa proveniente da luta por mais participação política, decidi ingressar no seminário diocesano católico. A decisão estava fundamentada na possibilidade de fazer uma experiência religiosa como proposta de exercer o sacerdócio, tendo em vista ajudar a transformar a sociedade ao fazer uma opção radical preferencial pelos mais pobres. De 2001 a 2004, foram quatro anos de muito aprendizado que me tornaram um cidadão mais consciente sobre meu papel histórico, considerando o poder político e religioso.

Essa relação entre política, religião e fé pode ser tormentosa socialmente. Muitas vezes a mensagem dos Evangelhos acaba manipulada de acordo com os interesses das autoridades religiosas para

manipulação política da sociedade. Dentro do seminário católico existem inúmeras correntes ideológicas que introjetam conflitos de interesses que afetam os seminaristas em processo de formação ao sacerdote. A igreja também reflete o jogo político pelo poder da sociedade e reproduz suas contradições intraeclesiais.

Em 2004, a decisão de sair do seminário, São João Maria Vianney, em Campina Grande-PB., livre e deliberadamente, após cursar a filosofia, foi motivada mediante uma profunda contradição que se apresentou como inconciliável do ponto de vista ético: a manipulação religiosa da fé se manifesta muito perigosa politicamente. Dentro dos muros eclesiais da Igreja Católica, a busca por poder, prestígio e dinheiro corrompe demasiadamente o sentido teológico da própria Escritura Sagrada. Reflexo da guerra histórica permanente eclesiológica resumida no cristianismo católico, entre conservadores e progressistas (SERBIN, 2001).

O Jesus dos pobres pode ser uma arma religiosa usada a serviço do poder do clero. O confronto ocorre desde a concepção teológica e litúrgica até a prática pastoral vivenciada por sacerdotes, religiosos consagrados e o laicato católico. A autoridade atribuída secularmente ao clero se fortalece por prerrogativas divinas plasmadas ao poder da força institucional da igreja. Entre céu e inferno, o clero tem a atribuição de julgar a humanidade, absolvendo os pecados de quem se degenera moralmente à luz dos desígnios das Sagradas Escrituras (MICELI, 1988). Ao mesmo tempo é uma instituição marcada por crimes infames à humanidade. Apesar dos grandes testemunhos de fé históricos que sacrificam suas vidas consagradas à Cristo, fora e dentro da Igreja Católica, os crimes sexuais devastam a autoridade moral do cristianismo judaico-cristão.

A doutrina do catolicismo cristão é a base das diretrizes dogmáticas a estabelecer o juízo escatológico de observância obrigatória ao povo cristão. A conversão ao cristianismo deve nortear a vida de quem deseja superar o mundo do pecado, antes do retorno de Cristo.

O processo catequético católico, portanto, preconiza uma necessidade de transformação moral do ser humano, alicerçada em valores teológicos circunscritos ao domínio do poder religioso exclusivo da Igreja Católica (BOFF, 2005).

O medo de uma vida terrena pecaminosa sustenta também a fé do cristianismo. Como Deus, deliberadamente, delega ao clero o poder de julgar a humanidade na terra, a religiosidade católica fica aprisionada à vigilância divina onipresente de uma instituição cuja legitimidade social é secular. No entanto, o peso de dominação institucional católica instaura-se mediante pactos políticos celebrados entre a elite do poder civil e a igreja em busca de consolidar sua hegemonia sobre o povo. Uma aliança política e religiosa alvissareira no âmbito da manipulação da fé que, muitas vezes, exige subverter o conteúdo teológico dos textos sagrados em contextos de crise. Isso pode comprometer a força moral da autoridade eclesial e, sobretudo, desfigurar a missão pastoral da igreja católica (MICELI, 1988). Mas ainda mantém o poder institucional da igreja fortalecido sob o domínio ideológico do clero sobre o povo com o consentimento das classes dirigentes, ambos abençoados supostamente por Deus.

A prática pastoral da missão evangelizadora católica confronta-se com sua doutrina social, principalmente, depois do Concílio Vaticano II. No seminário católico em Campina Grande-PB., a experiência de frequentar, por quase quatro anos, os presídios da cidade foi reveladora desta contradição que opõe a mensagem bíblica do próprio Jesus Cristo em relação à experiência de fé do povo. Minhas visitas, com a equipe pastoral, denominada à época “carcerária”, ao Presídio Regional Raimundo Asfora (Serrotão), o maior da cidade, tornaram-se oportunidade mística de fazer uma experiência de fé transformadora existencialmente.

Na verdade, realizei uma experiência mística com a mensagem de Cristo dentro do presídio, em convivência com os cidadãos presos, significativa teologicamente e profunda religiosamente, mais que

dentro dos muros estéreis do mundo eclesial. A convivência com os apenados trouxe-me convicções de fé profundas porque possibilitou a releitura de sentido existencial de minha vida. Uma oportunidade de refundar a compreensão ontológica de nosso ser talvez se caracterize por superar dogmas concebidos do ponto de vista cultural. Recriar-se, como pessoa humana, é romper radicalmente com as convicções éticas e morais estabelecidas socialmente.

Por isso, redescobri a fé religiosa, enquanto uma experiência mística de reconhecer o sagrado, capaz de superar os ditames institucionais doutrinários rígidos dos cânones católicos. A “pastoral carcerária” me questionou sobre meu papel histórico no mundo depois de compreender que Deus não é uma entidade divina pertencente a uma instituição religiosa. Trata-se de uma experiência de vida calcada em manifestar a esperança em acreditar no amor como fundamento de fé para se fazer o bem em busca de se viver em paz e promover a justiça. Fé é a esperança que acredita na mudança...

Esta compreensão de um Deus que se revela humano transcende modelos preconcebidos doutrinariamente. Surge como possibilidade de nos reencontrar com o mistério de nosso ser enquanto Fonte inesgotável de transcendência. Superar os limites de nossa existência é algo que nunca se poderia questionar, pois, mesmo diante de tanta barbaridade, pode se instaurar a melhor oportunidade de reconciliação humana e reconstrução de vida. O Deus encarnado que se fez homem pode transcender até à morte. Ressuscitar é acreditar em uma nova vida!

Não se quer com isso defender o criminoso ou atenuar as consequências dos delitos, mas conseguir deixar claro que, socialmente, deve-se lutar em defesa de uma cultura de paz. Combater a violência com educação de qualidade, acesso à saúde, maior distribuição de renda e emprego, fortalecimento da democracia e dos poderes republicanos. São diretrizes óbvias que custam vidas historicamente. Por não serem implementadas enquanto projeto político efetivo que transforme radical e profundamente as estruturas de poder da sociedade brasileira.

No presídio masculino e feminino, constatei as consequências de uma sociedade escravocrata e desigual economicamente. Negros, pobres e, em geral, desempregados fazem parte de uma das maiores populações encarceradas do mundo. Abandonados pelo poder público, estigmatizados pela sociedade e desintegrados de seus laços familiares, restam lançados às estruturas do crime organizado, que comandam o sistema prisional. Como parte de sua condenação, o crime além de destruir pessoas humanas, alimenta-se da fragilidade do poder estatal, conivente com a brutalidade da tortura e corrupção dentro e fora dos presídios.

Meu processo de formação acadêmico, durante o curso de Licenciatura Filosofia no seminário, também contribuiu para construir uma decisão de abandonar o projeto religioso ao sacerdócio diocesano. O contato com obras de pensadores existencialistas fundamentou minha convicção acerca da possibilidade de assumir uma vida civil sem precisar me tornar dócil e obediente à autoridade do poder eclesial. Pensar é um ato de liberdade revolucionário.

Por essa razão, resolvi não cursar a graduação em teologia e sair do seminário, tendo me casado posteriormente e consolidar uma vida “leiga” realizado como pai, esposo e cidadão consciente de minha atuação no mundo comprometido com a verdade e a transformação da sociedade. A graduação em Direito me trouxe mais consciência política com compromisso social, após reconhecer que o arcabouço legal brasileiro é mera reprodução da gigantesca desigualdade econômica. Pode mais quem tem mais poder. Isso significa dizer que penalmente a legislação pune mais severamente os pobres.

O curso de direito me trouxe novos horizontes de compreensão sociológica da sociedade. Consegui refinar minha visão jurídica e política, avançar na compreensão teórica sobre a formação histórica autoritária, excludente e perversa de nossa sociedade. Como militante da política estudantil universitária, um mandato de secretário geral e eleito

presidente do diretório acadêmico de Direito da ASCES em Caruaru PE. - Gilberto Freitas de Araújo -, fundado há mais de sessenta anos, consegui realizar intercâmbio, como aluno bolsista, através de processo seletivo para a Universidade de Valência na Espanha, em 2008.

A experiência internacional serviu de reforço cultural para acreditar no meu potencial acadêmico. Revelar que nunca poderia deixar de acreditar em minhas virtudes como pessoa vocacionada à transformar vidas pela educação. Após realizar uma monografia cujo tema versou sobre a redução da maioria penal no Brasil, decidi realizar um mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que me colocou em contato com o povo de minha cidade natal.

Isso permitiu compreender que minha relação com os movimentos sociais estudantis, religiosos fortaleceram a opção em me dedicar à educação como área privilegiada para lutar por uma sociedade mais democrática, plural, tolerante e participativa. O doutorado em educação certamente consolidará uma nova etapa em minha trajetória de vida atenta à formação política com militância no âmbito da atuação cidadã, comprometido com a transformação da sociedade, dedicado à educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato autobiográfico é uma oportunidade de reencontro com seu processo de formação, considerando os desafios de uma vida no contexto de uma sociedade profundamente desigual economicamente, autoritária politicamente e violenta socialmente.

Torna-se um privilégio para poucos que ainda conseguem superar os desafios de uma vida humilde, proveniente do sertão

pernambucano, poder cursar disciplinas no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN. Oportunidade que propiciou reconhecer a necessidade acadêmica de confrontar o ensino científico e tecnicista com uma pedagogia aberta ao diálogo, democrática, inclusiva e participativa.

Não obstante os desafios do ensino remoto, considero que o manuscrito autorreflexivo se consolidou como estratégia metodológica criativa de exercer a liberdade de pensar para além das estruturas consagradas academicamente. Na verdade, revestiu-se de atividade que aparentemente cingiu-se insignificante, diante dos padrões rigorosos do mundo acadêmico, mas que superou muito minhas expectativas, quando passei a perceber que estava produzindo conhecimento amparado em fundamentação científica.

Por essa razão, redescobri minha capacidade de dialogar com as Fontes epistemológicas consagradas de maneira crítica, sem perder a capacidade de construir conhecimento a partir da possibilidade em me manter vigilante à mera reprodução técnica de argumentos baseado em autoridades científicas. Este processo de emancipação epistemológica foi fundamental para superar os limites de um ensino conservador e dogmático, estabelecido por um sistema de educação desatento pedagogicamente ao potencial criativo do aluno.

Nesse sentido, um ensino que se comprometa em vencer o medo de ser e pensar que degenera o nosso existir é revolucionário. Com efeito, a experiência de um ser que se torna livre para pensar criticamente e superar os limites, a partir da reelaboração de seus próprios valores culturais, caracteriza-se como uma prática emancipatória no âmbito da educação.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **Igreja**: carisma e poder, ensaios de eclesiologia militante. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Popular na Escola Cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975.
- KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1962.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses**: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Global Editora, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril S.A., 1973.
- SERBIN, Kenneth. P. **Diálogo na Sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

4

Claudete Costa Quaresma Ranieri

Navegando nos sonhos e no interior da imaginação

*[...] para mim, é impossível existir sem sonho.
A vida na sua totalidade me ensinou
como grande lição que
é impossível assumi-la sem risco. (*
Paulo Freire)

O texto aqui apresentado é fruto da disciplina - Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas e Quantitativas, ministrada pelo magnífico professor Dr. Fredy Enrique González que faz parte do grupo de educadores do Programa de Pós Graduação em Educação- PPGE 4202 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Começo meus relatos navegando primeiro pela memória dos meus pensamentos, sonhos e trajetos que venho constituindo enquanto pessoa, uma cidadã em um universo plural de constante aprendizado que internalizou sonhos e memórias cultivadas pelos seus pais.

Lembro-me com alegria, quando tinha cinco anos, das falas de incentivo do meu pai que dizia: “*minhas filhas serão alguém na vida. Serão professoras*”. As palavras fortes e proféticas ecoaram e ecoam na minha memória despertando o desejo de aprender para “ser professora”. Nas brincadeiras, com meus amiguinhos, da pequena vila onde morávamos, lá estava eu na sala de aula sendo a professora.

Hoje reflito sobre a frase dita pelo meu pai e na minha imaginação vem o contexto de vida e a condição em que vivíamos, um lugar pequeno, sem condições de emprego formal, casa de madeira com dois cômodos. Meu pai, marceneiro de profissão que acordava muito cedo para trabalhar artesanalmente esculpindo madeira para fazer mesas, cadeiras, estantes, e outros móveis encomendados por poucas pessoas da pequena vila. Entendo que para o meu pai aquela vida não era fácil, pois trabalhava duro, semanas e até mesmo meses para concluir uma única peça e levar dinheiro para casa. Maquinários eletrônicos eram artigos de luxo, pois além de estarem inacessíveis

pelo alto custo, a energia elétrica só funcionava quatro horas por noite quando a coleta financeira era suficiente para alimentar o gerador de energia. Pela condição estabelecida socialmente naquele momento, década de 70, que o discurso de ser alguém na vida” era muito mais do que alcançar uma boa colocação social ou ter poder de consumo. “Ser alguém na vida” era ser capaz de dar um valor à vida além daquele que estava imposto cotidianamente. Era afirmar e reafirmar que os filhos teriam uma vida melhor que a sua e que a escola seria o caminho para a mudança esperada.

Figura 1 – Vila de Curuçambaba, distrito de Cametá-Pará



Fonte: imagem extraída de <https://covid.facebook.com/curucambabaemfoco>

Minha mãe, uma mulher simples que estudou até a quarta série primária era costureira e também como o meu pai nutria o desejo de ver os filhos terem acesso a escolar que não tiveram. Mesmo apaixonada pelo local onde nasceu e morou com seus doze irmãos, pais e amigos, estava certa de que precisaria ir para a cidade de Cametá, pois na pequena e aconchegante Vila de Curuçambaba não tinha escolas que oferecessem além das séries iniciais.

Esse pequeno vilarejo do interior de Cametá, Estado do Pará, que fica à margem direita do rio Tocantins é formado por ribeirinhos de cultura cabocla que vive da pesca, agricultura familiar e extrativismo, não dispõem de empresas ou Fontes de renda ligada ao setor agrário.

Em agosto de 1977 sem perspectiva financeira e acesso à educação sistematizada meus pais fecharam a nossa casinha, reuniram as poucas trouxas de roupas e utensílios, carregam meus irmãos menores no colo, enquanto eu e minha irmã mais velha, que tinha 6 anos, carregávamos nossos brinquedos artesanais na sacola de pano e seguíamos ao barco que ia para a Cidade de Cametá, há cinco horas barco pelo rio Tocantins.

Foi uma longa viagem embalada pela brisa e as ondas do rio que balançavam sem parar nas redes que estávamos deitados. Foi a viagem de barco mais triste da minha infância, pois via a minha avó, tias, primas e amigos ficarem cada vez mais distante dando adeus, com lágrimas nos olhos, enquanto eu e minha irmã chorávamos bastante em ver tudo ficava para trás. Meus pais pareciam fortes, mas com o olhar triste e marinados de lágrimas nos abraçavam dizendo que iríamos morar em um lugar bonito que tinha uma linda escola.

Hoje imagino com um sorriso e ainda um aperto coração, o quão alto foi o preço que paguei para ser professora. Para mim, navegar em busca de um sonho significou deixar algo importante para trás e conquistar espaços, sair do meu mundo, da minha localidade com riqueza de carinho, aconchego, sabores e farturas de frutas e doces da vovó tinha cheiro e alegria. Ah! Como amava correr na mata, colher fruta no pé, tomar banho no rio, brincar com as minhas primas, conversar com a minha avó e ouvir as belas histórias que ela me contava.

Na longa viagem tudo vinha à memória, inclusive o pensamento de que um dia voltaríamos para morar ali, o que nunca ocorreu, pois por força do destino movido pela necessidade de emprego fui morar em Tucuruí há mais de 300 km da minha amada vila.

Depois de muitas horas de viagem avistei a Cidade de Cametá cheia de casas que não eram de madeiras, de estruturas imponentes, com uma igreja grande e várias ruas. Era um mundo diferente e gigantesco no meu olhar de criança.

Figura 2: Cidade de Cameté margem esquerda do Rio Tocantins



Fonte: imagem extraída de <https://covid.facebook.com/curucambabaemfoco>

Ao desembarcar meu coração bateu forte e, novamente, as lágrimas desciam compulsivamente ao pensar que naquele lugar não estariam parte das pessoas que eu gostava. Minha madrinha Bena, minha prima Mirinha, Isabel, Maroca, Zeca, a minha carinhosa avó Alice e o meu gaiato avó João Costa. Ainda sinto o olhar dos meus pais e o calor das mãos deles segurando minha frágil mão enquanto caminhávamos por uma longa rua até a casa em que iríamos morar. Era uma casa pequena, de madeira, pintada de cor rosa com as portas cinzas. Tinha uma sala, uma cozinha, um quarto e um quintal grande com vários pés de árvores frutíferas como: coqueiro, mangueira, cajueiro, biribazeiro, cacauieiro e goiabeira.

A chegada à “cidade grande” marca para mim o começo da jornada rumo ao magistério, na qual navegar em busca do conhecimento necessitou desafiar ondas turbulentas das adversidades financeiras e brisas silenciosas e acalentadoras das conversas motivacionais dos meus pais.

No ano seguinte em 1978 iniciei minha caminhada à escola estudando. Minha primeira estação foi na escola pública Municipal de Educação Infantil denominada EM “Santa Santos” que me abrigou

por quatro anos e despertou os mais lindos sentimentos com a leitura e a escrita. Após a formatura do ABC fui estudar o 1ª Grau, hoje conhecido como Ensino Fundamental, na Escola Estadual¹ de 1º graus Coronel Raimundo Leão vivenciei a realidade conflitante do ensino público e das dificuldades de acesso à educação, tão cruel no Brasil nas décadas de 70, 80 e 90. Vivi a descoberta do “eu” da descoberta da realidade que me desafiava a lutar pelos meus objetivos, que era passar de ano. Entendi que estudar abria portas com chaves entregue para poucos e apresentava conflitos e desigualdades sociais e pessoais. Como relata Freire:

Na verdade, não há eu que se constitua sem um não eu. Por sua vez, o não-eu constituinte do eu se constitui na constituição do eu constituído. Desta forma, o mundo constituinte da consciência se torna um mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se intenciona (FREIRE, 1970, p. 71).

Percebi que, como muitos que concluíam o 1º grau naquela escola, eu poderia ser mais uma a não ingressar no 2º grau, pois boa parte dos alunos que se “*formavam*” no 1º grau não conseguiam ser aprovados nas poucas vagas ofertadas pela Prova de seleção das duas únicas escolas de 2º grau profissionalizante do município. Com essa análise percebi que o momento era cruel e precisava de escolhas para a concretização do sonho, pois as duas escolas de ensino médio no município, uma pública Estadual em convênio com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI que ofertava curso de auxiliar técnico em contabilidade, mecânica, técnicas agrícolas e a outra Instituição Particular religiosa que ofertava ensino Médio em Magistério. A ampla concorrência às vagas mobilizava estudantes do município de Cameté e das cidades vizinhas, que após algumas tentativas se conformavam com a realidade cruel do não acesso à conclusão da Educação Básica.

1 Escola Estadual de 1º Grau Coronel Raimundo Leão. Nomenclatura utilizada pela LDB 5692/71.

Em conversas com as professoras do Instituto Nossa Senhora Auxiliadora - INSA, uma escola de Freiras Vicentinas que cobrava mensalidades para manter a instituição, minha mãe ficou sabendo que os alunos que para os alunos que concluíam o 1^a grau, no INSA o ingresso ao 2^o grau em magistério era automático, ou seja, não precisava realizar processo seletivo.

Com essa argumentação, minha mãe convenceu meu pai, mesmo sem condições financeiras, a matricular a mim e a minha irmã na 7^a Série.

Cursar os dois anos finais do 1^o grau no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, foi vivenciar uma realidade diferente da minha antiga escola. Me sentia um peixe fora d'água não possuía os cadernos, bolsas e sapatos luxuosos iguais das minhas colegas. O meu material escolar era simples e os meus cadernos ainda eram costurados e encapados pela minha mãe. A mensalidade da escola não era tão alta, porém para um autônomo, único arrimo de família que precisava pagar a mensalidade em dobro significa escolhas e sacrifícios. E, como forma de reconhecimento do sacrifício empreendido pelos meus pais me dedicava a ser a melhor aluna da escola.

Em 1990 comecei o tão sonhado curso de magistério e tive grandes experiências entre as teorias e as práticas proporcionadas pelos estágios supervisionados.

A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade" (FREIRE, 1996, p. 25).

Foram três anos de curso vivenciados com paixão e entusiasmo, conheci a realidade e desafios de cada modalidade de ensino e a realidade das escolas públicas e das escolas particulares. De todas as realidades vivenciadas me identifiquei com a alfabetização de adultos

e pela primeira vez percebi o quão modificadora pode ser a realidade através da ação educadora consciente. Vi através dos alunos o choque de realidade e a desigualdade social e entendi a fala da minha avó Alice Costa analfabeta que dizia “*quando a pessoa não é ladina* ² não é vista”, em outras palavras quem não é alfabetizado é esquecido. Essa é a cruel realidade brasileira...

Os três anos de magistério passaram rápido e na vivência docente entre um estágio e outro nasceu o sonho de cursar licenciatura em pedagogia. Ah! Para mim esse sonho parecia impossível de ser realizado, pois a única instituição de ensino Superior que existia na cidade de Cameté era a universidade Federal do Pará, Campus do Tocantins que sem apoio financeiro e investimento estava quase fechando as portas. Uma vez por ano de maneira alternada era ofertado cinquenta vagas, ou seja, uma turma, dos cursos de Licenciatura em Letras e Licenciatura em Pedagogia.

Em 1994 foi ofertado pela primeira vez o curso regular de Pedagogia com uma concorrência muito alta, pois além dos concluintes de ensino médio do município de Cameté vieram concluintes e profissionais que já atuavam no mercado de trabalho de oito municípios vizinhos, entre eles: Breu Branco, Tucuruí, Goianésia do Pará, Baião, Mocajuba, Igarapé Miri, Limoeiro do Ajuru e Oeiras do Pará.

Foram dias, noites e madrugadas de batalhas com o sono, com os livros e os cadernos para vencer os cinco dias de exame vestibular e conquistar mais um sonho: o de ser Acadêmica do Curso de Pedagogia.

O sonho da Universidade não era exclusivamente meu, mas pertencia a toda a minha família que até aquele ano não tinha ninguém entre a família dos doze tios e avós maternos e dos oito tios e avós paternos. A aprovação no vestibular foi motivo de festa, pois com luta uma pessoa de família pobre, cabocla, ribeirinha chega ao ensino

2 indivíduo que revela inteligência, vivacidade de espírito; esperto.

Superior. Não que isso me colocasse na condição de melhor entre os demais, pois muitas colegas bem preparadas, inteligentes não conseguiram aprovação no “famigerado” vestibular, mas a seleção desumana escancarava o processo desigual injusto que contracenava com o contexto da ausência de políticas públicas de forma geral para a Educação e em foco para o acesso ao Ensino Superior na década de 90.

Na minha ingenuidade, quando sonhava com o ingresso na Universidade, principalmente na UFPA, achava que todos os problemas se encerravam com o ingresso no curso e bastava apenas estudar cumprir com as obrigações acadêmicas que tudo estaria bem. Quanta ingenuidade minha, pois na vivência acadêmica percebi que era necessário lutar pelas condições básicas de acesso e permanência na universidade. Na crise universitária e sucateamento das Universidades públicas enfrentamos a falta de professor, livros na biblioteca, investimento em pesquisa e extensão, estrutura física, saneamento básico e outras.

No percurso de 1994 a 1999 passamos por duas greves, fechamos duas vezes as portas do campus exigindo o direito à educação e condições para concluir o curso com qualidade. Um curso que teria a duração de oito semestres foi concluído em onze longos semestres, ou seja, cinco anos e meio. E, para completar o desafio, em 20 de dezembro de 1996 foi homologada a terceira Lei de diretrizes e Bases da Educação Brasileira a lei 9394/96 que extinguiu o Ensino Médio profissionalizante, entre eles o magistério, e limitava o pedagogo, quando habilitado, nas áreas educacionais de: supervisão escolar, administração escolar e a docência na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. As diretrizes do Curso de Pedagogia passam por mudanças que não tínhamos como adequá-las e inseri-las depois do cumprimento de setenta por cento da matriz curricular e para não termos maiores prejuízos optamos em manter a matriz em curso para não dilatar ainda mais os semestres.

Na reta final do curso, em 1998 foi amplamente divulgado o concurso público para professores no município de Tucuruí- Pará localizado há pouco mais de 200 km da cidade de Cametá via estrada de chão, e ainda mais distante via fluvial.

Com a notícia animadora, minhas colegas e eu compramos a passagem no barco que fazia o trajeto Cametá/ Tucuruí e navegamos rumo ao sonho do primeiro emprego.

Aprovada no concurso público e com a única alternativa de mudar novamente de local me veio na memória a longa viagem que fiz quando tinha cinco anos quando sai da minha pequena vila para a cidade em busca do sonho de ser professora. Agora mais uma vez a vida me conduz para longe do meu povo, das pessoas queridas e me coloca em nova realidade que exigia resiliência, determinação e coragem para enfrentar as dificuldades não apenas da docência como também da sobrevivência em terra estranha.

Com uma mochila na costa e uma sacola com livros na mão entrei no Barco que me levaria a Tucuruí, não tive coragem de dizer adeus a minha avó, aos meus irmãos e a minha mãe. Meu pai percebendo o quanto aquele momento estava sendo difícil foi comigo até o barco, me deu um abraço e um beijo que confortou minha alma, mas não eliminou o nó na garganta e as lágrimas nos olhos que sinto até hoje quando lembro do fato. Viajei pelo rio Tocantins chorando e imaginando como seria a minha vida longe da minha família e que história estaria eu escrevendo a partir daquele momento forte da minha vida.

Cheguei a Tucuruí na manhã do dia 16 de janeiro de 1999 e logo fui me apresentar na rede municipal de Ensino que me encaminhou a Escola Municipal Grão-Pará, localizada na Vila residencial da Eletronorte/Eletróbrás. Nesta escola conquistei grandes amigos, aprendi com as colegas como organizar e decorar a sala de aula de forma lúdica para receber os alunos, aprendi que precisava ouvir e observar mais o que

estava ao meu redor. Percebi que necessitava buscar novos conhecimentos e que apenas a graduação não era suficiente para conquistar os espaços que estavam se abrindo para mim naquele município.

Para aprender mais fui em busca de um curso de especialização *lato sensu*, naquele mesmo ano uma faculdade que estava começando em Tucuruí fez parceria com o Instituto Superior de educação e Pesquisa do Rio de Janeiro para ofertar especialização em docência do ensino superior. O valor da especialização não era muito acessível, mas com economia financeira e na certeza de um bom investimento foi possível concluir a especialização em outubro de 2000. Não tive dúvidas que este seria um grande passo para me estabelecer na cidade de Tucuruí.

Com a conclusão da minha primeira especialização *lato sensu* outras portas no meu caminho profissional se abriram. Tive a oportunidade de trabalhar como gestora na rede municipal, com a professora e coordenadora pedagógica contratada da rede de Ensino Estadual nas turmas e escola de Ensino médio e professora do Ensino Superior na Faculdade Gamaliel.

Quanto mais me envolvia na docência mais necessidade sentia de aprender e essa busca por conhecimento resultou em vários cursos de aperfeiçoamento e em cursos de Especialização *lato sensu* em: gestão escolar, gestão e supervisão educacional, mídias na educação, tecnologias na educação, planejamento, implementação e gestão da educação a distância e tutoria: teoria e prática.

A cada ano percebia que com dedicação e responsabilidade ia me construindo como docente, alcançando os objetivos sonhados e ampliando outros sonhos e contagiando os meus alunos com a magia, força e a esperança que os sonhos nos trazem. Como diz Paulo Freire:

Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente,

não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. Desde que não prejudique o tempo normal da docência, não posso fechar-me a seu sofrimento ou à sua inquietação porque não sou terapeuta ou assistente social. (FREIRE, 1997 p. 144)

Com as minhas memórias percebo que no meu trajeto de vida fui cercada de sonhadores e sonhadoras que me estimularam a acreditar e lutar pelos meus sonhos. Neste momento não é diferente o professor Dr. Fredy tem sido um cultivador de sonhos que transcende o espaço de um simples pesquisador e nos leva ao olhar profundo do pesquisador qualitativista como um dispositivo sensível capaz de perceber nas entrelinhas das palavras, do som, do cheiro, da ação, do gesto os fatos como são recheados de história.

Na construção da docência sentia a necessidade de fazer um curso *stricto sensu* e em 2014 submeti o projeto de pesquisa e realizei todas as fases de seleção do Programa de Pós Graduação em Educação e Pesquisa da Universidade Federal do Pará - *Campus* de Cametá e fui aprovada.

Com a aprovação no mestrado, mas um sonho se realiza e outros nascem ou porque não dizer renascem. Depois de mais de dezesseis anos retorno para morar em Cametá, agora na condição de docente do Curso de Mestrado. Com o curso que sonhei mergulhei no universo da pesquisa com o meu brilhante e querido orientador professor Dr. Waldir de Abreu que me apresentou a Comunidade quilombola de Itacuruçá, distrito do município de Abaetetuba no Pará na qual realizei a minha pesquisa e aprendi muito mais do que poderia imaginar.

O local da pesquisa é um ambiente rico com pessoas de conhecimento gigantesco que lutam pelo direito à terra, a escola, a cultura,

sobrevivência. Um povo ribeirinho resilientes que conhece o significado de resistência.

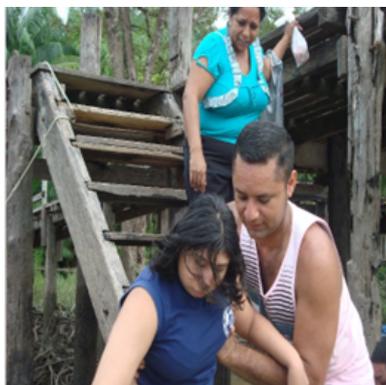
As imagens abaixo que registrei no período em que realizei a pesquisa falam por si.

Figura 3 - Luta do deficiente pelo acesso e direito a educação



Fonte: imagens registradas no período da pesquisa pela autora.

Figura 4 - Luta do deficiente pelo acesso e direito a educação



Fonte: imagens registradas no período da pesquisa pela autora.

Figura 5 - Construção artesanal de canoa usada pelos ribeirinhos



Fonte: imagens registradas no período da pesquisa pela autora.

Figura 6 - Autonomia da mulher ribeirinha



Fonte: imagens registradas no período da pesquisa pela autora.

Figura 7 - O caminho da escola



Fonte: imagens registradas no período da pesquisa pela autora.

Figura 8 - A Escola quilombola



Fonte: imagens registradas no período da pesquisa pela autora.

Figura 9 - A religiosidade de um povo



Fonte: imagens registradas no período da pesquisa pela autora.

Figura 10 - A convivência com a natureza no período das enchentes



Fonte: imagens registradas no período da pesquisa pela autora.

Essas imagens me fascinam, não apenas pela beleza natural do local pesquisado, mas pela força de uma comunidade que não se cansa de sonhar e buscar seus sonhos, apenas de tantas adversidades experimentadas no cotidiano.

Como pesquisadora aprendi que sonhos valem ouro e mudam vidas. Com as aulas da Disciplina Fundamentos teóricos e Metodológicos da pesquisa aprendi que sonhos tem braços e pernas e podem bailar ao som das músicas que a imaginação tocar.

Aprendi que sonho bom é aquele que se sonha em conjunto e se permite ser sensível.

Posso dizer que aprendi a dançar, embalar e ampliar os meus sonhos. Quero e farei o meu doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pois já a prendi a navegar em outros mares para conhecer pessoas que como eu também são movidas por sonho.

Obrigada turma Especial de Fundamentos teóricos e Metodológicos da pesquisa e em especial meu amado professor Dr. Fredy, que os nossos sonhos se encontrem em buscar do melhor ideal da educação que é o compartilhar conhecimento e proporcionar aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17 ed. 1987.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 24 ed. 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12.ªed. Trad. de Moacir Gadotti & Lilian. Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979.

QUANDO A EDUCAÇÃO NÃO É LIBERTADORA, O SONHO DO OPRIMIDO É SER O OPRESSOR”.



5

Erivaldo da Silva Santos

**Das muralhas
ao doutorado**

Este capítulo, *Das Muralhas ao Doutorado*, tem a intenção de contar, de maneira envolvente, minha caminhada acadêmica, profissional e pessoal, com o toque mágico e o ritmo de versos provindos do âmago desse incansável pesquisador qualitativista aprendiz. Vamos percorrer desde a minha infância no Sítio Muralhas, Município de Cuité, na Paraíba, até os dias iluminados em curso no Doutorado em Educação.

Basta você realizar a leitura de cada estrofe para perceber a singeleza dos fatos, dos momentos vivos de um percurso recompensador, como o próprio título deste livro traduz, de sonhos a dançar, de histórias vivas em movimento, retratando o convívio cotidiano, a prática e o fazer pedagógico na ação docente, na caminhada pelas veredas do conhecimento, com liberdade e prazer.

Este trabalho surge com a disciplina de Fundamentos Teóricos Metodológicos da Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas e Quantitativas, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Fruto produzido em um ambiente marcado por ensinamentos, encorajamento e encantamento, pela maneira eloquente como o Prof. Dr. Fredy Enrique González conduziu a construção do conhecimento na disciplina, a verdadeira pedagogia da sedução.

Vamos lá! A seguir, você terá a possibilidade de flutuar por narrativas que levam ao entendimento sobre pesquisa qualitativa em educação, a verdadeira essência de um pesquisador qualitativista, narrativas vivas deste aprendiz, traduzindo de maneira genuína os significados do conhecimento epistemológico.

*Em ritmo de poesia traço este capítulo,
Com relatos de ensinamentos valorosos,
Ao longo das quartas construído,
Ah! Que momentos vigorosos,
Do querido, Prof. Fredy González
Com encontros aprazíveis, singulares,
São os instantes mais primorosos.*

*Disciplina agradável e muito convidativa,
Fundamentos teóricos e metodológicos,
De abordagens qualitativas e quantitativas
Para o verdadeiro sentido epistemológico,
Com foco na Pesquisa em Educação
Percorre-se até a quinta dimensão
Indo do axiológico ao metodológico.*

*Com o Prof. Fredy, não tem complicação,
Fica fácil entender as nuances da pesquisa,
Aprender a aprender, é constante construção
Inerente àquele que busca resposta, que analisa,
E para ser um pesquisador qualitativista
Carece deixar emergir a visão subjetivista,
No produzir consistente, leve como brisa.*

*É a partir daí, como ele sempre diz:
Que a escrita qualitativa se torna livre,
Isso mesmo, foi assim que aprendi
Ser pesquisador protagonista que objective
Um espaço envolto de sensibilidade,
Onde criatividade e criticidade
Resultados de excelência cultive.*

*A pesquisa qualitativa deve ser
Guiada com simplicidade e tranquilidade,
Fazendo o conhecimento florescer,
Como nossa aula: pura autenticidade,
Alicerçada na plena liberdade
Dando ao sujeito possibilidade
De se expressar com subjetividade.*

*Não sei! Talvez de modo inverso
Começo a falar nas estrofes atuais
Como cheguei a este relato em versos
De desejos e sonhos hoje bem reais,
Parafraseando Freire, que sou admirador,
Não nasci ou fui marcado educador
A Prática Reflexiva me formou.*

*Primeira série, a recordar
Aos 07 anos, era 1990, Cuité
Sítio Muralhas, Grupo Escolar
Cinco quilômetros diários a pé
Marcou o início da caminhada
Cartilha de ABC e Tabuada
Dona Rosa, professora de fé.*

*Ah! Sítio Muralhas,
Criado até os 07 anos de idade,
Revigoram-se, memórias claras,
Por Vó Santa, vínculo e afetividade
Dela restam boas lembranças,
Cuidado, carinho, segurança
Ensinaamentos para a eternidade.*

*E Vô Tota, hoje, aos 96 anos
Vez em quando vou visitar,
Êta! Umas cachaças ainda tomamos,
Dos tempos passados, ficamos a recordar
E para avivar, em 2004, escrevi
Versos que traduzem o que convivi
Aqui, com alegria a compartilhar:*

**Vó Santa e Vô Tota,
com muito carinho.**
*Meu 'chapé', minha 'greia'
No torno 'atrais' da porta
Minha 'cristalera veia'
Coisas de perna torta.
Cum saco de 'caivão'
E um 'bucado' de graveto
Acendo meu 'fugão'
'Dexo' 'caderão' preto.*

*'Fugão veio' de lenha
Abano 'veio de paia'
Seu 'muleque' num venha
'Minino' só 'atrapaia'.
Na parede o 'loicero'
Na brasa a ceará
'Qué' vê o 'burraiero'
E muito mais, vem pra cá.*

*Fava 'cum' rapadura
Tripa assada com farinha
De pé não se segura
Traz agora uma 'berinha'.
Na brasa assa o jabá
E a balançar em sua rede:
Dê-me um pedaço pra cá,
Quero água, tô com sede!*

*A lenha no 'fugão'
Queima pau, queima graveto
Torra milho, pila pilão.
Torra o café preto
Bota a palha e o pendão,
Que sufoco, que aperto!*

*Eh! Assim os descrevo,
E pelos caminhos do destino
Uma história viva eu solfejo
Vendo-me ainda menino,
Lembro, quando aos 08 anos
De lá me levaram aos prantos
Em um dia repentino.*

*De certa forma, forçado
Para com meus pais morar
Lá, a plantar e cuidar dos roçados
Da nova casa aprendi a gostar,
Hoje percebo, que foi o melhor
Ocasão pensada pelo Senhor
Oportunidade para estudar.*

*Meus pais, Mercês e Edivaldo
Seres singelos e iluminados,
Com eles aprendi a ser honrado
Com bons costumes fui educado,
Meu pai atuava como radiotécnico
Saberes que me foram ensinados,
Por vez, de computador fui técnico.*

*Como a vez é família, aqui trago
Que não sou o único filho,
Maciel, o mais novo, do meio o Tiago,
Fato este que com todos compartilho,
Sou o mais velho de três irmãos!
Primogênito dessa geração
E em poesia escrevo sem sigilo.*

*E assim, volto à disciplina lembrar,
Isso é produção de conhecimento
No vai e vem de sonhos a dançar
É falar sobre si, com sentimento,
Falar do cotidiano, do que anima
De maneira criativa e genuína,
É produzir com delineamento.*

*É narrativa autobiográfica
Saberes revelados pela subjetividade
Contornos de uma história específica
Apresentada com singularidade,
Histórias vivas em movimento
Escrita com critério e fundamento,
É a vida em sua profundidade.*

*Nesse trajeto de passagens marcantes,
De acontecimentos inesquecíveis
Curiosidades, verdades, fatos importantes
Seguimos com narrativas inconfundíveis,
Em percurso, estudar, trabalhar e viver,
Onde, aos 09 anos, fomos morar na cidade
Município de Cuité, episódios incríveis.*

*Escola Eudócia, 2ª e 3ª séries, anos 91 e 92,
Elça de Carvalho, o ano era 1993
Conclusão da 4ª série, a qual logo depois
Pelas alterações que na legislação se fez,
Passa a ser chamar, de maneira formal,
Séries iniciais do ensino fundamental,
O qual, tornou-se de 09 anos em 2006.*

*Aos 12 anos, fui para o Colégio Estadual
Momentos plausíveis, de histórias vivas,
Da 5ª a 8ª série, 1997, término do 1º grau
Bons professores e aulas significativas,
Era tempo de novas aprendizagens
Da inquietação, das curiosidades
Da escrita de poesias emotivas.*

*Em meio a tudo isso
Atividades no Grupo de Escoteiros
Feitas com prazer e compromisso
Com belas vivências e ensinamentos
Arraigados, levados pela vida afora
E que, em poesia de outrora
Descrevo, envolto de sentimentos:*

Meu tempo de escoteiro

*Recordo morrendo de saudades
Aquelas noites de acampamento
Descobríamos curiosidades
De momento a momento.
Praticávamos boas ações
E formávamos belas amizades,
Vivíamos grandes emoções
Ajudando à sociedade.*

*Fui um pequeno escoteiro
Coisa que não esqueço jamais,
Aprendi a ser verdadeiro
Também cuidar dos animais.
Hoje, do tempo de escoteiro
Restam boas lembranças,
Pena que passou ligeiro
Meus belos dias de criança!!!*

*Nesse percurso, as primeiras poesias
Primeiros namoros, primeiras escritas
Novas experiências, tristezas e alegrias
Timidamente, despertam as rimas,
1996, Dia das Mães, trabalho escolar
Para minha mãe homenagear
Quadras simples feitas com estima:*

Mãe é quem nos dá vida
Por isso tem que ser querida,
É bondosa e paciente
E sabe cuidar do filho doente.
Mãe não castiga
Mas sim é amiga,
Não gosta de despedida
Pois é uma cena sofrida.

Mãe é carinhosa
Até quando nervosa,
Não nos tira do pensamento
Nem por um momento.
Mãe nunca amaldiçoa
E sim, sempre perdoa,
O filho que não reconhece
Todo amor que ela oferece.

Mãe é toda especial
Saiba que seu amor é real,
Ama o filho sem maldade,
Quando ele parte, morre de saudade.
Mãe nunca esquece
O filho que falece,
E sempre guarda com jeito
A lembrança dele no peito.

Mãe é tudo no mundo
E seu amor é profundo,
Por isso, mãe te quero bem,
Pois sem você não sou ninguém.

*Dando continuidade, na educação básica
1996, é sancionada a Lei 9.394, nova LDB
Com princípios da constituição como base
Diz como a educação brasileira deve ser,
Para o exercício da cidadania, a preparação
Para o trabalho, foco na qualificação
São diretrizes e bases a se estabelecer.*

*Pré-escola passa a ser educação infantil
1º grau, ensino fundamental em anos
2º grau, ensino médio aos educandos
Novo cenário educacional no Brasil,
Educação como processo formativo
Seja na família, como berço educativo
Em trabalho, escola ou sociedade civil.*

*Continuando o movimento da vida
1998, aos 14 anos, iniciei o ensino médio
Ano 2000, conclusão na forma devida
Na caminhada da docência, 2001 é o início,
Incentivado pelo, hoje, compadre Geraldo
O sucesso nas práticas e exercícios
Sendo, no ano de 2002, diplomado.*

*Com a habilitação para o magistério,
O encontro com um novo educador,
Traçava-se um caminho sem mistério
O sonho vivo de um dia ser doutor,
O que hoje, no PPGED a cursar
Dançando com histórias a relatar
Sendo, simplesmente, um pesquisador.*

*Aqui, um mundo de saberes
Da rica Pedagogia da Sedução
Do Prof. Fredy Enrique González
É pesquisa qualitativa em educação,
Verbalização que resumo em 'eloquência'
Singularidade, simplicidade, sapiência,
Momentos coletivos de construção.*

*Mas, até o PPGED, águas rolaram,
Entre a academia e o profissional,
2000 a 2006, em creche foi a atuação
O cargo era Auxiliar Operacional,
1º concurso público, 1º colocado,
Sendo, no período de 2006 a 2008
Cedido ao TRE, 24ª Zona Eleitoral.*

*Nesse ínterim, 2001, início da docência
Programa Alfabetização Solidária,
Como educador, primeira experiência
2003 e 2004, EJA, a volta ao sítio muralhas,
2005 e 2006, EJA, anos finais, zona urbana,
O destino até que foi bacana
Nesse percurso cheio de batalhas.*

*Em meio a tudo, Pedagogia a estudar
Era 16 de abril de dois mil e cinco
Uma tarde de sábado, sol a raiar,
Nasce Ennilly, às 16 horas e 17 minutos
Triunfante, vindo ao mundo para brilhar,
Nasce Ewerton, às 16 horas e 27 minutos
Brilhante, para no universo triunfar.*

*Médicos deram a decisão:
Seus filhos não irão sobreviver!
Mas, nessa história de luta e superação,
Batalhas, vitórias e fatos a comover,
Na linha da vida e da renovação
Vivos! Prontos para vencer e convencer
E nas poesias da vida, serem inspiração.*

*Vida, profissão e academia
Nessa mistura, em memória a reviver
2003, ingresso no Curso de Pedagogia
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),
Era 2006, conclusão da graduação
Currículos formal, real e oculto em ação
Dias finais do Curso, assim pude escrever:*

Despedida ao Curso de Pedagogia

*O meu nome é Erivaldo
Em princípio, a todos saúdo
E começo a recordar,
Não é bem um discurso
Mas, colegas deste curso
De todos irei falar.*

*A Vitória, sempre disposta
O Geraldo e sua proposta
Com os demais nesse percurso,
Seguimos todos com fé,
Da Elve a Maria José
Sem perder o pulso.*

*Sem esquecer de ninguém
Cito Helenita e Flávia também
Por Iraneide conceituadas,
Em conceito bem adequado
O atribuo também à Eliane Furtado
Por serem todas determinadas.*

*Temos as colegas, Zenicleide,
Eliane Feliz e Ivaneide
Cheias de sinceridade,
A entusiasmada Ritinha,
Branquinha e Francisquinha
Todas nesta Universidade.*

*Vou lembrar da Valdineia,
O Cleones e a Vanderleia
Aqui juntos eles estão,
Tem o casal que reluz
Marleide e Antônio Cruz
Cada um tire sua conclusão.*

*Amarilis, Mônica e Marenilda,
Josemária, Janaina e Crenilda
Sempre, com carinho, irei recordar,
Marleide e os demais
Do Tarcísio sempre capaz
De todos quero lembrar.*

*O Elenilson calculista
O Sandro é um artista
Como dessa turma esquecer,
À Cícero e Antônio, títulos atribuíram
Nervoso e tímido foi o que sugeriram
Porém, cautelosos irei lhes conceder.*

*Claudenice, Edvam e Simone,
Natalina, Graça e Luziane
Essa turma estuda com prazer,
Lindaci, Fátima e Marta
Minha caneta relata,
Maria Silva, falta você.*

*Da nossa coordenadora, Lena
Que também é professora
E os professores da UEPB,
As disciplinas que cursamos
Os desafios que enfrentamos
Nada pretendo esquecer.*

*E para me despedir,
Todos temos que convir
Ninguém deve faltar,
Mas o que falta veemente?
Qual é o impertinente?
Nada! Apenas comemorar!!!*

*2007, 1º concurso para professor,
Classificação? Primeiro colocado!
Cuité, foi onde tudo começou
2008 a 2014 na educação focado,
Abrindo-se novos caminhos
Da cidade aos sítios vizinhos
Experiências foram um bocado.*

*Ah! 2007, mais um concurso
Cidade de Barra de Santa Rosa
Naquele dia e sala da prova
Frio na barriga no decurso,
Candidatos, vários ex-professores
Esses agradeço pelos valores
Resultado? 1º lugar, sem recurso.*

*Em Barra de Santa Rosa
2008 a 2010, anos vivenciados
Ensino fundamental, “Se Liga”
E tutor do ProInfo Integrado,
De professores era a formação
Introduzindo as TICs na educação
Construção coletiva do aprendizado.*

*Essa não tem como esquecer,
Saxofonista por mais de 10 anos
Da Banda Filarmônica de Cuité
De desfiles às alvoradas tocamos
No coreto, saía do frevo ao clássico
Sem contar que lá, como ‘músico’
Recebi meus primeiros ‘abonos’.*

*Como Comenius falou, com saber,
O fundador da Didática Moderna,
A natureza apenas dá impulso ao ser
Que atinge o desenvolvimento na vida,
Assim sendo, 2010, Especialização,
Novos saberes em construção
Ensino e Aprendizagem, concluída.*

*Nesse mesmo ano, nova convocação
Jaçaná/RN, aprovado em 3º lugar,
Cidade promissora, de valores a agregar
Barra de Santa Rosa, pedido de exoneração,
Pois o inciso XVI, artigo 37 da Constituição,
Veda, para cargos públicos, acumulação,
Exceto casos em alíneas, é clara a redação.*

*2011 a 2014, ainda em Jaçaná,
Da atuação como professor,
Das Noites e sábados, pela manhã
No ProInfo Integrado como tutor,
Tanto na Educação Digital, Introdução
Como em TICs e Projetos em Educação
O objetivo era a formação do educador.*

*2014 e 2015, tutor UFRN, 1ª colocação
Curso de Aperfeiçoamento para Educador,
Nesse mesmo período, nova convocação
Ebserh, 2º lugar. Que trajeto inspirador!
Hospital Universitário Onofre Lopes, Natal,
Pedagogo, minha atual atividade laboral
De passagens como coordenador e gestor.*

*Nesse itinerário, novas atividades de tutor
E novos conhecimentos sobre andragogia,
2017, IFRN, professor mediador
2019, UFRN, tutor do Curso de Pedagogia,
Nas duas ocasiões, 1º colocado no seletivo
O segredo? Persistência e foco no objetivo!
Caminhos e verdades da epistemologia.*

*2017, UFRN, ano de início do Mestrado,
IMD, Inovação em Tecnologias Educacionais
Com defesa em 2019, no mesmo ano diplomado
Guiando os estudos, professoras excepcionais
A Dra. Akynara Burlamaqui na orientação
E a Dra. Aline de Pinho Dias na coorientação,
É a dança dos sonhos, histórias vivas e reais.*

*Na dissertação, material didático e produção
Educação mediada por tecnologias,
Observe-se dialogicidade e heurística,
Na saúde, como se dá sua aplicação?
Professores de destaque na banca de defesa
Dr. Aquiles Burlamaqui, Dra. Eloíza Oliveira
E o Dr. Ricardo Valentim, minha gratidão.*

*Em um curto espaço de tempo,
Chega 25 de setembro de 2019,
Data marcante, esplendorosa,
Casamento com uma mulher exemplo,
Sinônimo de força, verdadeira guerreira
Wilma, minha amada companheira
Que em 2021 esses versos a contemplo:*

*Parece que foi ontem que nos conhecemos,
E já se passaram quase oito anos!
Dia após dia, juntos, a vida enaltecemos
No caminhar de parceria e muitos planos.
Hoje, exatos dois anos do nosso casamento,
Dia que unimos sonhos e sentimentos,
Ato que a cada instante relembro,
Uma aliança de vida, de sacramento!*

*Firmamos, com esse amor crescente,
A felicidade de estar perto um do outro!
Aquele sentimento de certeza presente
Uma mistura de realidade e sonho envolto.
A vontade de partilhar a vida,
A certeza de seguir na mesma direção,
De ter um horizonte como dádiva,
O mesmo caminho em visão!*

*Seguindo o percurso na estrada do viver
Como um barco que busca águas calmas!
No desejo de belas histórias escrever
Duas vidas, uma só alma.
Por quantas anos o destino nos permitir
Na vida a dois, na vida em família,
Representar a felicidade, o amor emitir,
Na alegria, nas aventuras, na vigília!*

*Dois anos de casamento completamos
Posso reafirmar, nosso amor é crescente!
A cada dia, planejamos e realizamos,
Você e eu, no caminhar aquiescente.
Sim, dois anos do nosso casamento,
De amor multiplicado infinitamente,
O viver que fortalece o juramento,
No companheirismo diuturnamente!*

*Ainda em 2021, alegrias e planos
Motivo? Outra data especial, 25 de abril
Nossa linda bebê completou um ano
Eduarda Wendy, dádiva do Deus gentil
Em nossas vidas, amor soberano,
A preencher qualquer vazio,
Histórias vivas que sigo rimando:*

*Eduarda, por você, amor transparente,
Os sorrisos? Os mais límpidos e reais!
Apoiaremos caminhadas à frente,
No discernir de valores morais,
Nas descobertas mais frequentes.*

*Na vida, no revés ou na glória,
Seremos a força da superação,
Na construção de sua história,
Presentes ou em oração,
Queremos ser inspiração!*

*Contigo diariamente,
Ensinando e aprendendo,
Cuidando e juntos crescendo
Em parceria, agindo plenamente,
Amando, evoluindo e agradecendo!*

*Nesse ritmo, não posso esquecer
Orlando, conhecido por Netinho
Nem Kawan, enteados, com prazer
Por eles, enaltecido carinho,
Família, núcleo de legitimidade
Fortaleza de sonhos e realidade
Nesse vivo e glorioso caminho.*

*Ah! 2021, ano de mais movimentos
LAIS/UFRN, seletivo para pesquisador
Mais Médicos, saúde, fomento
Novo degrau alcançado,
Reforça-se o ato de investigar
A sensibilidade de interpretar,
Possibilidades de aprendizado.*

*Indo da criatividade às estratégias,
Como qualitativista, o responsável,
Na coleta de informações genuínas
Sendo o corpo, dispositivo sensível,
Aguçando os sentidos e a percepção
Fazendo do conhecimento, a construção
E das práticas, a transformação visível.*

*Finalmente, ingresso no doutorado
Nessa caminhada de construção
Mais um sonho vivo a ser bailado
E aqui surge a Pedagogia da Sedução,
Descrita pelo Prof. Fredy González
É estratégia de ânimo, de vivez,
É autonomia, colaboração e evolução.*

*A Pedagogia da Sedução
Tem sentido filosófico,
Significado epistemológico
Movimenta a alma do cidadão,
Na essência de sua prática,
É enfática, empática, didática
É construção coletiva, é educação.*

*O educador toca a sensibilidade
Da pessoa que busca o saber,
A singularidade e a subjetividade,
O prazer de aprender a aprender,
Acontecendo de forma individual
Em processo comum do fazer social
É o conhecimento a transcender.*

*Possibilidades e muito conhecimento
É isso! UFRN, Centro de Educação
Histórias vivas em pleno movimento
Seguindo, Doutorado em construção
Jornada que leva a outros cenários,
Um caminhar repleto de desafios
É a dança dos sonhos em ação.*

*Aqui cheguei! E nestes poucos versos
Com uma fala curta a considerar
E um mundo de significados imerso
Grande Sertão: Veredas venho exaltar,
O que disse Guimarães Rosa, em dia certo:
Tem horas antigas que ficam muito perto [...]
Uma verdade! Para esta história viva pausar.*

Por fim, dedico este capítulo aos meus familiares, que sempre me apoiaram nas diversas caminhadas que a vida proporciona, do ventre ao berço, do lar em família ao primeiro passo fora dela, da vida escolar à carreira profissional.

Aos amigos e amigas do PPGED/UFRN, alunos e alunas, professores e professoras que, na dança do ensinar e do aprender, fortaleceram a construção de sonhos. Especialmente ao querido professor Fredy González que, envoltivamente, nos encantou com a sua Pedagogia de Sedução, mostrando que para a condução da pesquisa qualitativa, de maneira coerente, o pesquisador deve assumir um posicionamento epistêmico.

A você, que está lendo agora, no desejo de que os versos escritos te mostrem como o conhecimento é construído com liberdade, como o sentido epistemológico, desse, está imbricado em narrativas sequenciadas de ensinamentos, na dança mágica dos sonhos, bem como na interminável construção coletiva de histórias vivas.

(Erivaldo Santos)

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

COMÊNIO, João Amós. **Didáctica Magna**. 6. ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 28. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 32. ed. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 2009.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. Recurso eletrônico. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Apuntes para una crítica pentadimensional de la investigación socioeducativa. **Revista Educação em Questão**, v. 32, n. 18, 2008.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Los métodos etnográficos en la investigación cualitativa en educación. **Paradigma**, v. 18, n. 2, p. 7-40, 2007.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 155-183, 2020.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Uso del enfoque pentadimensional en el análisis interno de productos escritos de investigación. **Revista Educação em Questão**, v. 23, n. 9, p. 7-15, 2005.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia das letras. p. 132, 1994.

6

Janielly Souza dos Santos

A procura de uma escrita sensível

“Se o plano não funcionar, mude o plano, mas nunca seu sonho.”

Desde que terminei o mestrado em História tenho o sonho de cursar o doutorado. Durante alguns anos, pensei que seria um doutorado em História. A partir de 2019, comecei a mudar os planos, mas não o sonho. A partir da minha realidade vivencial, enquanto professora de História, percebi que poderia trilhar caminhos que me conduziria a um doutorado em Educação. Tanto no que se refere ao doutorado em História, quanto em Educação, ouvi vários conselhos acerca de que deveria mudar meu tema, porque os temas que propunha não interessariam a orientadores, a academia. Que eu deixasse para pesquisar/escrever “o que gosto” quando fosse doutora.

Durante muito tempo me perguntei: Será que para realizar meu sonho eu teria que escrever e propor um projeto de pesquisa que interessasse a um(a) orientador(a), a uma universidade? Cheguei a me convencer que sim. A começar a escrevê-lo nesta perspectiva. Mas não vi encantamento, não me empolgava, não tinha emoção. Como estava migrando de uma área para outra, de História para o campo específico da Educação, senti dificuldades quanto a produção do projeto, principalmente quanto aos fundamentos teóricos e metodológicos.

Comecei a cursar disciplinas como aluna especial, principalmente a partir do ano de 2020, com o ensino remoto me favorecendo nesta empreitada. Moro em Campina Grande – PB e aqui ainda não tem cursos de doutorado em Educação, nem tampouco em História. Quando vi a ementa da disciplina “Fundamentos teóricos e metodológicos da Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas e quantitativas” que iria ser ministrada pelo professor Dr. Fredy Enrique González, me animei. Pensei: ‘É por aqui que vou’.

Não vou mentir, me assustei com a ementa disponibilizada antes da inscrição na disciplina. Seminários toda semana e autores que

nunca ouvi falar me fizeram pensar se valeria a pena. Como não sou de desistir fácil, e sempre anseio por novos conhecimentos, me inscrevi. Comecei a torcer para ser aceita. Inicialmente não saiu o resultado para alunos especiais nesta disciplina, desanimei, mas pensei que talvez fosse o melhor.

Quando alguns dias depois recebi um e-mail que fui selecionada, e pedindo que realizasse a matrícula, o ânimo voltou. Até o dia da primeira aula, me envolvi em expectativas, com pensamentos que me conduziram à reflexão que seria mais uma disciplina, que no máximo poderia me ajudar a escrever a metodologia do meu projeto de tese. Inocência ou frustração? Não sei. “Só sei que foi assim”.

No dia 25 de agosto de 2021, às 9h tem início a aula do professor Fredy. Não o conhecia, como não fiz o percurso da pós-graduação em Educação, ainda não ouvira falar dessa pessoa que me encantou nas primeiras palavras. Meus pensamentos e expectativas foram sendo desconstruídas ao longo daquela aula, não de forma negativa, muito pelo contrário. Lembro que ele passou a nos chamar de sonhadores e sonhadoras, achei isso perfeito para aquela situação que acabara de começar a viver. Meu sonho que não havia morrido, mas estava sem brilho, quase que como fogo se apagando voltava a arder, o ânimo tomou conta de mim. O professor Fredy, naquela aula, nos falou da “Pedagogia da Sedução”, proposta por ele para animar pesquisadores e pesquisadoras. O que eu posso dizer, que ela surtiu efeito em mim.

Além do debate acerca das definições/propostas da pesquisa qualitativa e da pesquisa quantitativa, o que mais me tocou naquela aula foi quando o professor começou a discutir o que seria o lugar epistemológico do pesquisador na pesquisa qualitativa. Ao compreender, a partir daquela aula, que

O Lugar Epistemológico é a posição a partir da qual o pesquisador produz conhecimentos e saberes; esse posicionamento está associado à história de sua vida, à sua formação pessoal e

profissional, bem como às marcas deixadas nele pelas suas vivências e outras experiências vitais que ele teve como ser humano. (GONZÁLEZ, 2020, p. 164)

Pude pensar em propor um projeto de pesquisa ligado às marcas deixadas pela minha história de vida. A alimentar ideias que surgiram em minha mente, em meus pensamentos, e que eram afastadas por pensar que não fossem importantes para academia. Assim como agora, que ao escrever esse relato choro, chorei copiosamente nesta primeira aula do professor Fredy. Um choro de ânimo, de emoção, uma mistura de sentimentos que me fizeram querer perseguir meus sonhos. Percebi que era necessário mudar os planos, e não o sonho. O professor Fredy fez aniversário naquele dia, mas que quem ganhou o presente fui eu.

Não podemos negar que cada instituição e/ou docentes proclamam seu corpus teórico e discursivo³, mas a cada texto e debate construído na disciplina, com o professor Fredy, pude perceber que é possível escrever a partir de temas de interesse do pesquisador, que é carregado de marcas do vivido, desde que através de um trabalho cuidadoso e bem amparado em teorias e metodologias, que darão sustentabilidade e respaldo a problemática de pesquisa proposta.

Como eu não era do campo específico de estudos da educação, apesar de ser profissional da educação, a partir das poucas leituras que realizei, antes desta disciplina, pensei que poderia adotar a pesquisa quali-quantitativa, como metodologia de pesquisa. Faltou-me estudos e orientação. Hoje vejo a impossibilidade da adoção da pesquisa quali-quantitativa acontecer, já que elas, a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa, possuem enredos de construção, no campo científico, diferentes. Hoje posso afirmar que minha escolha é a pesquisa qualitativa.

O interessante é que antes de cursar a disciplina “Fundamentos teóricos e metodológicos da Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas e quantitativas”, e do enriquecimento proposto pelo professor

3 Segundo Certeau (2008), o lugar social do autor.

Fredy e companheiros de turma, pensava que metodologia estaria mais centrada nos instrumentos usados na coleta de informação e até no tratamento superficial das Fontes coletadas. Hoje penso além disso, é todo um conjunto de critérios e pressupostos que necessitam ser estudados e observados cuidadosamente.

Assim como o pesquisador vai mudando enquanto vai desenvolvendo e estabelecendo relação com sua pesquisa, posso dizer que estou mudando no desenvolver das partilhas de conhecimentos propostas a partir da disciplina em questão, e dos sujeitos que a compõem. Partindo da premissa que “é experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece e, ao nos passar, nos forma e nos transforma” (LARROSA, 2004, p. 163), posso afirmar que fui inebriada pela experiência na construção dos debates desta disciplina.

O PESQUISADOR QUALITATIVISTA E AS MARCAS DO VIVIDO

Seria um sujeito do laboratório, cheio de vidros e frascos com substâncias diversas, a realizar experiências e anotar resultado em tabelas, numa prancheta ou computador? Seria um sujeito que descobre objetos/fósseis de milhares de anos atrás, e vai cuidadosamente escavando e/ou estudando cada material encontrado? Seria um sujeito que se debruça cotidianamente sobre documentos escritos empoeirados, e até com mofo, de tempos anteriores, em busca de conhecimentos ou respostas a questões que estão em aberto?

Comumente a figura do pesquisador é associada a estes modelos. Seria a primeira descrição que viria a mente de uma criança, de um adolescente e até de muitos adultos, se perguntássemos sobre como eles pensam a figura de um pesquisador. Eles estariam errados? Não, mas a figura do pesquisador vai além destes modelos, principalmente

quando nos referimos a um pesquisador qualitativista. Nas palavras de González (2020, p. 160):

O pesquisador qualitativista, é assumido como um sujeito que pensa, percebe, sente, expressa interesse pelo assunto que deseja pesquisar. Um sujeito cognoscente. Assim, o pesquisador, em tanto que sujeito senti-pensante não pode se afastar do conhecimento que está pesquisando e que se dá a sua percepção.

Quando eu era criança, minhas avós materna e paterna me levava para os forró⁴. Elas gostavam de “arrastar os pés” pelo salão ao som da sanfona e/ou fole de oito baixos. O encanto de criança por aqueles espaços de sociabilidades, me levou na graduação, especialização e mestrado a pesquisar estes espaços. A partir da produção de entrevistas orais, pude ter contatos com múltiplos sujeitos que experimentaram estes bailes e que carregavam consigo suas marcas do vivido.

Na época não me intitulava pesquisadora qualitativista, nem sabia da existência deste termo/conceito. Hoje percebo que fiz pesquisa qualitativista, porque além de me colocar como sujeito que pensa, percebe e sente, possuía um interesse avassalador pela temática pesquisada, já que ela era fruto do meu patrimônio vivencial. Nesta perspectiva, agora me aproprio do pensamento de Nóvoa (1988), quando este afirma que ao indivíduo é possível construir sua memória de vida e compreender as vias que o seu patrimônio vivencial lhe pode abrir.

As subjetividades entram em cena quando se realiza pesquisa qualitativista, na medida que cada indivíduo tem suas experiências de vida e particularidades que o fazem único. Neste sentido, na pesquisa qualitativista tanto se tem que se levar em consideração as subjetividades dos sujeitos pesquisados, quando as do próprio pesquisador, que não é somente um corpo estático que recolhe informações, mas um corpo vivente, que subjetiva informações a partir de suas próprias experiências do vivido.

4 Festas/bailes geridos pelo som do fole, concertina e/ou sanfona.

Enquanto pesquisadora dos “forrós” de Baraúna das décadas de 1950 e 1960 fui acometida pelas subjetividades dos depoentes, assim como, fiz usos das minhas subjetividades construídas ao longo das minhas experiências pessoais, sociais e acadêmicas. Na pesquisa qualitativa está em jogo corpos subjetivos. Nas palavras de Albuquerque Júnior (2007, p. 175) “corpos pensados como documentos, como pergaminhos em que vêm se escrever as memórias das múltiplas experiências que vivenciamos”.

No âmbito das marcas do vivido e das subjetividades construídas, todavia, não há de supor que a pesquisa qualitativa não necessita de rigorosidade teórica e metodológica, muito pelo contrário, a fundamentação teórica e metodológica são extremamente necessárias, conferindo sustentabilidade epistemológica à pesquisa.

O PESQUISADOR COMO DISPOSITIVO SENSÍVEL

Quando realizava entrevistas para construção da minha dissertação, ao nos remeter à temática dos forrós, muitos depoentes se referiam a comidas e bebidas que degustavam nestes espaços, e eu percebia que a boca deles enchia d’água, como se desejasse saborear aqueles alimentos. Outros falavam do cheiro do café que vinha da cozinha, das bebidas e dos perfumes que exalavam no salão, suas memórias olfativas vinham ao encontro deles naquele momento da entrevista.

Na gravação e futura transcrição das entrevistas, as expressões faciais e gestos proclamados não ficavam registrados, apenas a palavra pronunciada. Cabia a mim, enquanto pesquisadora, usar da sensibilidade para coletar estas informações. Nisso, é necessário perceber que “as sensibilidades são uma forma do *ser* no mundo e de *estar* no

mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada” (PE-SAVENTO, 2005, § 4).

Na disciplina “Fundamentos teóricos e metodológicos da Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas e quantitativas”, o professor Fredy nos apresentou a percepção do “pesquisador como dispositivo sensível que coleta informação com o seu corpo todo”. Lembrei neste momento das entrevistas realizadas e da necessidade de ir além das palavras proclamadas pelos depoentes e gravadas.

Olhos, ouvidos e mãos deveriam estar atentos para registrar um gesto, uma expressão, um suspiro, um sussurro, uma lágrima, um ar de riso, que não ficaria gravado nas Fontes orais. No caso, a pesquisa realizada por mim, quando da construção da monografia e dissertação, não fora gravada em forma de audiovisual.

Se estivermos a analisar cartas e/ou outros documentos escritos, o tom do papel e da tinta usada para escrever, manchas no papel, resquícios de um perfume, podem nos trazer informações importantes, e podem ser alcançadas pelos usos das sensibilidades. Pesavento (2005) nos chama a atenção para que “tais marcas de historicidade - imagens, palavras, textos, sons, práticas - seriam o que talvez seja possível nomear como *evidências* do sensível. Mas, para encontrá-las, é preciso uma reeducação do olhar.” Para o pesquisador qualitativista, o olhar com o corpo todo. Com todos os sentidos e marcas do vivido que compõem o corpo do pesquisador.

A mesma narrativa oral pode atuar de forma distinta em pesquisadores diferentes. No momento que um(a) depoente narra suas práticas nos “fórrós” para mim, que historicamente tenho familiaridade com o tema, por mais que em espaços e temporalidade diferentes dos vividos pelo(a) entrevistado(a), posso compreender as práticas narradas diferentemente de um pesquisador que nunca teve contato ou

ouviu falar destes espaços, que não tem laços de afetividade com tais práticas culturais.

Com Pesavento (2007, p. 12) observamos que:

Os sentidos são afetados e provocam sensações, ou seja, eles expressam uma atividade reativa, anterior à capacidade reflexiva, e que marca uma modificação no equilíbrio entre este ser e o mundo. As sensações, fenômenos da ordem da sensibilidade, são imediatas e momentâneas e podem ser definidas como a capacidade de ser afetado por fenômenos físicos e psíquicos, em reação dos indivíduos diante da realidade que os toca.

É impossível prever quais sentidos serão afetados durante a pesquisa, quais sensações o corpo do pesquisador poderá desenvolver junto à Fonte pesquisada, mas as sensibilidades produzidas poderão levar o pesquisador qualitativista por caminhos não imaginados no que projetara inicialmente para o trabalho. No instante que o pesquisador qualitativista lida cotidianamente com as experiências plurais dos sujeitos, é impossível fazer uma previsão exata do que ocorrerá ao longo da pesquisa. O importante é deixar-se envolver e buscar problematizar as Fontes que lhe são disponíveis.

A PROCURA DE UMA ESCRITA SENSÍVEL

A escolha da temática a ser pesquisada, a realização da pesquisa qualitativista e os usos da sensibilidade pelo pesquisador conduzirá a escrita do texto, que possivelmente chegará para a leitura dos pares da academia, familiares, amigos, sujeitos pesquisados e até pessoas com as quais o pesquisador nunca teve nenhum contato. Como este texto será escrito e chegará para ser degustado pelas outras pessoas é muito importante.

Quando eu era criança, escrevia cartas para minha avó materna. Ela tinha irmãs morando em Brasília e a única forma de comunicação era a carta. Minha vó era alfabetizada, mas dominava pouco a escrita, como minhas tias não gostavam de escrever, ela recorria a mim toda vez que ia na casa dela, e ela necessitava escrever uma carta. Na carta ela mandava informações de como estava sua vida e questionava sobre como estava a vida das irmãs. Às vezes ela respondia às cartas das irmãs.

Ela ditava as cartas, às vezes, de forma emocionada, e eu tentava traduzir nas palavras escritas as informações proclamadas e algumas emoções. Talvez seja desta época que comecei a busca por pensar uma escrita que não fosse fria, mas carregada de emoções. Que as pessoas não lessem por ler, mas fossem tocadas. Acredito que produzir uma escrita sensível seja uma necessidade iminente da escrita dos trabalhos que usam a pesquisa qualitativa.

Quando eu escrevia redações para escola, lá pelos meus 10 ou 11 anos, minha mãe dizia que eu não sabia escrever redação. Talvez até hoje não saiba, mas tenho desejo em me aperfeiçoar. Minha mãe estudou até a 4ª série (hoje 5º ano), provavelmente eu estava nesta fase, na época. A forma que suas professoras a ensinaram, a levariam a dizer que eu não sabia fazer redação. Hoje sei, que aquelas palavras pronunciadas por minha mãe, me marcaram de tal forma, que busco constantemente melhorar a minha escrita, e mais do que isso, busco fazer com que as palavras colocadas no papel, ou digitadas, não sejam apenas códigos escritos jogados ao vento, mas que possibilitem sentido, e sobretudo, sentimentos.

Hoje me vejo refletindo sobre a possibilidade de uma escrita sensível. Acredito que este tipo de escrita deva fazer parte do jogo da conquista do outro. Acredito que devemos escrever não somente aos nossos pares acadêmicos, mas também aos sujeitos que inundam o nosso trabalho com suas experiências, os depoentes, por exemplo.

Devemos buscar uma forma de escrever que conquiste, seduza, tanto o espaço acadêmico que estamos inseridos, como outros espaços e sujeitos para além da academia.

Uma escrita livre, e que possua significados para os sujeitos que a leiam, que eles possam ser tocados, que possam degustar as palavras anunciadas, assim como nós degustamos um livro do qual gostamos, ao ponto de não quereremos parar de lê-lo. Essa forma de escrever é fácil? Acredito que não, talvez seja mais difícil do que escrevermos seguindo o rigor da academia, mas é necessária e urgente.

Escrever seguindo os parâmetros acadêmicos não é tão difícil quanto desafiá-los, partindo da premissa que se possui todo um aparato teórico e metodológico que guia essa produção. Mas romper com alguns desses parâmetros e propor uma escrita acadêmica sensível é difícil, principalmente porque não temos muitos parâmetros e não somos educados para isso, além do que, muitas vezes, entraremos em conflito direto com as normas estabelecidas para a escrita acadêmica em sua rigorosidade, e com os sujeitos que a defendem. Difícil, mas não impossível, principalmente se pensarmos naquilo que nos impulsiona.

Acredito que levar a nossa escrita para além dos muros físicos e simbólicos da academia é uma necessidade pulsante, sobretudo quando temos em mente os sujeitos-Fontes⁵ das nossas pesquisas, que na maioria das vezes não fazem parte do espaço acadêmico e não têm acesso aos resultados das nossas pesquisas: à escrita do nosso artigo, monografia, dissertação e/ou tese. Não que os pares acadêmicos sejam menos importantes, muito pelo contrário, mas há a necessidade de alargamento do nosso público leitor, assim como é necessária uma devolutiva aos sujeitos-Fontes, que tanto contribuem na construção dos nossos trabalhos.

5 Sujeitos que se tornam Fontes para nosso trabalho, a partir da produção de depoimentos, entrevistas e disponibilização de tempo e materiais para nossa pesquisa.

Convém ainda refletir, que em tempos onde a pressa da correria cotidiana nos leva a escutar áudios acelerados em WhatsApp, onde o encaminhamento de mensagens, sem que muitas vezes sejam lidas na sua totalidade impera, parar para ler, escutar e escrever com sensibilidade, de forma a experimentar os detalhes, não é uma prática muito apreciada. Na academia, como nos alerta Fischer (2005, p. 124), essa situação não é diferente:

Talvez o que seja mais difícil, num tempo em que tudo, mesmo as leituras que fazemos, está marcado pela louca velocidade de consumo, seja escapar aos estudos rasos, às interpretações ligeiras, às leituras quase exclusivamente pragmáticas. Certamente estas existem, acabam por fazer parte do conjunto de atividades realizadas no decorrer de uma pesquisa, no tempo da construção de um objeto investigativo e da elaboração de um texto acadêmico.

Somos feitos de palavras. Nos apropriamos delas a partir da relação com outros sujeitos, sejam do nosso convívio cotidiano, fisicamente, sejam da leitura de textos escritos, sejam através de áudios, vídeos, imagens, etc. Escrever com elas é um ato reflexivo, contemplativo, por isso, a arte de escrever necessita ser carregada de sentimentos, de sensibilidades, para não ser mais um texto, sem pulsação, sem vida.

Buscar uma escrita sensível é lutar para que as palavras redigidas carreguem consigo a capacidade de tocar aquele que escreveu e aqueles que irão lê-las. Essa prática é um exercício de cuidado/afeto consigo e com o outro, e que mesmo não sendo possível fazê-la sempre, devido à falta de tempo disponível para tal ação, é necessária de vez em quando. Nas palavras de Larrosa (2020, p. 25):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou no toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-lhes nos detalhes, suspender o

automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

O pesquisador qualitativista como “dispositivo sensível que coleta informação com seu corpo todo”⁶ necessita ler mais devagar a si e ao outro, escutar mais devagar suas Fontes, as quais lhe inclui, pensar mais devagar sobre as leituras e as Fontes, para que possa transmitir, através da escrita, as sensibilidades vividas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: NARRATIVAS DE UMA SONHADORA

Aprendi a sonhar acordada com seu Antônio⁷ (in memoriam). Ele me ensinou, quando criança, a construir na minha mente o desenrolar das histórias contadas por ele, sob a luz de um candieiro no sítio dos meus avós. Me ensinou a me emocionar com as histórias contadas com tanta sensibilidade. Na época não tínhamos acesso à livros, muito menos a internet como hoje, na realidade dos presentes naquela sala, poucos sabiam ler os códigos escritos. Mas ele me ensinou a amar histórias e depois a História, sobretudo a amar as pessoas.

Nunca tive a sabedoria dele para contar histórias verbalmente, como às vezes me enrolo com as palavras pronunciadas, decidi buscar escrevê-las da melhor forma possível, com tanta sensibilidade quanto seu Antônio, a nos contar histórias como *Cinderela* e *A bela*

6 Teoria construída por pelo professor Dr. Fredy Enrique González, proclamada e acolhida durante as aulas da disciplina “Fundamentos teóricos e metodológicos da Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas e quantitativas” do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no segundo semestre de 2021.

7 Antônio Francisco de Lima.

adormecida, misturando a história original, como ele aprendeu, com elementos do seu cotidiano, da sua história. Não caminhei pelas vertentes da literatura, decidi escrever histórias vivas, de pessoas vivas e/ou que já viveram. Histórias de heróis e heroínas do cotidiano, dos meus espaços de vivência, do meu lugar epistemológico, dentre as quais, parte da minha história, que aqui narro.

Ao contar/escrever a história de uma pessoa, não é somente a história dela que está em foco, mas a história dela em relação com as experiências vividas com outras pessoas. Tanto na área da História, quanto no campo da Educação, quanto nos dispomos a refletir a história de um sujeito, temos que ter em mente que eles não foram construídos sozinhos, que eles viveram e/ou vivem sua história de maneira única, mas sempre se relacionando com outras pessoas. Algumas das pessoas dos nossos espaços de vivência, e seus enredos, nos tocam, nos formam e nos transformam.

Fora mágico aprender a sonhar com seu Antônio. Poder, com pessoas como ele e a partir dos meus sonhos, ter me tornado quem sou hoje. Nunca deixei de sonhar, algumas vezes deixei meus sonhos adormecer, hoje, ao participar da “dança dos sonhos” e relatar histórias vivas em mim, me sinto animada a sonhar e lutar por meus sonhos. Que estas narrativas aqui presentes possam avivar o sonho de pessoas, que como eu, acreditam que sonhar vale muito a pena.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. *In*: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.)

Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.117-140.

GONZÁLEZ, Fredy. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, ISSN 2525-8222, v. 8 n. 17 (2020), p. 155-183. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322>. Acesso em: 18 abr. 2022

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. *In*: _____. **Linguagem e Educação depois de Babel.** Tradução de Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidade: Escrita e leitura da alma. *In*: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9-21.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *In*: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2005, [En línea], Puesto en línea el 04 febrero 2005. Disponível em <https://journals.openedition.org/nuevomundo/229>. Acesso em: 8 nov. 2021.

7

Josefa Kérsia Pinheiro Pontes

A menina dos porquês

“Sonhar é acordar-se para dentro”⁸

Mario Quintana

Caros leitores,

A partir deste texto desejo explanar e legitimar as minhas vivências acadêmicas, excepcionalmente esta, como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPGEd-UFRN 2021.2 - que veio de maneira muito significativa e promissora no trajeto acadêmico em que me proponho a alcançar.

Para iniciar essa dialética necessito resgatar um pouco da minha vida pessoal relacionada à escolaridade. O período da minha infância, passou-se no estado de São Paulo, local onde meus pais decidiram residir por um determinado tempo, aos meus três anos passei a frequentar uma instituição de ensino seguindo as rotinas da Educação Infantil. Com o passar do tempo, fui me apropriando dos livros, atentando-me à leitura e aproximadamente aos seis anos em um belo dia sozinha no meu quarto, com um livro nas mãos, escolhi um texto, fui juntando as letras até conseguir pronunciar uma palavra completamente. Naquele momento compreendi o que acabara de acontecer, saí correndo pulando e gritando de alegria dizendo a todos que estavam em casa: “Aprendi a ler!”. Esse momento é inesquecível, pois foi um episódio em que me emocionou positivamente, tornou-se marcante, revelando o quão persistente fui desde o início da aprendizagem escolar. Ainda na infância, depois de aprender a ler e compreender a leitura no meio social, questionava-me: “O que serei quando crescer?” Pensava em diversas profissões mesmo diante do meu conhecimento ainda infantil, sempre concluía meus pensamentos dizendo para mim: “Quero ser pesquisadora!” e seguia as indagações “Mas, como se faz para ser pesquisadora?”. Minha mãe conta que sempre fui a menina dos “porquês” e que por muitas vezes ela não sabia responder aos meus questionamentos, pois não tínhamos tantas informações, tampouco esse avanço tecnológico da atualidade que nos fornece respostas instantâneas.

8 https://covid.pensador.com/frases_sonhos/ Acesso em: 26 nov. 2021.

Meus pais são comerciantes, minha mãe foi professora por um pequeno período de sua vida e depois se dedicou a família, já a minha avó materna foi professora por todo seu tempo de produtividade trabalhista e hoje aos 82 anos ainda aprecia bastante a educação. Em meio esse movimento no campo educacional de aprendizagens e de desenvolvimento humano, sempre gostei de estudar e adquirir novos conhecimentos.

Estudei em escolas da rede pública durante toda a educação básica, sempre fui considerada uma boa aluna e de modo geral nunca cheguei a nível de reprovação. Diante do percurso no ensino fundamental, já no meu estado de origem, a Paraíba, uma professora na quarta série marcou bastante, ela era conhecida na cidade por Professora Moça (In memoriam), uma pessoa muito amável, proativa, compromissada com a educação e sensível aos seus alunos. Sensível no sentido de estar perto do educando, de ouvir e perceber as necessidades educacionais, buscando estratégias interventivas para desenvolvê-los.

Tenho lembranças das brincadeiras de infância com meus irmãos, e uma delas era quando fazíamos a simulação de uma escola, na qual eu era sempre a professora e eles os meus alunos. Lembro-me, também, que na minha adolescência gostava de ler vários gêneros literários e tinha habilidades para a escrita, com a minha amiga de escola J.D.A escrevíamos vários poemas, por vezes eu iniciava a escrita e ela as concluía ou vice-versa, era uma conexão muito bacana através da escrita.

Ao término da minha adolescência, já no Rio Grande do Norte, realizei um curso na área da saúde de Técnico em Enfermagem, a priori, pensava que iria progredir nesse campo, mas depois constituí família, e somente através da maternidade senti o interesse pela Pedagogia, quando ia levar meu filho Bruno (atualmente com quinze anos) à escola todos os dias me despertava o interesse por aquela agitação pedagógica na escola com objetivos voltados ao desenvolvimento da aprendizagem e a emancipação dos educandos e isso me fez lembrar o desejo lá da infância que estava adormecido “Ser pesquisadora!”.

Com o fervor de dar início a vida acadêmica, definitivamente, independente de pessoas ou coisas, após perceber minha função social na humanidade, prestei vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2012 para o curso de Pedagogia na modalidade EaD, pois me deslocar diariamente da minha cidade até uma instituição de ensino na capital Natal naquele momento seria inviável. Então, fui aprovada e realizei todo o estudo teórico curricular no pólo UAB que dava o suporte nas cidades e as práticas de estágios foram realizadas nas escolas da rede municipal de ensino da cidade de Parnamirim/RN.

Durante o trajeto do curso de pedagogia foram desenvolvidas atividades docentes e habilidades relacionadas ao ensino escolarizado, a partir dos estágios foram concretizados os ensinamentos acadêmicos, pois foi o momento de inserir-me em sala de aula como professora (estagiária), de lidar com planejamento de aulas, avaliações, relatórios, de estar em contato direto com os alunos, era até desafiador para a professora em formação inicial, mas bastante gratificante, naquela ocasião estava eu didaticamente descobrindo o mundo pedagógico, assim, concluí minha licenciatura em 2016. Antes mesmo de finalizar o curso passei por turmas da educação infantil e a compreendo como uma fase muito importante na vida humana, que merece bastante apreço do professor pelo cuidar e educar. Lecionei também no ensino fundamental dos anos iniciais e a minha primeira turma foi a “prova de fogo”, antes de concluir do curso, era uma turma muito desafiadora, eu estava sendo a terceira professora que passava por aquela turma somente no início do ano, pois as outras duas professoras já haviam desistido do cargo.

Depois de uma jornada de trabalho, o ano letivo naquela instituição foi concluído e senti a necessidade de me aprofundar um pouco mais sobre as ocorrências e inquietações daquela turma, impulsionou-me a estudar sobre as dificuldades de aprendizagem, logo, iniciei um curso de pós-graduação - *lato sensu* em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar concluída em 2020, foram dois anos de formação continuada de várias experiências interessantes, que

me fizeram crescer como pessoa e como profissional mediadora de aprendizagens. Entretanto, para aprofundamento em comportamento humano e para compreender melhor meu aluno entendo que me aperfeiçoar futuramente com uma graduação em psicologia poderia auxiliar na minha prática pedagógica e contribuir nas relações humanas, considerando que o aluno em sala de aula não é somente aluno, mas é um ser de muitas emoções, sendo um aspecto inerente aos humanos e que se o professor não for sensível ele pode classificar ou quantificar seu aluno de maneira equivocada.

Nesse período de estudo, da especialização, nasceu a minha filha Isabelle que hoje está com três anos, por muitas vezes a levávamos para as aulas de especialização, pois meu esposo por minha influência também cursou Psicopedagogia, era praticamente um programa em família “A família na universidade”. Fomos bem recepcionados pela instituição de ensino que sempre nos apoiou e compreendeu nosso momento.

Atualmente, estou como professora efetiva dos anos iniciais do Ensino Fundamental I na rede municipal de ensino e o meu compromisso é cumprir as demandas relacionadas às práticas sociais e mediar aprendizagem aos educandos que buscam por conhecimento e sonham com um futuro melhor. Nesse contexto, atrevo-me a citar as palavras defendidas por Lynn Alves (2016, p. 12), sendo “o professor estimulador da inteligência e agente orientador da felicidade”, fazendo o aluno transformar os conhecimentos pré-existentes, através de tantas informações acessíveis, possibilitando-o “construir novos conhecimentos com bases em informações disponíveis”.

A educação é um processo imprescindível, de acordo com Teles (1996, p.15) “a palavra educação, originalmente ‘educare’ tem o significado de extrair, pôr para fora, no sentido de fazer crescer, desenvolver e desabrochar”. Nesse sentido, a educação pode ser compreendida como uma prática humana e social, e assim, como a psicologia ela também estimula e estrutura os seres humanos em

suas dimensões cognitivas, afetivas, físicas, espirituais e culturais, organizando a existência humana em suas perspectivas individuais e coletivas, essas transformações representam o objeto de estudo da Pedagogia. Com o intuito de articular sobre a definição referenciada da Pedagogia, considero um recorte de Libâneo (2001) esclarecendo seu conceito quando traz uma proposta projetiva da Pedagogia como ciência da educação, expondo que é através de conhecimentos científicos, filosóficos e das práticas no trabalho pedagógico, que a Pedagogia dinamiza a exploração da realidade educacional em seu processo de transformação para, então, revelar os objetivos e o desenvolvimento dos processos interventivos.

Em definição ao estudo da Psicopedagogia na instituição de ensino, compreende-se como um elemento identificador utilizado para verificar as dificuldades de aprendizagem, suceder suas origens e promover ações interventivas direcionadas ao desenvolvimento do educando em seu processo de ensino-aprendizagem. Portilho (2003) vem complementar sua definição trazendo que a psicopedagogia tem como objeto de estudo a aprendizagem do ser humano independente da fase de vida, a partir do contexto social em que o sujeito esteja inserido e de todas as relações que ele consiga pertencer.

Hodiernamente, meu interesse é voltado ao desenvolvimento de trabalhos e pesquisas em educação, sociedade, tecnologia e aprendizagens direcionadas à formação docente, educação inclusiva, educação profissional e tecnológica, e educação a distância, considerando a pluralidade de concepções filosóficas e metodológicas na práxis de ensino, a intersubjetividade, bem como a atuação docente e sua autonomia no campo epistemológico.

Aos estudos de Serafini *et al.* (2011, p. 51) para conceituar a aprendizagem:

Aprendizagem é um processo que envolve vínculos individuais e coletivos que resultam das interações do sujeito com o meio, da ação do cuidador e das articulações entre o saber e o não

saber. É um processo permeado, no caso do ser humano, por um clima e um tom socioafetivo, que produz instrumentos para mudar a si e ao mundo e vice-versa. É um movimento que envolve o mundo íntimo, a subjetividade, o desejo e, também, o contexto no qual se dá. É o processo de conhecer, o processo de vida que se dá por articulações possíveis e que amplia os domínios cognitivos para conexões cada vez mais complexas.

Diante do exposto, a minha busca pela aprendizagem é contínua como uma mãe estudante, professora e também com o desejo de atuar em universidades, fundamentar e formalizar minha carreira profissional para a educação de ensino superior resolvi colocar em prática ações para a realização do meu sonho de infância, participei de um processo seletivo para aluna especial de outro programa de pós-graduação, não fui selecionada, frustrei-me por alguns minutos e logo pensei em ir adiante. Tenho uma prática de conversar com *Deus* diariamente e pedi direção, que ele mostrasse o caminho, então, participei do processo seletivo como aluna especial do PPGEd-UFRN para conhecer melhor e me relacionar com pessoas com o mesmo propósito acadêmico voltado à pesquisa e mais uma vez com muita gratidão fui acolhida pela UFRN, através da seleção realizada pelo Professor Dr. Fredy Enrique González, Deus concedeu a resposta!

Efetuei a minha inscrição na disciplina de *Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas e quantitativas*, para entender a metodologia e a diferença entre pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa. Esse estudo, com certeza, dará suporte para a escrita do meu projeto que pretendo submeter posteriormente ao PPGEd-UFRN pleiteando uma vaga para pós-graduação *stricto sensu* - mestrado. Iniciaram-se as aulas remotas dessa disciplina em um formato síncrono, pelo motivo do período crítico, pandêmico que passamos resultante da covid-19. Nosso primeiro encontro ocorreu em 25 de Agosto de 2021 e venho vivenciando aprendizagens em um novo campo epistemológico a partir do experiente e gracioso Professor Dr.

Fredy González e os colegas de curso, uns mestrandos, outros doutorandos, e eu dando meus primeiros passos formativos para a pesquisa, afinal, todo processo necessita de um início. Senti-me muito bem acolhida por todos! Dessa forma, pude ter a oportunidade de acessar e produzir conhecimentos antes ainda não experimentados.

Sobre a *pesquisa qualitativa e quantitativa*, as compreendia como um método técnico, rígido ou inflexível, porém, logo após algumas aulas e leituras sobre a temática posso dizer que tenho outra visão sobre elas, a primeira entendo agora como uma pesquisa que integra a subjetividade e outras dimensões qualitativistas, ou seja, a realidade é múltipla e subjetiva, o pesquisador é considerado um sujeito cognoscente, já a segunda, entende-se como uma pesquisa quantificável quando o cenário de pesquisa é definido inicialmente pelo pesquisador, a realidade é percebida como única e objetiva. Percebe-se ainda que a mistura de pesquisa qualitativa e quantitativa, torna-se uma pesquisa inconsistente, porém, compreendo que o pesquisador qualitativista poderá formular seus dados ou referências qualitativas através de elementos quantificáveis.

A pesquisa qualitativa está relacionada a uma pesquisa subjetiva no campo epistemológico e os fatores considerados relevantes a serem avaliados na pesquisa qualitativa são referenciados em uma abordagem pentadimensional, sendo elas, a Dimensão *Epistemológica*: quando se refere às relações mantidas pelo pesquisador com o sujeito e com o objeto que se estuda. A dimensão *Metodológica*: referindo-se às técnicas e métodos. A dimensão *Ontológica*: tratando-se dos aspectos da realidade que interessam ao pesquisador. Dimensão *Axiológica*: sobre os valores e princípios éticos. E a dimensão *Teleológica*: vem trazendo a definição dos objetivos e metas da pesquisa. (GONZÁLEZ, 2008).

A abordagem pentadimensional para pesquisa quantitativa é compreendida na dimensão *Epistemológica*: quanto a distinção do

pesquisador em relação ao pesquisado. Na dimensão *Metodológica*: quando a pesquisa quantitativa favorece o uso do método científico na formulação e teste de hipóteses levantadas a priori. Dimensão *Ontológica*: onde a pesquisa do meio social tem como objeto de estudo fatos sociais considerados como coisas. Dimensão *Axiológica*: defendendo-se a evitação de posições subjetivas do pesquisador com a ideia de que sua tarefa deve ter valores neutros. E por fim, não menos importante, a dimensão *Teleológica*: quando a pesquisa social busca desenvolver explicações causais dos fenômenos sociais. (GONZÁLEZ, 2008).

Deve-se observar um fator importante na pesquisa qualitativa, que é a sua consistência, a pesquisa deve haver rigorosidade própria das qualitativas a partir de métodos ou o desenvolvimento de seus métodos. O pesquisador qualitativista precisa ser um dispositivo sensível no campo epistemológico, para conseguir apreciar com profundidade seu espaço de estudo, poder aplicar estratégias e extrair as preciosidades consistentes e relevantes para sua pesquisa.

No contexto formativo do pesquisador qualitativista, é sugestivo iniciar sua prática da escrita qualitativista por meio de narrativas autobiográficas, assim, o pesquisador poderá fazer uma reflexão crítica sobre sua prática, sendo esse um elemento constitutivo da prática docente e, assim, esquadrihar novos caminhos teóricos e metodológicos construindo possíveis alternativas, diante do contexto sociocultural que está inserido. Entretanto, confesso que em momentos iniciais da escrita não é tão confortável falar de si em uma narrativa, porém, reconheço como libertador e muito importante no processo de formação, pois, conseguimos ressignificar as vivências, possibilitando a sistematização de um conhecimento inovador e fortalecedor para a formatação da identidade profissional.

Nóvoa (1988, p. 125) salienta que, no cenário histórico de vida, o que “[...] interessa é que o indivíduo construa sua história de

vida e compreenda as vias que o seu patrimônio vivencial lhe pode abrir: ao fazê-lo ele está a formar-se (emancipar-se) e a projetar-se no futuro”. Esse professor universitário português, António Nóvoa é doutor em Ciências da Educação (Universidade de Genebra) e História Moderna e Contemporânea (Paris-Sorbonne). Ele defende que as formações docentes disponibilizem um momento de qualidade para um trabalho de autoconhecimento, em que os professores possam buscar suas histórias de vida, de sua subjetividade para formatar seu perfil profissional.

Dessa forma, sobre o estudo da disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas e quantitativas, sinto-me impulsionada ao aprofundamento dessa temática, o estudo é sim desafiador considerando minhas demandas cotidianas, mas o esforço é necessário para os próximos capítulos da minha carreira acadêmica e sem dúvidas muito importante para a formação de um pesquisador.

Com a exposição dessa narrativa, decidi escrever uma poesia para minha avó materna, a Sra. Altamira (atualmente com oitenta e um anos), antiga professora alfabetizadora da rede municipal de ensino na zona rural da cidade de Araruna na Paraíba. Levando em consideração o esquecimento que alguns professores sofrem na academia ou pelo pouco incentivo para o professor seguir a carreira acadêmica, bem como o esquecimento por parte de alguns ex-alunos que principiam seus processos formativos através desses mestres. Pergunto-me: “Será que minha avó gosta ou gostaria de ser reconhecida ainda hoje por seus ex-alunos?”, “Qual o sentimento que ela tem quando se refere à docência?” Na oportunidade, desejo celebrar através da minha escrita, o trabalho pedagógico prestado pela minha avó durante muitos anos naquela região e enaltecer a importância das ações de um bom professor no meio social. E, assim, escrevo:

PASSOS DE UMA PROFESSORA

*Querida Altamira, pessoa exemplar
Trouxe tanta sabedoria para além de seu lar
Pois foi desde muito cedo que passou a ensinar
Sendo a educação o seu berço elementar
No trajeto que venho fazendo passei a lembrar
De onde vinham as raízes que aqui me fez chegar
És a inspiração que o Prof. Dr. Fredy me fez recordar/
Quem vos fala é a sua neta
Venho com o desejo de lhe homenagear
De uma forma bastante simples e singela
Mas com coração sempre a transbordar
Quando se fala em educação e docência
Nós falamos também de persistência
E temos mesmo que esperar./
E quão esperançosa fostes naquele trajeto
Em que se dispusestes e vierdes a passar
Aquele sol latente na zona rural do agreste
Lá no estado da Paraíba havendo que enfrentar
Todos os dias até o colégio tendo de se deslocar
Muitas vezes em um percurso caminhando
Pois, poucos transportes existiam lá./
Como dizia Paulo Freire, sempre com esperança
Mas, nunca a esperança do verbo esperar
Era preciso ter coragem para poder enfrentar
Sozinha em meio ao silêncio e a escuridão
Com tantas atividades ainda para planejar
Mesmo depois de um dia inteiro de trabalho
Tendo apenas uma lamparina para clarear./
E quantas viagens foram necessárias
Para como professora se aperfeiçoar
Deixando sua família à espera e com saudades
Mas, precisando de se ausentar para estudar
Em nome da educação e dos seus alunos
Buscando novos conhecimentos para mediar
Aprendizagens e autonomia para então emancipar./
Sua história de vida aqui está bem resumida
Quiz eu uma parte desse movimento externar
Registrando e a reproduzindo nesta poesia
Um legado existente para nunca mais apagar
Suas histórias de lutas e conquistas são preciosas
Uma professora corajosa e de muita história pra contar
E é com muito carinho que venho lhe parabenizar.*

(Kérsia Pinheiro)

Seguindo com minhas sensíveis reflexões, quero também celebrar a existência das pessoas que de forma direta ou indiretamente fizeram e fazem parte da minha trajetória de vida, em especial a minha amada mãe, a Sra. Lourdes, pessoa que toda retribuição do mundo que eu pudesse conceder, não seria o suficiente para agradecer tudo o que ela fez e ainda faz por nossa família. Minha mãe possui muitas virtudes, características as quais herdei bem mais do que as do meu pai, o Sr. João. A nossa matriarca gosta de estar em família, de almoçar com todos, de conversar, de aprender, de viajar e de ouvir uma boa música, e quando ouvimos músicas nos vem automaticamente à disposição para dançar, assim, como a dança dos sonhos que sempre está em movimento, nós (minha mãe e eu) ousadamente, nos propomos a dançar (às vezes de forma imaginária) e, também, de sorrir mesmo em meio às contrariedades da vida. Nesse sentido, gostaria de reverenciar a todos e convidá-los a refletir, dessa forma, compartilho a letra desta música do cantor brasileiro, Daniel:

PRA SER FELIZ - DANIEL⁹

*As vezes é mais fácil reclamar da sorte
Do que na diversidade ser mais forte
Querer subir, sem batalhar
Pedir carinho, sem se dar
Sem olhar do lado*

*Já imaginou de onde vem
A luz de um cego
Já cogitou descer
De cima do seu ego
Tem tanta gente por aí
Na exclusão, e ainda sorri
Tenho me perguntado*

*Pra ser feliz
Do que é que o ser humano necessita?
O que é que faz a vida ser bonita?
A resposta, onde é que está escrita?*

9 <https://covid.letras.mus.br/daniel/1964931/> Acesso em: 6 nov. 2021 .

*Pra ser feliz
O quanto de dinheiro eu preciso?
Como é que se conquista o paraíso?
Quanto custa?
Pro verdadeiro sorriso
Brotar do coração*

*Talvez a chave seja a simplicidade
Talvez prestar mais atenção na realidade
Porque não ver como lição
O exemplo de superação de tantas pessoas*

*O tudo às vezes se confunde com o nada
No sobe e desce da misteriosa escada
E não tem como calcular
Não é possível planejar
Não é estratégico*

*Pra ser feliz
Do que é que o ser humano necessita?
O que é que faz a vida ser bonita?
A resposta, onde é que está escrita?*

*Pra ser feliz
O quanto de dinheiro eu preciso?
Como é que se conquista o paraíso?
Quanto custa?
Pro verdadeiro sorriso
Brotar do coração*

*Pra ser feliz
Do que é que o ser humano necessita?
O que é que faz a vida ser bonita?
A resposta, onde é que está escrita?*

*Pra ser feliz
O quanto de dinheiro eu preciso?
Como é que se conquista o paraíso?
Quanto custa?
Pro verdadeiro sorriso
Brotar do coração*

(Daniel)

Esta narrativa possui como eixo estruturante a pesquisa e evidência que ela acontece diariamente nas nossas relações cotidianas, em corpus o texto narra os acontecimentos inerentes à vida humana com suas subjetividades, adversidades e as dificuldades experimentadas por todos nós, porém a vida nos concede possibilidades para irmos além dos desafios, por isso é preciso ter fé na caminhada, paixão no que se faz e muita esperança para manter os sonhos vivos, assim como está escrito lá em Lamentações (um dos livros da Bíblia dos cristãos) capítulo 3, versículo 21 “Quero trazer à memória o que me pode dar esperança”. Precisamos esperar!

Em consonância ao que venho escrevendo, vale salientar uma das fabulosas falas do Professor Dr. Fredy sobre a Pedagogia da Sedução no sentido de animar, significando, então, movimentar a alma. Essa estratégia de animar o outro é bastante relevante aos docentes, e que estejamos dispostos a animar, impulsionar e provocar nossos alunos a refletir, questionar e a produzir conhecimentos. E que eu encontre muitos “Fredy’s” na minha caminhada, pois o otimismo e a perseverança nos mantêm vivos.

No que se refere à docência, um professor não é formado apenas quando conclui sua etapa de formação inicial, mas passa a ser um processo contínuo por toda trajetória docente, pois novas demandas para o ensino são requisitadas, tornando-se fundamental a formação continuada para a melhor condução da aprendizagem. Por (NÓVOA, 2003) esse profissional, assumindo-se como um professor reflexivo e investigativo passa a conquistar a autonomia em seu campo de trabalho deliberando melhor as metodologias de ensino e suas práticas. Na ideia de uma ação reflexiva, o professor vem se tornar sujeito do conhecimento, apto a expor, explicar, compartilhar suas vivências e experiências profissionais.

Sobre essa disciplina, posso dizer que a recebi como um valioso presente para meus estudos acadêmicos e será sempre lembrada

por mim como base de aprendizagem no campo de pesquisa. Nossas vivências aqui sendo exploradas e enaltecidas é algo diferente e honroso. Essa subjetividade, a intersubjetividade proposta através do Prof. Dr. Fredy é marcante e ameniza aquela objetividade e normas que podem até ser “pesado” nos estudos de pesquisa em vias de regras. Entretanto, sabemos que a pesquisa científica necessita de ser fundamentada em teorias, aprofundada em estudos científicos.

Quanto a minha pessoa, continuo uma menina sonhadora, sensível, intensa, pois não sei ser ou sentir *mais ou menos*, “pesquisadora” por essência e muito em breve por formação, pessoa que tenta humanamente acertar, levo os erros como aprendizagem, valorizo os princípios éticos, amo minha família, atento-me ao contexto da sociedade, prezo pela justiça, pela cidadania, sou observadora, faço uso da prática de bondade, de honestidade, de compreender o próximo de forma singular diante do meio em que esteja inserido, sem julgamentos prévios. Comprometo-me a realizar meus sonhos e a partir deles sonhar cada vez mais, disponibilizando-me a somar na vida de outras pessoas que passarem por mim. Trouxe este texto de Clarice Lispector para compor minha escrita, sobre essa temática da dança dos sonhos como um elemento inspirador.

SONHE

*Sonhe com aquilo que você quiser.
Seja o que você quer ser,
Porque você possui apenas uma vida
E nela só se tem uma chance
De fazer aquilo que se quer.
Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.
As pessoas mais felizes
Não têm as melhores coisas.
Elas sabem fazer o melhor
Das oportunidades que aparecem*

*Em seus caminhos.
A felicidade aparece para aqueles que choram.
Para aqueles que se machucam.
Para aqueles que buscam e tentam sempre.
E para aqueles que reconhecem
A importância das pessoas que passam por suas vidas.
O futuro mais brilhante
É baseado num passado intensamente vivido.
Você só terá sucesso na vida
Quando perdoar os erros
E as decepções do passado.
A vida é curta, mas as emoções que podemos deixar
Duram uma eternidade.
A vida não é de se brincar
Porque um belo dia se morre.
(Clarice Lispector)¹⁰*

Com esse texto de Clarice Lispector, podemos refletir sobre acontecimentos reais em nossas vidas, as escolhas que fazemos, a vulnerabilidade que somos submetidos, as tribulações existentes e, assim, conseguimos explicar sobre a flexibilidade cognitiva que é uma característica do indivíduo que aprende e, também, de quem está disposto a aprender em meio às mudanças que vão acontecendo. Esse recorte nos remete a pensar que em nossas lutas diárias, nas buscas frequentes por aprendizagem dificilmente estaremos confortáveis, pois sempre passamos por momentos de instabilidades, porém com o uso da flexibilidade cognitiva aprendemos a lidar com os contratempos e não perder o foco no objetivo em que almejamos, esse está sendo um dos elementos que venho utilizando no meu processo de desenvolvimento profissional e pessoal. Assim, sobre o desenvolvimento humano, entre as competências e habilidades, o termo *lifelong learning*, em português, significa formação contínua, partindo da premissa de que a educação é algo interminável e, por tanto, ocorre ao longo da vida. Dessa forma, a vulnerabilidade nos apresenta a capacidade que

¹⁰ <http://vocedebemcomaleitura.blogspot.com/2018/01/o-sonho-clarice-lispector.html?m=1>
Acesso em 07 de novembro de 2021.

possuímos e sem ela, não sairíamos da zona de conforto, não inovaríamos, não nos disponibilizaríamos às pessoas e não haveria o surgimento do desejo de aprender. A vulnerabilidade é relativa à humildade necessária para aprender (ROSSANDRO KLINJEY, 2021).

Quando me propus a ingressar nesta turma de estudos em pesquisas qualitativas e quantitativas já percebia que estaria vulnerável a um novo ambiente epistemológico, diante do professor Dr. Fredy com tanta experiência na área acadêmica, com muitos anos de carreira, dos colegas com tantas histórias lindas somadas no campo profissional e eu persistindo com meus passos iniciais na pesquisa. Entrei como aluna especial com muita disposição para aprender e estar com esses experientes pesquisadores, colegas de turma, trouxe-me fortalecimento com suas partilhas de vida profissional e pessoal, vindo a somar em minhas aprendizagens. Lembro-me de uma professora que diz, assim: “Se você está sentada a uma mesa em que domina todo o saber, desculpe-me, mas, está sentado(a) à mesa errada!”. Nesse sentido, compreendemos que estamos a aprender continuamente e que todo saber deve ser valorizado, considerando a interação social como um dos principais aspectos caracterizadores dos seres humanos, e que é por meio da cultura que é dado significado à existência humana.

O movimento da vida coincide bastante com os processos formativos e apresenta situações que arremessam o indivíduo a um campo humano ainda desconhecido, assim também acontece no processo acadêmico, deliberando alternativas, possibilitando-nos a escolher entre procrastinar ou mergulhar em novas experiências de aprendizagem ainda desconhecidas. Nesse percurso, acessei vários conhecimentos, pude assimilar a essência de um pesquisador qualitativista e refletir sobre o meu processo de formação. Consigo agora verificar em quais aspectos devo aprofundar meus estudos e, hoje, tenho uma nova versão de mim.

Em momentos finais da escrita desta narrativa, retomo sua leitura e com sinceridade digo que me emociono, mas é uma emoção de muita gratidão, pois o texto autobiográfico como metodologia da pesquisa qualitativa nos proporciona esse momento de reencontro com meu *EU*, tornando-se uma terapia e isso é um movimento lindo e encantador que fortalece a identidade docente e revela o pesquisador como um “dispositivo sensível que coleta informações com o corpo todo”, sendo essa a característica principal de um pesquisador qualitativista. Nesse contexto, verificamos que o trajeto profissional da docência caminha entre suas fases iniciais e a socialização diretamente na escola, possuindo uma grande importância na aquisição de saberes, que são posteriormente utilizados no exercício do magistério. Assim, podemos compreender que as competências e a identidade profissional são construídas ao longo da trajetória profissional, durante seu “processo temporal de vida profissional de longa duração no qual estão presentes dimensões identitárias e dimensões de socialização profissional, além de fases e mudanças” (TARDIF, 2007, p. 70).

Na aquisição de saberes da profissão docente é necessário acessar a dimensão identitária, em razão de que o professor passe a admitir seu compromisso profissional, em outras palavras, o professor precisa construir e assumir sua identidade para ministrar suas ações com mais eficiência no campo educacional. Diante de estudos voltados aos saberes docentes, percebe-se uma abordagem sobre a capacidade dos professores na mobilização de novos saberes a partir da resignificação de conhecimentos anteriormente constituídos, passando a reavaliar sua prática em um processo de reflexão e de autoformação.

Um professor competente podemos compreender que seja aquele que faz a mobilização dos seus conhecimentos para a superação dos desafios de sua profissão, proporcionando aos educandos oportunidades de adquirir aprendizagem de maneira efetiva, qualitativa,

constituindo-se, então, “como sujeito que desenvolve suas capacidades subjetivas, intelectuais e práticas” (LIBÂNEO, 2008, p. 56).

Dessa forma, concluo esse texto dizendo que estou imensamente grata por tanta aprendizagem, que é muito valioso o estudo sobre as pesquisas qualitativas e quantitativas e nós como eternos aprendizes que estejamos dispostos a ouvir o outro, aprender constantemente e diante desta sociedade contemporânea que vem passando por grandes transformações, possamos nos disponibilizar à reconfiguração de alguns conceitos. Assim, faço um convite ao meu leitor para refletir qualitativamente além das teorias científicas e também meditar sensivelmente sobre os aspectos de contextos vivenciais, educacionais e sociais, considerando que somos seres inacabados como dizia (FREIRE, 1996) e estamos em constante construção.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Graciela Goncalves. **Desafios éticos do processo educativo: a análise de uma intervenção pedagógica** 22/08/2017 92 f. Mestrado Profissional em Educação Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal do Pampa, Bagé Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA/Câmpus Jaguarão.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire, 25ªEd. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (coleção leitura).
- GABRIEL, Gilvete de Lima. **Narrativa autobiográfica como prática de formação continuada e de atualização de si**. Os grupos-referência e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária docente. 01/12/2008 195 f. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14195>. Acesso em: 18 out. 2021.
- GONZÁLEZ Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.8, n.17, p. 155-183, ago. 2020.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Apuntes para una crítica pentadimensional de la investigación socioeducativa. **Revista Educação em Questão**, Vol. 32 (18, maio/ago.) 40-78, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/3916>. Acesso em: 20 out. 2021.

KLINJEY, Rossandro; FONTES, Ana. **Atualização, ressignificação e desenvolvimento de competências profissionais**. Ebook Uninassau Digital. 2021. 38 p.

PATIAS, Naiana Dapieve; HOHENDORFF, Jean Von. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria-RS, Brasil. **Psicol. estud.**, v. 24, e43536, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>. Acesso em: 29 set. 2021.

ROVARIS, Nelci Aparecida Zanette; WALKER, Maristela, Rosso. **Formação de professores: pedagogia como ciência da educação**. Cascavel/PR, 2012. Disponível em: <http://covid.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/525/640>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SCHNEIDER, Letícia; BLASZKO, Caroline Elizabel. **A atuação do psicopedagogo no contexto escolar: estudo pautado pelas vozes dos profissionais**. Paraná-PR, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25923_14088.pdf. Acesso em: 26 nov. 2021.

SILVA, Alexandre Ribeiro da. **Jogos digitais no ciclo de alfabetização: um caminho no processo de alfabetizar letrando** 30/04/2019 202 f. Mestrado Profissional em Inovação em Tecnologias Educacionais Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Zila Mamede - UFRN. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/28457> Acesso em: 22 nov. 2021.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. **Linguagem: incompletude, inacabamento e inconclusão** em Paulo Freire e de Mikhail Bakhtin. Vitória da Conquista- BA, 2008.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **Formação docente e autorreflexão pela arte: práticas pedagógicas coletivas de si na escola**. Pelotas, 2017. 198 p. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3803> Acesso em: 26 nov. 2021.



8

Julie Isabelle Freitas Rodrigues

**Uma poesia
chamada vida**

Antes de ser uma professora que se inquieta com as dificuldades dos seus alunos, acredito ter sido uma criança que inquietava seus professores. Não conseguia me concentrar nas aulas e minha mãe era uma visitante assídua da escola. Sempre gostei de aprender coisas novas, mas ficar sentada durante quatro horas seguidas não era fácil para mim. Os corpos inquietos são vistos como inapropriados, na escola tradicional na década de 1990 o corpo necessitava caber nas filas, nos quadrantes, no silêncio onde só ecoava a voz do professor. “Lugares determinados se definem para satisfazer não só à necessidade de vigiar, de romper com as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil” (FOUCAULT, 1987, p. 170). O pátio da escola sempre me pareceu mais convidativo. Consigo perceber a importância daquelas relações, estabelecidas sem o olhar do adulto, as quais me fizeram crescer e aprender a lidar com o outro.

Estudei em poucas escolas e pensando em cada uma delas, consigo perceber o quanto cada uma contribuiu para a minha formação. Ainda no ensino fundamental, no sétimo ano, entrei para o grupo de teatro da Escola Técnica de comércio Professor Ulisses de Góis. Nos reuníamos sempre às sextas-feiras para as aulas de expressão corporal, ensaios, leituras dramáticas e muita conversa. Sempre fui aluna da rede pública e esse contato com o teatro me aproximou de lugares que não eram muitos comuns para os alunos da nossa escola. O Teatro Alberto Maranhão, a Capitania das Artes e o Teatro Sandoval Wanderley passaram a fazer parte da nossa realidade e minha admiração pelas artes só aumentava. Gostava de criar textos para apresentar nos esquetes que eram propostos nas aulas, definitivamente, escrever era bem mais confortável que atuar.

O ensino médio na Escola Estadual Winston Churchill me traz lembranças que vão além das aulas, são as melhores memórias afetivas que pude construir em minha trajetória de estudante: banhos de chuva, as meias ensopadas penduradas nas janelas da sala, as rodas

de conversa e as relações que foram além dos muros da escola. É aquele momento em que nosso grupo é a nossa identidade. Mal sabíamos que nos preparávamos para voarmos sozinhos. A semana era intensa e tudo corria bem quando a única responsabilidade era acordar cedo para não perder o ônibus das seis horas e tirar boas notas.

Aos finais de semana, acordava com o som da máquina de datilografia, a qual minha mãe manuseava com destreza para escrever os poemas que ela antes havia manuscrito em suas dezenas de cadernos com uma letra perfeitamente desenhada. A casa era tomada pelo cheiro da comida que o meu pai preparava nos finais de semana. Os poemas e as cantorias sempre fizeram parte da minha casa, os versos e as rimas pareciam morar na minha cabeça e logo passei a ser também uma colecionadora de cadernos de poesia. Quando estamos cheios de poesia ela transborda. As poesias sempre surgem de sentimentos e inquietações, me aproximam da minha existência e dos mundos que ainda não conheço. Aproximam-me das pessoas, das suas histórias, das nossas verdades e porque não dizer de nossas mentiras também?

As composições da minha mãe surgiam de maneira natural, lembro de alguns momentos em que ela acordava para escrever algo com o qual tinha sonhado. E sobre os sonhos, minha mãe, Glorinha, sempre nos ensinou a acreditar neles. Há uma situação inusitada e um tanto corajosa que mostra o quanto ela é audaciosa. Durante muito tempo, minha família morou de aluguel e meu avô, Augusto, padrasto da minha mãe, queria presenteá-la e pediu para que ela escolhesse entre a chave de uma casa ou a publicação do seu livro de poesias. Não parece difícil imaginar o que ela escolheu: sim, o livro. Fez seu lançamento na Capitania das Artes, com direito a autógrafos e buffet. Com seu vestido vermelho idealizado por ela e confeccionado especialmente para aquela ocasião, ela estava lá, realizando um dos seus sonhos.

O lado criativo da minha mãe não parava nas poesias. Nos dias de chuva, na cidade em que morávamos, costumava faltar energia, nessas horas ela contava suas histórias de terror, umas que eu até hoje não ouvi em outro lugar. Tenho certeza de que boa parte delas brotavam na mente dela para nos divertir.

Ela inventava músicas de ninar e nos colocava para dormir com as canções com muitas delas, as quais hoje embalam o sono dos seus netos, meu filho João e meus sobrinhos João Pedro, Benjamin e Heitor.

Toda a história da minha família foi relatada a mim e aos meus irmãos pela minha mãe. Contava da escola que minha avó tinha, onde ela alfabetizava crianças e também adultos. Do meu tio que faleceu muito jovem e que era a maior referência de afeto que ela tinha. Do meu tio-avô, que a levava para os parques e circos que vinham a Natal na década de 1960. Contava também algumas histórias sobre meus avós paternos, Manuel e Isabel, os quais deixaram esse plano quando meu pai ainda era muito jovem. Não os conheço nem por foto, somente pelos poucos relatos que meus pais faziam sobre eles.

Minha infância tem trilha sonora, rima, cheiro, memórias que foram construídas com muito afeto e muita abdicação por parte dos meus pais e da minha avó. Minha avó materna, Dona Lourdes, foi minha primeira professora, meus irmãos e eu aprendemos a ler com ela. Ela cuidava de toda a nossa rotina para que meus pais pudessem trabalhar. Deixou-nos cedo, eu tinha apenas 13 anos quando ela se foi, mas deixou seu legado de amor e seus ensinamentos comigo, meus irmãos, Igor e Ilker, e com minha prima Nilda, que, assim como eu, também é professora, seguindo os passos da nossa saudosa *vóinha*.

QUANDO A POESIA PARECIA TER IDO EMBORA, A POESIA VAI À ESCOLA

Quando nos tornamos adultos, muitas vezes, deixamos de nos aproximar da nossa verdadeira essência para dar conta de um mundo de exigências. Seria possível novamente me aproximar da Julie poetisa? Será que ainda há versos a serem transbordados? Escrever sobre mim tem se tornado um desafio e tem me suscitado esses questionamentos. Em quantos versos cabem nossas histórias e nossos sonhos?

Não sei se escolhi todos os caminhos que trilhei até aqui, a sensação que tenho é ter sido escolhida por cada um deles. Nesse exato momento, há uma transferência de significados entre o que escrevo e meu percurso enquanto ser humano e todas as palavras que me levaram a rememorar a minha história fazem com que eu me reconheça em cada uma dessas lembranças. Reviver tudo isso faz com que eu me sinta verdadeiramente privilegiada, mesmo em momentos adversos. “Esse resignificar os fatos narrados nos indicam que, ao trabalharmos com a memória, o estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstituído por uma memória seletiva, intencional ou não” (ABRAHÃO, 2003, p. 86).

Quando ingressei na universidade aos 18 anos, assim como muitos dos meus colegas, passava quase a mesma quantidade de horas dentro do ônibus que as horas em que estava em aula, não me lembro de ter reclamado, nunca pensei em desistir, aproveitava o melhor das aulas e da companhia dos meus amigos. As rodas de violão aliviavam as duas horas de ônibus na volta para casa. Professor e poeta, por essência, vocação ou teimosia, costumam ser otimistas e enxergar o lado bom das coisas.

Mesmo longe dos meus cadernos de poesia, me arriscava a rabiscar algumas coisas nos cantinhos dos textos acadêmicos, aqueles enormes, conquistados após muitos minutos na fila da xérox do setor de aulas I. Gostava de pegá-los ainda quentinhos ao sair da máquina de cópias. Mais prazeroso que os textos xerocados eram as idas à livraria do centro de convivência para folhear alguns livros. A livraria tinha um cheiro característico de café e livros novos que se propagavam com o ar condicionado. Nessa época havia pouco dinheiro, e o que me restava era ler alguns trechos dos livros que me interessavam. Lia em pé mesmo, em frente às prateleiras, aproximava-os do rosto para sentir o cheiro mais de perto e guardava. Voltava outro dia e o alvo já era outro livro. Comprar livros pela internet nunca será tão gratificante quanto comprá-los em uma livraria, principalmente se nela houver uma máquina de café.

A universidade, sem dúvidas, foi um dos lugares mais significativos para mim, não somente pela escolha da minha profissão, mas também pelas vivências e amizades construídas ao longo dos anos. Voltar ao campus é sempre um momento de nostalgia, escrever sobre isso é verdadeiramente prazeroso. E estou aqui mais uma vez, cada relato e cada encontro me enlaçam nessa sensação de pertencimento ao lugar, à escrita, ao meu eu pouco conhecido, talvez esquecido ou sufocado pelas demandas da vida cotidiana, mas quem uma vez se aventurou a falar do mundo pelos olhos da poesia, jamais se encantaria por outros olhos e se, porventura se perdesse, certamente voltaria.

Recordo-me bem quando decidi que iria cursar pedagogia, foi no próprio dia a dia da escola, em meu primeiro emprego. E pensando agora como me tornei professora, só consigo imaginar que cada um desses anos foi um pedaço dessa construção, não sou professora, estou sendo, e sendo um pouco mais todo dia.

A escola é o espaço de significados, singularidades e subjetividades. Cada ser, em sua essência e sua história, torna vivo o ambiente escolar e faz com que os sujeitos ali envolvidos reafirmem

suas identidades. Ser professor da escola pública me aproxima dessas histórias que em muitos momentos se distanciam do poético. E não falo somente das rimas, versos ou estrofes, refiro-me aos sentimentos e a possibilidade de falar sobre eles e lidar com as emoções que eles nos provocam.

Meu primeiro contato com a escola foi desafiador. Nenhuma teoria foi suficiente para que eu alcançasse os meus alunos, planejamentos, livros, atividades eram, e são, grandes aliados das minhas aulas, mas eu precisava me tornar professor e só o dia a dia junto aos meus alunos poderia me aproximar disso. Quando me deparei com a escola não tinha dimensão dos sentidos que iria construir e quantos tantos outros sentidos eu precisaria compreender para estar ali.

E o que é a poesia na escola senão a sua própria existência? O que eu poderia fazer para também ser poesia dentro desse espaço para os meus alunos? Diante de tantas adversidades, como ser firme e encantar ao mesmo tempo? Estamos sempre reafirmando a escola enquanto instituição democrática, transformadora e resistente, mas até que ponto eu, professora, represento essa escola?

São indagações dizem sobre mim, e na minha concepção, ser poesia na escola é oferecer ao outro o seu melhor, a sua essência e suas fragilidades também. A poesia nem sempre versa sobre o belo, muitas vezes está impregnada das nossas emoções mais íntimas, que nos revelam diante dos outros.

Em minha prática consigo perceber quanto que ficou em mim de cada um dos meus pares nessa caminhada, dos professores que me inspiraram, daqueles que eu decidi que não queria ser parecida e da minha avó me ensinando nos meus primeiros anos de escola. Essas conclusões me fazem pensar o quanto somos afetados pelo outro e como podemos também afetá-los.

Costumo levar meus alunos à biblioteca da escola, nos primeiros momentos eles ficavam esperando que eu escolhesse um livro para eles e depois fizesse um trabalho sobre ele. Havia um enorme vazio e porque não dizer uma bagunça entre o que eu imaginava ser aquele momento e o que eles esperavam. Aos poucos eles se tornaram curiosos por novas aventuras, descobrindo o prazer de fazer suas próprias escolhas, de sentar junto aos amigos para ler juntos e de compartilhar as histórias com o grupo. “Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade” (FREIRE, 1997, p. 20).

Vejo-me também em cada um deles. Eu que há alguns anos estive sentada em uma sala de escola pública e me encantei pelos livros e pelas histórias, posso trazer um pouco de encantamento para as crianças. Ler nos leva para lugares que pareciam inacessíveis, e quando acessamos esses lugares nos aproximamos dos nossos sonhos.

Não há como ser poesia sem sermos o que realmente somos e isso implica em termos sonhos, projetos de vida e buscar nos aproximar deles. Em alguns momentos pensei em estar me distanciando dos meus, a sensação era de ter ligado o modo automático e seguido sem direção, mas parando para pensar e agora escrevendo sobre esse percurso, penso que cada história vivida foi uma ponte para chegar até aqui. Escrever esse texto é como olhar de cima dessas pontes e ver o que passou e o quanto ainda há de ser vivido.

Sobre a ponte consigo ver além. Não é fácil olhar para mim, nesse exercício de autorreflexão, ainda me vejo como um verso inacabado, mas também com muitos escritos. Chega uma hora em que precisamos organizar, colocar cada rima no seu lugar e cada passagem em uma estrofe. Talvez seja esse o exercício.

POESIA É FRUTO DOCE

Nessa feitura que é a nossa vida, também damos frutos, e nessa dimensão entre o que sou e o que estou sendo, também me tornei mãe. João chegou carregando o nome forte do meu pai, que também é o primeiro nome dos meus irmãos. João significa agraciado por Deus, e todas as provações que passamos juntos só me mostra o quanto ele é forte. A história de João se entrelaça com a minha, não só pelos nossos laços de sangue, mas pelo que tecemos juntos nessa grande colcha de retalhos que é existir. De retalhos emendados, coloridos, costurados a ponto e nó. Quando peguei meu filho nos braços sabia que uma nova poesia estava sendo escrita. A poesia vivida em sua essência. Parecia me faltar inspiração para escrever qualquer coisa sobre a chegada de João, mas a verdade é que vivíamos e pela primeira vez escrevo sobre isso.

Costumo dizer que eu não tinha dimensão da maternidade até ser mãe, mesmo durante a gestação aquele sentimento ainda não me dominava. Era difícil para mim sair da condição de filha e ser independente para a minha realidade de mãe que consumia todas as horas do meu dia. E fui me tornando mãe, a cada amamentação, a cada choro, nas horas de dormir, na primeira queda, no primeiro dente que caiu, nas primeiras palavras.

Quando ele ainda era recém-nascido nos mudamos de estado, saímos do Rio Grande do Norte para morar no Rio de Janeiro, naquele momento parecia que havia perdido toda a minha referência de família, cultura, lar, me vi sendo meu próprio mundo e construindo uma história diferente junto ao João. João é sem papas na língua, sem freio, tem um coração enorme, é bicho solto. Ele é o verso mais bonito dessa vida, é também trava-língua e adivinha. Há quem adivinhe o que se passa na cabeça de um adolescente? Meu pequeno de cabelos encaracolados, de sorriso fácil e cheio de argumentos.

Recomecei minha vida profissional na escola que João começou a estudar. João é daqueles meninos que deixam as professoras de cabelo em pé. E nessas descobertas dele na escola também me fortaleci enquanto mãe e professora. Eu não poderia escrever esse texto sem falar dessa escola, a Escola Nossa, sim, esse é o nome, e seu significado foi tão intenso nas nossas vidas que dentro da gente ela ainda é nossa e que um pedacinho de nós também ficou lá. Naquele lugar sem muros, vi as crianças subindo os morros, escalando as árvores, brincando no campinho de terra batida. Vi os azulejos pintados de tinta, ouvi música no varandão, cantorias no sarau, poesia na praça. Vivi encontros e despedidas.

Lembro de cada momento que vivemos lá. Quando ele aprendeu a ler e no final do ano leu a dedicatória do seu caderno para mim, quando ele recitou a poesia do “porquinho da Índia”, quando cantou Morena Tropicana do Alceu Valença para toda a escola. Dele subindo a rampinha da educação infantil puxando sua mochila de carrinho. Memórias que são poesias, as mais belas, do meu fruto mais doce.

Enquanto professora na Escola Nossa, tenho certeza que aprendi mais que ensinei. Nas trocas com meus colegas de trabalho, em especial com a minha amiga Amanda e minhas coordenadoras Marize e Ana Lucia. Ao mesmo tempo que exercia a minha prática, havia pessoas comigo me ajudando a trilhar aquele caminho, amadurecer enquanto profissional e pensar sobre ser professora. Por estar em uma escola verdadeiramente inclusiva me senti motivada a cursar a especialização em psicopedagogia, podendo conhecer mais sobre os meus alunos e me aproximar deles.

E depois de anos de aprendizado e de experiências incríveis decidimos que era a hora de voltar para nossa Natal. Foi uma volta dolorida, cheia de saudade. Estávamos tirando João da sua referência de casa, de escola, dos amigos. Foi difícil recomeçar. Mas fomos acolhidos por nossas famílias, tivemos a oportunidade de ver João crescer perto dos seus avós e superar as adversidades trazidas pelas mudanças.

Em sua primeira semana na escola em Natal, fui chamada para buscá-lo, pois ele disse que estava se demitindo. Parece engraçado falar sobre isso agora, mas o sentimento angustiante de vê-lo infeliz tomava conta de mim. E passou. Não sem dores, não sem conversas e lágrimas, mas estou aqui falando desses momentos com um pouco até de saudade e com muita certeza que fizemos a escolha certa.

E aqui estamos, João hoje com seus 12 anos e muitos joelhos ralados. Quanta riqueza ostentar algumas costuras na testa também! Eu, traçando novos caminhos, me encontrando, ousando ser aquela que escreve sua própria história e que tenta ver poesia mesmo nos dias mais difíceis. E a ponte que citei anteriormente, está firme sob os meus pés e embora os rios que correm por ela tenham águas incertas, sei que seguem seu curso e sabem onde irão desaguar.

*Sigo o curso das águas em meu barco a vela
Respeitando a direção do vento
Em dias de calma outros de tempestade
Resistindo à ordem contrária da condição humana
Que despreza a essência do ser.*

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helenna Mena Barreto. **Memórias, narrativas e pesquisa autobiográfica**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 23 dez. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento das prisões**. Tradução Raquel Ramalheite. 35. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1987 – 288 p. Do original em francês: Surveiller et punir.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: olho d'água, 1997.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos de pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.8, n.17, p. 155-183, ago. 2020.



9

Marecida Bezerra de Araújo

**Entre claros
e escuros:**
memórias de uma vida
intensamente vivida

NA ESTRADA, VEJO O HORIZONTE

Nesta estrada, meus pensamentos voam livres para longe de onde hoje estou e percebo quantos percursos, histórias, conquistas, decepções me formaram na mulher, professora, pesquisadora ainda em formação que sou. Minha identidade está em contínuo processo de formação, cada passo neste caminho me aproxima ou me afasta em alguns momentos dos resultados sonhados, planejados e desejados. Às vezes penso até onde esta estrada poderia ter me levado, mas ao olhar para trás percebo a alegria da caminhada, as pessoas que estiveram comigo em todos os trajetos. Muitos de meus sonhos se tornaram mais lentos em suas realizações como por exemplo o doutorado, as curvas mais densas em que os pés já cansados demoraram a fazer o percurso, mas a certeza de que a realização foi e é possível. Como diz Raul Seixas “sonho que se sonha junto é realidade”. Sempre sonhei junto com os outros e com outros seres percorro o caminho, deslumbro o horizonte e descubro o meu lugar, seja na minha vida pessoal ou profissional, estes são indissociáveis.

As lembranças perpassam por lugares bonitos, de muitos encantos, mas também sombrios e de tristezas em que os acontecimentos da experiência pessoal e profissional se tornam significativas no sentido de perceber que lembrar não emerge no vazio e sim a partir de um contexto, um tempo e espaço. A narrativa vai além de lembrar os momentos vividos no cotidiano, emana do mais íntimo amanhecer, aproveitando a tarde sem pensar na noite, apenas sentir a liberdade de uma vida sonhada, improvisada, oportunizada, mas vivida intensamente.

Nesta liberdade também rememoramos os aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais que influenciaram o modo de vida, de ser da autora que uma vez protagonista de suas experiências se torna autora deste texto.

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa que segundo Ludk e André (2013) se baseia numa perspectiva que concebe o conhecimento como um procedimento socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas. Igualmente, Bogdan e Biklen (2003) observam que a pesquisa qualitativa também é descritiva, pois busca descrever dados, fazendo com que as palavras assumam significativo valor.

No entanto, a escrita deste texto narrativo, convidado e fomentado pelo professor Dr. Fredy Enrique González na disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas e quantitativas do programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEd - pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte está estruturado em quatro partes distintas da introdução e aproximações finais. A primeira parte narro em breves linhas minha história pessoal. A segunda parte compreende meu percurso acadêmico e início de minha docência. E a terceira parte destaco minhas experiências no campo da gestão escolar e municipal inspirada nos princípios da democracia e participação, os quais me instigaram na busca da formação continuada reconstruindo conceitos e ressignificando minhas práticas educativas. Em seguida costuro algumas considerações a respeito de minhas práticas como pesquisadora.

SEGUINDO AO ENCONTRO DOS SONHOS

*Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto*

Fernando Pessoa

No processo de narração de si a pessoa lembra suas experiências, reconstruem cenas diante do que aconteceu, configura novos conceitos e coloca a experiência em uma sequência de acontecimentos que constroem a vida individual e coletiva, de modo que contar histórias implica estados intencionais e preserva a identidade do grupo ou mesmo do indivíduo que vivenciou aquela ação. Assim, a narração de si se constrói na experiência, lembranças e memória (relato), compreendendo um processo de (auto) conhecimento e revelação a partir das formas singulares com que cada um vivencia, apreende e representa o mundo e as coisas que o constitui.

Nesta perspectiva, o relato de minhas vivências fragmentados nesta narrativa se configura a partir de meus percursos formativos em diferentes espaços e tempos. Afirmando pertencer a uma família humilde, de mãe professora e pai agricultor e analfabeto, sendo a filha mais velha, dentre seis filhos deste casal, que na década de 1970 enfrentava grandes dificuldades sociais e econômicas para dar resposta as necessidades básicas de sua prole.

Nesta década, o Brasil vivia o período da ditadura militar como forma de governo. O milagre econômico coincidiu com o momento que se aplicava a censura em todos os meios de comunicação, torturava e exilava os brasileiros. Em meio a esta situação política e econômica minha mãe D. Anita estudava o colegial Normal na cidade de Parelhas a 36 km de sua cidade do Equador. Estrada carroçável e o transporte era o famoso “pau de arara”. Casava-se com Sr. Miguel e tornava-se professora da Escola Dom Manuel Tavares. Nasci no município de Parelhas-RN, em 1972, porém residia no município de Equador-RN, onde passei até meus nove anos.

Em Parelhas, conquistei novas amizades, estudando sempre em escola pública, continuei a participar de grupos religiosos, esportes como o atletismo e voleibol, o qual percebo que este engajamento em diferentes grupos, fez a diferença na minha vida enquanto adolescente

e jovem, tornando-me mais autêntica, dinâmica e corajosa diante dos desafios e obstáculos que a vida me apresentava a todo instante. Alguns acontecimentos marcaram minha vida escolar e me faz refletir diante de minha atuação como profissional. Foi Quando cursava a 4ª série, a professora chamou minha mãe e lhes disse que eu não teria condições de passar de ano e orientou me tirar da escola naquele período. Fiquei o quarto bimestre sem estudar. Eu era uma criança, mas tomava conta da casa e juntamente com o meu irmão Almir, cuidávamos das quatro crianças, por isso estudava a tarde e já ia para escola um pouco cansada. Com 11 anos estudei a noite a 5ª série, justamente para cuidar de minhas irmãs. Não sei como minha mãe conseguiu esta matrícula, mas não esqueço aquela sala de pessoas adultas e no meio delas dois detentos com uma das mãos algemadas na carteira e um policial na porta da entrada da sala. Os alunos tinham uma relação muito boa comigo, eram respeitadores e todos queriam fazer trabalhos comigo, eu sempre tirava notas boas. O medo da reprovação era grande. Estudava na Escola Cenecista - Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC. Todos os anos tinha a escolha da mais bela Cenecista e para minha surpresa e alegria a turma me escolheu que em meio a competição dos outros turnos também fui campeã.

Particpei de muitas competições no esporte e para treinar tinha que levar minhas irmãs e dar um jeito para que elas ficassem brincando enquanto eu treinava. E assim fui crescendo, era uma vida de responsabilidades, mas também me divertia, frequentava festas, namorava. Percebi que ser jovem não era algo fácil, mas tive o prazer de viver intensamente minha adolescência e mais tarde minha juventude. Foi um tempo maravilhoso!

Dessa forma, as recordações, as referências configuram-se como lembrança e organização de vivências singulares que circunscrevem a experiência, externando e reconstruindo a partir da singularidade da pessoa seu processo de formação como também sua identidade pessoal.

Como afirma Souza (2004, p. 72) escrever sobre si aproxima o sujeito de uma dimensão chamada “autoescuta de si mesmo, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que adquiriu ao longo da vida, através do conhecimento de si”. Esta atividade me faz buscar as lembranças no tempo/espaço e encontrar a razão de ser eu mesma e os motivos que me fazem seguir na estrada.

Ao término do Primeiro Grau eu precisava decidir o que faria no segundo grau, pois tínhamos a oportunidade entre o magistério, técnico em contabilidade ou curso científico. A Lei n. 5692/71 fixou, nesse período, as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, em âmbito nacional principalmente na obrigatoriedade do ensino de 1º grau (8 anos), constituído na junção dos antigos primário e ginásio, e a generalização do ensino profissionalizante no nível médio ou 2º grau.

Neste íterim escolhi o magistério e foi um curso muito bem feito, com professoras maravilhosas que me deixava encantada com a docência e sempre pensando: “Quando eu for professora quero ser igual a elas”, (só tínhamos no quadro docentes mulheres). Menciono estas águias com muito carinho e zelo: Graça Macêdo (falecida pelo covid-19 em 2021), Zaíra Medeiros, Maria Inêz, Valdenides, D. Márcia, Margô, Vera Lúcia, esta frase foi muitas vezes repetida, e tenho a convicção de que todos os dias me esforço para alcançar seus voos. A força dessas mulheres me impulsionava a continuar na estrada todos os dias, superando as adversidades que surgiam, com fé e determinação caminhava na realização de meus ideais.

No estágio tive a oportunidade de alinhar o campo teórico à prática. Foi realizado um sorteio para distribuição dos alunos por escola. Fiquei em uma escola de bairro periférico, marcado pela violência, drogas, prostituição, falta de saneamento básico e outros aspectos econômicos e sociais que interferiam diretamente na qualidade de vida de seus moradores. Coincidentemente minha mãe era diretora desta mesma escola. Estagiei em uma sala de aula de 2ª série, hoje o 3º

ano, uma realidade muito difícil de crianças sofridas, vítimas de todo o contexto acima mencionado. O prédio da escola pertencia a Paróquia de São Sebastião como é até hoje. A futura educadora chegou com entusiasmo, cheia de ideias, dinâmicas, atividades diferenciadas, mas a maior parte do tempo em sala de aula era destinado a separar brigas, acalmar os alunos principalmente quando voltavam do recreio. No entanto, consegui realizar um bom estágio, as atividades aconteciam dentro do planejado e as situações consideradas inusitadas também eram previstas e solucionadas.

A realização de nossos objetivos depende da forma como nos posicionamos no mundo e chegarmos a tão sonhada felicidade. Diria que este é um estado de espírito que nos permite enxergar, até mesmo nos momentos de dificuldades, razões para continuar e acreditar que as coisas vão dar certo.

Este momento em minha vida foi determinante para o meu ser professora, era convicta da escolha que tinha feito. O magistério que eu fiz mostrava a real situação da educação brasileira, acredito que por isso não me decepcionei durante os estágios. Pelo contrário, percebia que aquelas crianças precisavam daquele espaço com todo carinho, respeito e dedicação dos profissionais comprometidos com sua função de ser e estar naquele espaço, de mediar saberes, acolher sujeitos espedaçados em sua essência de ser, pelo esgarçamento social em que estavam inseridos. Realmente não se tratava de uma realidade fácil, mas com o esperar de Freire (1998, p. 86) quando o mesmo afirma: “Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Aos professores, fica o convite para que não descuídem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem águias”.

Esta escola hoje denominada Escola Municipal Dom José Delgado sempre fez parte de minha vida. Tempos depois meu pai conseguiu uma vaga de vigia nesta mesma escola e trabalhou até o momento de

sua morte juntamente com minha mãe que se aposentou neste cenário escolar. D. Anita e Sr. Miguel construíram neste espaço laços de amizade, camaradagem, companheirismos como menciona Freire (1997) na escola em que eles acreditavam porque estavam lá todos os dias. Pois bem, 25 depois da gestão de minha mãe assumo a direção desta instituição. Colher os frutos que minha mãe havia semeado? Sim! E de tantos outros diretores e servidores que por lá passaram, preparando sempre o terreno árduo para a fertilidade diante do esperar.

A Escola Municipal Dom José Delgado continua no mesmo contexto econômico e social, com o prédio ainda pertencente a Paróquia de São Sebastião, na mesma estrutura física, mas com tantas vidas restauradas e recuperadas, sonhos interrompidos e outros realizados, homens e mulheres assumidos e comprometidos com seu papel social. Mostrando que a escola cumpriu e continua na estrada diante de sua missão em formar sujeitos de direitos e deveres, críticos e participativos no meio em que estão inseridos. Minhas experiências como diretora desta intuição serão dialogadas na terceira parte desta narrativa.

O DESPERTAR PARA A DOCÊNCIA

*“O essencial, com efeito, na educação,
não é a doutrina ensinada, é o despertar”.*

Joseph Ernest Renan

O ingresso no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia se deu em sequência ao término do magistério em 1994. Muito feliz por adentrar a universidade, embora com muitas dificuldades, pois a perspectiva de uma família grande é que os primeiros filhos fossem logo conseguindo um trabalho para ajudar nas despesas de casa. O transporte escolar, considerando os 172 km, que percorria todos os dias ida

e volta para universidade, a necessidade de se alimentar, algum material xerografado, ou até mesmo aquisição de livros, se constituíram como dificuldades encontradas para dar continuidade a vida acadêmica. Mas os grupos de jovens da igreja e o esporte haviam me ensinado a vencer barreiras e encontrar soluções criativas para as diferentes circunstâncias que a vida me apresentava. Foi assim que aprendi a fazer redes de dormir com minha tia Ana, um trabalho artesanal, que poderia fazer em casa, conciliando os estudos com uma pequena renda financeira que custeasse as despesas com a universidade e uma contribuição para ajudar nos custos de casa.

Dessa maneira segui, a prática que o magistério proporcionava em frequentarmos as escolas durante os estágios foi sendo aprimorada na graduação. Em meios a tantos conteúdos curriculares com suas cargas horárias e trabalhos exaustivos de leituras o ensino era ministrado com bons professores, discussões e seminários. O curso apresentava em sua organização curricular a estrutura de habilitações em: Administração Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional, onde fiz a escolha de supervisão escolar.

Nesta perspectiva, o ensino superior brasileiro na década de 1990 era voltado para o ensino profissionalizante, havia pouco espaço para formação humanística e científica do acadêmico, o que muitas vezes se reflete até os tempos atuais mediante a influência do capitalismo exacerbado colocando no sujeito recém graduado a necessidade de adentrar o mercado de trabalho. As poucas instituições de ensino superior que tinham interesse em associar o ensino e a pesquisa enfrentavam as políticas de governo com ênfase no ensino técnico e profissionalizante.

Desse modo, adentrei a pesquisa acadêmica propriamente dita no trabalho de conclusão do curso, o famoso TCC que provocou angustias, inseguranças diante do escrever. Aliás, o que eu iria escrever? A palavra pesquisa ainda era embrionária, falava-se mais em um tema para discorrer. O dilema estava entre a escolha deste tema e os

fundamentos da escrita científica que até então era algo muito distante de nossas leituras e discussões no dia a dia da sala de aula.

Muitas dúvidas e vontade de pesquisar passeavam meus pensamentos que associados as narrativas de minha mãe diante de seu cotidiano escolar fomentavam o desejo de ler mais e observar o interior da escola. Tecíamos algumas discussões em casa, em volta da mesa, do que estava presente na teoria e na prática quanto aos problemas educacionais enraizados na educação brasileira como evasão, distorção série/idade, exclusão social, relação família-escola, formação de professores, gestão escolar, ausência de políticas públicas entre outros aspectos que interferiam diretamente nos resultados do ensino e aprendizagem.

No último ano do curso de Pedagogia em 1996 consegui ser aprovada no concurso para professor do município de Parelhas-RN, onde residia. Convocada para assumir o cargo no mesmo ano, a alegria, o entusiasmo, a realização tomavam conta do meu ser, ao tomar posse do cargo de professora efetiva no ano de 1997. Fui encaminhada para a unidade Escolar XV na comunidade Boqueirão zona rural, em uma vila de pescadores. Era apenas uma distância de 4 km da cidade para a Barragem do Boqueirão que percorria todos os dias de bicicleta, meu primeiro transporte.

Falar da unidade escolar XV Boqueirão, é escrever outra narrativa autobiográfica, mas não poderia perder a oportunidade de dizer neste espaço que esta experiência foi um verdadeiro despertar para o meu ser professora. Uma vila de pescadores a terceira maior barragem do Estado do RN, por onde atravessei várias vezes de canoa, sem saber nadar. A escola com uma sala de aula multisseriada da 1ª a 5ª série tinha apenas a merendeira D. Roselita que fazia também a limpeza da escola e eu, a professora. Tudo o que acontecia naquele espaço, nós duas resolvíamos. Tínhamos uma harmonia e estávamos sempre nos ajudando. As crianças da 1ª série não tinham passado pela educação

infantil e este era um dos meus maiores desafios. Como trabalhar com esta diversidade de competências e habilidades diante dos conteúdos curriculares, respeitando os níveis de aprendizagem, faixas etárias? Fui buscando meios, estratégias e aprendendo.

O que mais me encantava eram as histórias de pescadores, os meninos já ajudavam os pais a pescar. Buscava conhecer um pouco da história de meus primeiros e queridos alunos. Visitei todas as casas, sentava, conversava, tomava um café e ampliava os laços de amizade entre a família e a escola. Pensava que era mais difícil trabalhar com quem não conhecemos, por isso a necessidade de investigar, conhecer para melhor desempenhar minha docência. Esta experiência foi significativa para minhas práticas como professora e profissional da educação por todo o percurso. Ainda hoje para conhecer seu modo de vida e melhor atuar na sua formação como sujeito intelectual e social.

Certo dia trabalhando os meios de comunicação os alunos inquietos queriam saber como era o funcionamento de uma rádio. Este era um dos únicos meios de comunicação que tinham. E a Rádio Rural AM 1470 de Parelhas acabava de ser inaugurada. Por coincidência a radialista Joelma de Souza era minha vizinha e comecei a levar cartilhas de meus alunos para ela lê nos programas. Com isso, as habilidades leitoras e escritoras de meus alunos deu um grande salto. Um dia consegui um carro na secretaria municipal de educação e levei todos os alunos para conhecer as instalações da Rádio Rural AM 1470 de Parelhas. Foi uma excelente aula e trabalhamos muitos outros conteúdos como: espaço urbano/espaço rural; paisagismo; meios de transportes entre outros. Até porque aproveitamos a disponibilidade do carro e fizemos um verdadeiro *tour* pela cidade.

Ao iniciar o ano seguinte fui comunicada pela então Secretária Municipal de Educação que seria transferida para uma escola de 1º ao 9º ano para ser professora de Matemática, História e Artes de 6º ao 9º ano. Fiquei pensativa de como ensinaria disciplinas para as quais

eu não era habilitada. Em nossos encontros pedagógicos e dias de estudos que era uma vez por bimestre discutíamos os fatores que interferiam direto e indiretamente no processo de ensino e aprendizagem, principalmente reflexões em torno de nossa formação acadêmica.

Com esta experiência outras aprendizagens e lições para minha vida profissional e que bom que tudo isso foi no início de minha caminhada. Aprendizagens estas que levo na minha bagagem, às vezes paro no meio do caminho, retiro-as, reflito e nestas lembranças que me movo, tomo impulso, arrumo novamente a mala e continuo o caminho. Como professora do 6º ao 9º ano me deparei com o aluno Damião, 14 anos, 6º ano “E”, repetentes por mais de três ou quatro anos, fora de faixa etária, e eu ensinava matemática, conteúdos que só sabia mesmo o básico, mas aqueles alunos por tantos anos na mesma série já eram familiares com estes conteúdos por demais. No entanto, eram rotulados na sala dos professores por aqueles que não queriam nada com a vida, com o estudo. Recém-chegada na escola, ficava a olhar e escutar apreensiva aquelas situações e me posicionava quanto a esta sensibilidade para percebermos as competências que nossos alunos tinham. Na escola eu era a mais nova professora, na idade, na carreira e em minhas falas me chamavam de sonhadora e diziam que eu tinha muito o que aprender e me decepcionar com a educação. Naquele momento entendia, muitos daqueles professores já estavam esperando sua aposentadoria. Mas de modo carinhoso percebia que eles se sentiam tocados com minhas colocações e provocações.

Aquela turma do 6º era o verdadeiro engasgo da escola. Damião era péssimo em matemática, eu percebia que ele não avançava, brincava muito e era distraído, mas esta era minha percepção! Um dia resolvi chamar o pai de Damião, para minha surpresa era um homem muito próximo de minha casa. Ao me ver pediu desculpas, pois como tantas outras vezes que vinha a escola sabia que o filho não andava bem. Na meiguice de uma jovem com 19 anos em uma situação como

esta lhe perguntei como era Damião em casa, o que ele fazia quando não estava na escola e para aumentar minhas indagações e afirmações eis a resposta: “Faz três anos que Damião vende picolé para uma sorveteria. Não pega em um caderno em casa, passa a tarde inteira vendendo picolé nas ruas, acho que ele não gosta de estudar mesmo. Vou é tirar este menino da escola, para deixar de dar trabalho aos professores” (PAI de DAMIÃO). Fiquei pasma. Enquanto aquele homem falava, meus pensamentos passeavam pelos campos teóricos de uma pedagogia humanizada, acolhedora e sensível para com o sujeito em formação (FREIRE, 1989). Aliás, todos estamos em formação, como diz o próprio Freire, somos sempre sujeitos incompletos e isto é o que nos move e dar sentido a busca de nossa existência.

Diante deste acontecimento, minha fala veio de imediato, afirmei ser Damião um dos melhores alunos e que estava passado na minha disciplina de matemática, a qual ele já tinha sido muitos anos reprovado. Elogiei o menino por tamanha sabedoria, lealdade e disponibilidade. Um menino que há três anos vendia picolé, sabia muito bem as quatro operações, entendia de moeda, honestidade e tantos outros valores, tinha a experiência de mundo e conhecimentos do currículo escolar. Naquele dia, pedi alguns minutos a direção da escola juntamente com todos os professores e discutimos bastante a situação daquele 6º ano, nossa formação e práticas. Nos propomos a fazer um trabalho diferenciado com aquela turma e todos foram aprovados com seu próprio êxito.

No final deste mesmo ano, me convidaram para assumir a supervisão escolar desta mesma instituição, trabalhando diretamente com professores de 1º ao 9º ano, aceitei o convite, pois sempre enfrentei essas mudanças entendendo que sou uma professora em formação e a caminho e lá permaneci por 12 anos consecutivos. No ano de 2000, fui novamente aprovada no concurso para professora no município vizinho de Jardim do Seridó-RN, convocada e designada

a trabalhar no turno noturno de 6º ao 9º ano com as disciplinas de ciências e artes em uma escola de bairro menos favorecido quanto aos aspectos econômicos e sociais. Me sentia provocada a discutir novamente as questões de minha formação acadêmica. Como ensinaria disciplinas, as quais não tinha formação adequada? Como ficaria as aprendizagens daqueles sujeitos de direitos? Essa era uma história que se repetia em minha vida profissional, a exemplo do concurso no município de Parelhas – RN. Graduada em Pedagogia, habilitada para lecionar na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental menor, modalidades estas que também tinha concorrido a vaga no concurso. Mas o desafio era posto e eu enfrentava!

Neste contexto, estudava os conteúdos das disciplinas, tirava dúvidas com professores habilitados nestas áreas, resistia a essa situação com diálogo entre os pares e meus alunos de maneira que estes não fossem prejudicados por minha falta de conhecimentos em determinados conteúdo.

No ano seguinte passei a desempenhar minhas atividades na supervisão escolar desta mesma escola que era a Escola Municipal Professora Maria de Lourdes, turno noturno. Esta oportunidade me colocou diante de alunos trabalhadores, jovens e adultos que me fizeram buscar novos conhecimentos para orientar os professores quanto a sensibilidade para com estes sujeitos. O planejamento, material didático-pedagógico, avaliação foram aspectos presentes em nossas discussões para assegurarmos o acesso, permanência e sucesso de nossos alunos trabalhadores.

Falar da cotidianidade de uma escola pública e principalmente da formação do sujeito, é falar da diversidade e da complexidade humana. A escola é uma instituição onde os seus diferentes atores, em suas diferentes dimensões buscam completar-se num elo onde cada um torna-se dependente e corresponsável pelo outro.

Narrar minhas histórias me fomenta a questionar o significado de minhas vivências, ações e aprendizagens. De acordo com Souza (2004) a escrita da narrativa abre espaços e oportuniza aos sujeitos em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido.

DE PROFESSORA A GESTÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Me movo como educador, porque,
primeiro, me movo como gente.

Paulo Freire

Dando continuidade às minhas experiências com a docência, volto aos três primeiros anos de minha entrada na educação em Jardim do Seridó-RN, quando fui convidada pela Secretaria Municipal de Educação para desempenhar minhas funções em uma escola no centro da cidade como gestora. Para Veiga (2003), a trajetória profissional é um processo de ordem social. Não depende unicamente do esforço e do interesse pessoal, mas dos limites e possibilidades que é dado pelo contexto socioeconômico, político e institucional em que se está inserido. Assim, a oportunidade oferecida permeada pela convicção de que na educação estamos sempre a caminho e em processo de aprendizagem, aceitei o desafio.

Permaneci na Direção da Escola Municipal de Calpúrnica Caldas de Amorim até o ano de 2005. Esta foi minha primeira experiência com a gestão escolar. Deparava-me com um cenário escolar totalmente estranho, professores, pais, alunos e demais profissionais, pessoas que não conhecia e que não eram de meu convívio pessoal, profissional e social. Uma escola de 1^a a 4^a série, sendo que funcio-

nava da 1ª a 2ª séries no prédio sede e 3ª e 4ª séries em um anexo aproximadamente 1000 metros de distância da sede. Pareciam duas escolas completamente diferentes. O prédio da Escola Municipal Calpúrnia Caldas tinha uma estrutura física limitada, construção do século XVIII, pois Jardim do Seridó-RN tem sua fundação no ano de 1874. Este prédio foi a primeira maternidade da cidade e passou por pequenas adaptações para se tornar uma escola.

Lembro do primeiro dia em que me apresentei a toda equipe. Em uma sala de aula 16 servidores entre professores e demais funcionários estavam sentados em círculo, aguardando minha chegada. Eu, recém-chegada ao município e pela primeira vez adentrava aquela escola. Indicada pelo poder executivo que naquele ano venciam as eleições, tomando o poder de uma coligação que se mantinha no poder há mais de quarenta anos. Essa não era uma situação fácil, considerando o controle eleitoreiro que se tem nos municípios de pequeno porte. Mas estava sempre a caminho.

No momento de minha apresentação abri espaço para todos se apresentarem e de modo muito confiante mostrei o plano de gestão, audacioso, mais possível de ser executado quanto todos se assumissem como corresponsável naquela gestão. Nos próximos dias fiz questão de realizar as matrículas dos 238 alunos, sendo esta a oportunidade do meu primeiro contato com os pais e responsáveis. Marcamos a semana pedagógica em que todos os servidores participaram, não apenas professores. Identificamos os pontos fortes e fracos que a escola apresentava. Definimos objetivos, traçamos metas, estratégias e avançamos.

O prédio tinha um espaço não construído e em dois anos conseguimos a construção de quatro salas de aulas para trazer as outras duas que estavam fora do prédio. A escola foi se organizando com os espaços necessários para seu funcionamento. Mais um ano conseguimos mais quatro salas de aula, ao todo tínhamos 11 salas de aula, funcionando pela manhã e tarde, diretoria, sala de professor, mais banheiros,

uma sala para funcionamento da biblioteca, sala de computação. No último ano de nossa administração foi construída a cozinha que funcionava em espaço adaptado. Implantamos de maneira gradativa as turmas de 6º ao 9º ano e chegamos à matrícula de 965 considerando o 1º ao 9º ano em 22 salas de aula (11 pela manhã e 11 à tarde).

O contato com os alunos se deu no dia a dia, conhecendo aos poucos, por seus nomes, famílias, onde moravam, suas dificuldades diante do processo ensino-aprendizagem. Tinha o costume de passar nas salas todos os dias para lhes dar bom dia ou boa tarde. O momento do recreio era o espaço que encontrava para uma maior interação com os educandos. Considero este contato essencial para o fortalecimento da escola que queremos construir. Sempre esperava os alunos no portão tanto pela manhã como pela tarde. Assim, percebia de imediato o aluno que faltava e quando todos entravam, já dava um jeito de saber por que determinado aluno não tinha vindo a aula. Isso aumentou os laços de confiança família/escola.

Na dimensão pedagógica, foco de nossa atuação profissional e de nossos projetos, procuramos junto a Secretaria Estadual de Educação autorização para funcionamento da escola, por isso os esforços na melhoria de sua estrutura física. Realizamos a construção do primeiro Projeto Político Pedagógico. Os encontros aconteciam a cada quinze dias e era escolhido entre eles os responsáveis pelo próximo encontro. Assim, todos participavam de maneira ativa e dinâmica. A partir destes encontros surgiu a necessidade de fazermos um grupo de estudos diante da inclusão de alunos com deficiência, estávamos recebendo uma aluna com deficiência visual no 1º ano e outros alunos com síndrome de Dawn, deficiência auditiva, paralisia cerebral entre outras deficiências. Era uma situação desafiadora para todos nós. O grupo de estudo se fortalecia a cada encontro nas leituras, discussões e reflexões diante de nossas práticas. Mesmo com muitas limitações administrativas, pedagógicas e financeiras nossa escola se tornava mesmo um espaço inclusivo em que estes alunos participavam de todo o processo escolar.

A integração dos alunos era algo inexplicável. Até pais que tinham problemas de depressão com tentativas de suicídio encontrava na escola uma âncora para estar, conversar e colocar suas angustias.

Fundamos uma rádio escolar com caixas de som em cada sala, pátio e corredores. Conseguimos uma mesa de som para controle, com isso era possível falar especificamente para um determinado espaço. Os alunos faziam a programação da semana juntamente com os professores que tinha como objetivo a integração da escola, o protagonismo dos alunos diante de vários projetos e aperfeiçoamento da leitura e escrita. Criamos um projeto em que cada professor no início do ano letivo visitaria a casa de seus alunos para conhecer de perto a realidade em que os mesmos estavam inseridos.

Diante deste projeto tenho alguns relatos dos professores (com nomes fictícios) como:

Foi uma experiência maravilhosa, quando chegava na casa de meu aluno, a vontade era ficar por mais tempo, conversando e escutando a angustia daqueles pais. (JASMIM).

Até hoje tenho boas amizades com os pais daqueles meus alunos, algo construído mesmo, e lembro como eles avançaram na aprendizagem. (ORQUIDEA).

Fui a professora que mais deu trabalho neste projeto, porque visitei a casa de meus alunos na zona rural e tive que voltar de ambulância, de tão longe que era aquelas comunidades, a partir dali, aprendi a trabalhar melhor com aquelas crianças, tendo um novo olhar. (MARGARIDA).

Também visitei a zona rural e fiquei impressionada quando o pai me pediu desculpas pelo filho não fazer as atividades de casa, pois lá não tinha energia elétrica, e o querosene que sustentava a lamparina estava muito caro. E durante a manhã o filho ajudava o pai na rotina do sítio, tendo tempo apenas para um banho e um almoço até chegada do transporte. Na volta para casa já replanejava minha metodologia de ensino e os meus alunos só avançaram. (ROSAMÉLIA).

Este projeto ficou marcado na experiência de cada professor, gestor e coordenadores pedagógicos, fortalecendo ainda mais os laços família/escola, onde todos entenderam a importância de conhecer a realidade dos educandos para melhorarmos nossas práticas diante das necessidades de nossos alunos.

Desse modo, entendo que a gestão deve possibilitar um ambiente acolhedor para todos, sejam os pais, funcionários, alunos e toda comunidade em que ela está inserida, promovendo a democratização dos saberes e das funções que cada um exerce no espaço escolar. É necessário refletir a teoria e a prática para desenvolvermos a autonomia da instituição.

Outra atividade sugerida pelos próprios pais era que escola pudesse ser aberta um dia a noite para os pais assistirem filmes, ou mesmo ter uma aula de reforço em relação aos conteúdos principalmente os da disciplina de matemática para saberem ensinar os filhos em casa. Mesmo os pais que haviam concluído o segundo grau afirmavam que os conteúdos de hoje (2003) eram difíceis e já não sabiam mais. Planejamos este projeto com muito carinho e entusiasmo, os professores gostaram e se dispuseram a realizar as atividades propostas. Então toda semana tinha uma sala com filme que desse para trabalhar algum tema relacionado a valores, integração da família e outra com os conteúdos curriculares mediante o que os professores estavam trabalhando em sala de aula, conforme solicitado pelos pais. Os filmes deram tão certo que já não era preciso mais a intervenção dos professores, os próprios pais já planejavam e executavam esta atividade.

Desse modo, Luck (2009, p.78) acrescenta:

Aos responsáveis pela gestão escolar compete, portanto, promover a criação e a sustentação de um ambiente propício à participação plena no processo social escolar de seus profissionais, bem como de alunos e de seus pais, uma vez que se entende que é por essa participação que os mesmos

desenvolvem consciência social crítica e sentido de cidadania, condições necessárias para que a gestão escolar democrática e práticas escolares sejam efetivas na promoção da formação de seus alunos.

Neste contexto, criamos grupos culturais, entre eles uma quadrilha junina estilizada que encantava a todos os Jardinenses e cidades circunvizinhas com sua dança e teatro. Era um verdadeiro espetáculo que integrava conteúdos, disciplinas, integração família-escola pois todos se envolviam na realização deste grupo de dança, bem como na busca de recursos para financiamento deste grupo. Mais uma vez a família estava presente em nossos objetivos, opinavam, decidiam sobre temas a serem trabalhados por este grupo, figurino, repertório, enfim, participavam ativamente deste planejamento.

Como podemos observar na fala de ex-alunos (nomes fictícios), dançarinos:

O que eu mais gostava na escola era a quadrilha estilizada Trem do Forró, ficava o ano esperando por ela, eu dançava. Tinha que ser um bom aluno, mas as vezes dançavam também aqueles que tinham mal comportamento. Quando questionávamos, a diretora dizia que era pra dar uma chance. (TULIPA)

Até hoje sonho com a quadrilha que agente dançava. Era teatro junto com dança, agente tinha que estudar sobre o tema da quadrilha de cada ano. Dancei 10 anos. Só tenho saudades. (YASMIM)

Essa escola avançou na efetivação de novos processos de organização, participação e decisões de todos os segmentos da escola. Muitos foram os problemas e os conflitos existentes no ambiente escolar, fosse de natureza pedagógica, social, administrativa e financeira, mas a certeza de que estávamos juntos, fortalecendo um ao outro em uma relação recíproca como diz Freire (1997, p. 86) “construindo a escola viva que apaixonadamente diz sim à vida”.

Figura 1 – Grupo de Dança



FONTE: Acervo da autora

Esta quadrilha junina transformou muitos alunos, aqueles que não gostavam de estudar, tiravam notas fracas e problemas de comportamentos. Trabalhávamos estes aspectos integrados à dança e ao teatro. O grupo tornou-se popular no município e cidades circunvizinhas. Passavam o mês de junho viajando para eventos juninos. Isso refletia em boas aprendizagens e nos comportamentos dos dançarinos. Todos os anos trabalhávamos um tema diferente, tudo era preparado com base neste tema, música, figurino, sapatos, arranjos de cabelos e todo o cenário em que a dança acontecia: Feira livre, artesanato, 150 anos de Jardim do Seridó, os Santos Juninos, a História de Maria Bonita e Lampião, 10 anos da quadrilha foram temas que marcaram a história do grupo Trem do Forró. Todos estes temas, os alunos estudavam, pesquisavam para melhor representar através da dança e do teatro. Os alunos dos primeiros anos ficavam sonhando para chegarem no 6º ano e dançar no “TREM DO FORRRÓ”. Já pensávamos em fazer o trenzinho com os alunos menores.

No período de 2008 a 2016 enfrentei outro desafio ao assumir a gestão da Secretaria Municipal de Educação de Jardim do Seridó. A rede municipal de educação era composta de três escolas do 1º ao 9º ano, três escolas de Educação Infantil, creche e pré-escola, um centro de reabilitação e cinco unidades escolares pertencentes ao Ensino Rural. Para responder as necessidades destas escolas tínhamos os programas da merenda escolar (PNAE), transporte Escolar (PNAE), Fundeb que dentro do regime de colaboração os Municípios precisam cumprir com suas competências como descreve a Constituição Federal de 1988 no pacto federativo.

Nesta narrativa destaco as conquistas bem como as dificuldades enfrentadas nas dimensões administrativas, pedagógicas e financeiras da Secretaria Municipal de Educação. Foi um período intenso de muitos estudos, formações, trabalho incansável diante de meus projetos para a educação municipal. O aspecto financeiro tornava-se o principal obstáculo, pois não se faz educação sem financiamento. Estes recursos eram escassos e precisava para toda e qualquer ação que fosse feita no pedagógico, no administrativo ou em outras necessidades básicas para o funcionamento das escolas. Visitava as escolas e percebia as prioridades que se tornavam urgentes para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. Estava a pensar no bem-estar dos alunos e servidores educacionais.

Em alguns momentos pensava que sonhava alto, mas olhando para a estrada que percorremos vejo que sonhamos exatamente aquilo que projetamos e alcançamos os voos desejados. Mesmo que o secretário municipal de educação tenha esta autonomia relativa delegada pelo executivo, duas questões são colocadas para análise: primeiro, que a Secretaria Municipal de Educação não é o todo, é apenas uma parte deste todo, assim precisa da colaboração das outras secretarias municipais para o fortalecimento e funcionamento de muitas de suas ações, programas e projetos. Outra questão é que ela depende

financeiramente dos repasses do governo federal ficando submissa ao poder central, limitando os serviços oferecidos à sua população. Para Saviani (2008), não se pode confundir autonomia com mera execução ou inspeção dos serviços de apoio educacionais, como merenda, transporte, melhoria de infraestrutura nas escolas, equipamentos, entre outros, pois são estes os aspectos em que os municípios têm experiências consolidadas.

Fomos além da execução dos programas, dos serviços de rotinas, ousamos e inventamos. Mesmo com todas as dificuldades avançamos na dimensão administrativa pelo simples fato da autonomia mesmo que relativa a mim concedida pelo chefe do executivo para organizar a equipe da secretaria municipal de educação conforme as necessidades da mesma. Escolhi profissionais efetivos da educação para compor os cargos de: coordenação geral responsável pelo Plano de Ações Articuladas e programas federais dentro das políticas públicas que surgem e desaparecem mediante o funcionamento do programa como é o caso do PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa), PBA (Programa Brasil Alfabetizado), PSE (Programa Saúde na Escola), Mais Educação, entre outros que estão ligados diretamente ao processo de ensino e aprendizagem. Coordenador pedagógico para ensino infantil, coordenador para ensino fundamental, responsável técnico pelo setor da merenda escolar, nutricionista, responsável técnico pelo transporte escolar, coordenador para o sistema de gestão de prestação de contas (SIGPC) e Censo Escolar. Era uma equipe maravilhosa. Além do profissionalismo criamos laços de amizades que carregamos por todo nosso caminho.

De início senti necessidade de convocar o conselho municipal de educação, o conselho do Fundeb e da merenda escolar, três conselhos que me acompanharam durante todos os oito anos de administração. Mas esse primeiro encontro foi justamente para elaborar um plano de trabalho. Em seguida convidei todos os diretores e

coordenadores pedagógicos das escolas estaduais, municipais e privadas para expressar o desejo de trabalharmos em conjunto, mesmo sendo redes de ensino diferentes, todos os estudantes pertenciam ao mesmo município. Pensei que este seria um momento difícil, mas me surpreendi com aceitação de todos.

Figura 2 - Encontro com os conselhos FUNDEB, CAE, CME



FONTE: Acervo da autora.

Neste mesmo dia apresentei os projetos que havia planejado com os conselhos considerando os problemas e as necessidades da educação municipal. Elaboramos o calendário letivo e discutimos a necessidade de construirmos projetos voltados para Leitura, Meio Ambiente, Interação família/escola. Estes projetos foram elaborados em outros momentos pelos coordenadores pedagógicos e representação de professores de cada escola. Decidimos em conjunto a semana pedagógica, dias de estudos para professores, datas comemorativas, cívicas e culturais. Esta integração fortaleceu as formações profissionais, o elo de amizade e companheirismo.

Reformamos e ampliamos gradativamente as escolas da zona urbana e da zona rural. Equipamos em 2010 todas as escolas de material escolar trocando todas as carteiras e birôs escolares pelo Plano de Ações Articuladas. Lembro que para funcionamento do ano letivo

de 2009 peguei emprestadas 100 carteiras nas cidades circunvizinhas. A última compra de carteira escolar para o município datava de vinte anos atrás, dados estes encontrados no arquivo da prefeitura municipal de Jardim do Seridó/RN. Climatizamos duas escolas: A Escola Municipal Professora Calpurnia Caldas de Amorim e a Escola Professora Zélia Costa, todas as salas de aula tinham ar condicionados, esse projeto ia acontecendo também gradativamente. Adquirimos retroprojeto para todas as escolas da zona rural e zona urbana. Através do PAR conseguimos a uma creche da Proinfância tipo B¹¹ adquirida pelo PAC¹² teve sua construção iniciada em 2009 sendo concluída e inaugurada em 2016, mediante os ditames burocráticos do próprio sistema de monitoramento como também dos repasses dos recursos federais.

Figura 3 – Inauguração da Creche Modelo



FONTE: Arquivo da autora

- 11 O Projeto Proinfância Tipo B tem capacidade de atendimento de até 224 crianças, em dois turnos (matutino e vespertino), ou 112 crianças em período integral. www.fnnde.gov.br
- 12 Criado em 2007 o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) promoveu a retomada do planejamento e execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do país, contribuindo para o seu desenvolvimento acelerado e sustentável. www.pac.gov.br

Uma grande conquista para o nosso município foi a implantação das eleições democráticas para escolha de diretores da rede municipal de ensino. Impressionante que cada diretor era indicação de um vereador da bancada do executivo, os chamados acordos políticos, isso me inquietava muito, porque entendia que o gestor escolar deveria ser do quadro de servidores da educação e especificamente daquela instituição. Isso não foi fácil. Provoquei conflitos na própria base de aliados políticos, mas a educação venceu. O projeto foi enviado para a Câmara Municipal de vereadores e a educação estava lá. Pais, professores, alunos, a própria secretária municipal de educação pressionando a casa legislativa pela aprovação do referido projeto. As primeiras eleições para diretores da rede municipal de ensino no município de Jardim do Seridó aconteceram em 2010.

Figura 3a – Entrega do PME na Câmara Municipal



Fonte: arquivo da autora.

Figura 3b – Entrega do PME na Câmara Municipal



Fonte: arquivo da autora.

Figura 3c – Entrega do PME na Câmara Municipal



Fonte: arquivo da autora.

O transporte escolar sempre foi uma problemática. O município tinha dezoito carros locados. Sua frota era apenas de um carro destinado ao transporte dos alunos que tinha deficiência. Conseguimos 04 Ônibus Escolar Ore (59 lugares), sendo 02 através do PAR, 01 Prêmio

do Selo UNICEF, 01 Convênio do Estado PETERN e 02 micro-ônibus pelo PAR e um Celta com recursos próprios.

Figura 4 - Aquisição de 01 ônibus com o prefeito Padre Jocimar Dantas e a governadora Rosalba Siarlini



Fonte: arquivo da autora.

Segundo os indicadores do IDEB (Tabela 1), o município vem ao longo dos anos consolidando ações que possam elevar o nível de aprendizagem de sua rede de ensino, visto que as metas projetadas e alcançadas são construídas a médio e curto prazo, o que faz com que haja um acompanhamento das mudanças no processo da organização e sistematização do sistema de ensino, o qual deve buscar a participação, o acesso, a permanência, o sucesso escolar e a qualidade da educação.

Tabela 1 - Dados do Ideb Fundamental I E II

IDENTIFICAÇÃO	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017
META PROJETADA 5º ANO	2.8	3.2	3.5	3.8	4.1	4.4	4.7
META ALCANÇADA 5º ANO	2.7	3.6	4.0	4.8	4.5	5.0	4.8
META PROJETADA 9º ANO	-	-	2.9	3.2	3.7	4.1	4.3
META ALCANÇADA 9º ANO	-	2.6	3.7	3.5	3.7	4.7	3.9

Fonte: INEP¹³, 2018. Elaboração própria.

13 Informações obtidas no site: <http://ideb.inep.gov.br/resultado>. Acesso em: 03 jul. 2018.

Não se pode negar que o Programa Mais Educação foi de grande importância para a melhoria do processo ensino aprendizagem no qual destacamos os macrocampos voltados para a leitura e escrita e numeramento dentre as outras oficinas de fomento ao esporte, cultura, dança. Com a paralisação deste programa por parte do governo federal, implantamos na Escola Professora Maria de Lourdes Cunha ensino fundamental de 1º ao 9º ano a Educação, de Tempo Integral. Seguimos a mesma perspectiva do Programa Mais educação com as oficinas e alimentação (lanche e almoço). Os alunos desta escola vinham de uma realidade sócio-econômica menos favorecida, por isso nossa preocupação com os resultados do processo ensino e aprendizagem.

Faço menção também a construção dos Planos Municipais de Educação (2004 a 2014) e (2015 a 2025) tentando colocar em prática as metas e ações para cada modalidade de ensino. O Plano de Cargos e Salários do Magistério cumprindo com a obrigatoriedade do piso salarial. E o Plano da Primeira Infância.

Figura 5 - Banda Fanfarra 1º de setembro



Fonte: arquivo da autora

Nos aspectos culturais implantamos grupos de musicalidade com flauta doce (zona urbana e zona rural), grupo de violão e uma banda fanfarra e coral. Para isso criamos a Escola de Música Prof.

Eurico Guilherme Caldas de Amorim criada através do projeto de Lei Nº 1.043 de 7 de outubro de 2016. Adentravam este espaço alunos do município considerando as três redes de ensino. Entendo que a Secretaria Municipal de Educação precisa ter como prioridade as práticas educativas compreendendo os processos de ensino-aprendizagem, centro de todo o conjunto de ações e políticas educativas.

Figura 6 - Balizas da banda fanfarra 1º de setembro



Fonte: arquivo da autora

Assim, a música e a dança como uma das formas de expressão humana, integra os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos ampliando a comunicação e inserção social. Trabalhávamos muitos assuntos com os adolescentes e jovens integrantes destes projetos. Autoestima, ansiedade, comportamento, relações inter e intrapessoais. Os jovens vinham de diferentes aspectos sócios, econômicos e culturais. Havia resistência por parte de alguns pais na aceitação de determinados jovens no grupo. Mas o objetivo era proporcionar principalmente aqueles socialmente menos favorecidos oportunidades de desenvolverem suas habilidades. Enquanto narro, recordo, rememoro e reflito sobre o

presente destes integrantes de quadrilha junina, banda, coral, flauta e violão. Muitos encontros nos caminhos das Universidades, outros seguiram o caminho da música, integram a banda filarmônica da cidade, formaram grupos de apresentações. Mas infelizmente, identificamos ainda que em número bem reduzido, aqueles que entraram para o mundo das drogas, marginalização e outros que tiraram suas vidas.

Portanto, as ações desenvolvidas nestas finalidades (político-administrativa, pedagógica e financeira) implicaram diretamente o desempenho dos sistemas municipal de ensino, a qualidade da educação escolar, o exercício profissional de professores e a aprendizagem dos alunos. A combinação destas três dimensões alimentadas pelo regime de colaboração, visaram o desenvolvimento da pessoa humana que se realiza por via da educação escolar no período que vai da infância à fase adulta, adentrando as salas de aulas e diferentes ambientes da escola.

Encerrando minhas atividades como Secretaria Municipal de Educação do Município de Jardim do Seridó, assumi em 2018 a direção da Escola Municipal Dom José Delgado no município de Parelhas/RN. A mesma que tinha realizado meu estágio supervisionado do magistério e a que minha mãe havia sido diretora também na década de 1990.

O prédio continuava pertencente a Paróquia de São Sebastião, sua infraestrutura precária, falta de mobiliário principalmente carteiras escolares, parece que este aspecto me perseguia. O cenário social continuava o mesmo da década de 1990, marcado pelo tráfico de drogas, violência, desemprego, fome ente outros aspectos que caracterizam a vulnerabilidade social.

A equipe escolar já me conhecia mediante a convivência na educação local. Aos pais me apresentei como a filha de D. Anita e Sr. Miguel. A maioria dos pais tinham sido alunos de minha mãe e os avós que estavam presentes na reunião também conheciam meus pais. A maioria

das crianças moravam com os avós. Então, a nossa relação foi a cada dia ampliada na confiança e harmonia. Digo harmonia porque era uma realidade bastante conflituosa. Aos poucos conquistamos os alunos que tinham, sua autoestima muito baixa. A escola não participava dos projetos que a secretaria municipal de educação desenvolvia justamente por estes conflitos de violência muito presente nas famílias de nossos alunos.

Mudamos alguns hábitos na rotina, há de começar pela entrada e saída dos alunos. Este momento tornou-se prazeroso, eram recebidos por seus nomes e um bom dia ou boa tarde. Porteiros, servidores da secretaria, diretor, vice, coordenador pedagógico cuidava desta recepção, enquanto os professores se preparavam para entrar nas salas de aulas. Esse pequeno gesto já mudou o modo dos alunos se comportarem. Assim também como o recreio. Momento em que aconteciam mais confusões e choros. Adquirimos brinquedos simples como: bola, corda, bolinhas de gude, bambolê, bonecas, carros, damas. Depois do lanche os brinquedos eram distribuídos de acordo com o interesse da brincadeira. A escola tem um pátio central onde ficavam as crianças menores e dois espaços nas laterais que destinamos para jogo de bolas com os maiores. Neste momento a mesma equipe da entrada ficava no recreio enquanto os professores tomavam um café e descansavam um pouco. Os resultados foram surpreendentes. Ainda persistiam um conflito ou outro, mas nada que não pudesse ser resolvido naquele momento por um adulto que estava lá.

A escola apresentava o pior Ideb do município. Sabemos que vários fatores de natureza interna e externa interferem nesses resultados. Mas estávamos mais convictos diante de nossas ações para com estes resultados. Fizemos um levantamento criterioso do processo de leitura e escrita de nossos alunos. Tínhamos turmas do 1º ao 5º ano nos turnos matutino e vespertino. Dos dois 4ºs anos, trinta e quatro alunos, doze crianças não sabiam escrever seu próprio nome. Então decidimos fazer uma turma de reforço com apenas esses doze alunos

que se encontravam no mesmo nível de conhecimento. Os pais foram convidados a assumirem sua responsabilidade em enviar estas crianças para a aula de reforço que acontecia na própria escola em horários contrários ao da turma matriculados. No final do ano essas crianças liam e escreviam com as competências necessárias ao 5º ano. Foi uma experiência espetacular.

Começamos a participar dos Projetos da secretaria Municipal de Educação. Tínhamos o cuidado de preparar os alunos e família para a inserção em outros espaços sociais. Dos jogos escolares treinamos as equipes, conseguimos uniformes, calçados e colocamos nossos pequenos atletas em quadra. Antes oferecíamos um lanche, pois sabíamos das condições financeiras de cada um. Vencemos várias modalidades, era uma emoção ver nossos pequenos recebendo as medalhas e troféus por suas conquistas e a principal delas era a inserção social.

Conseguimos com apoio da Secretaria Municipal de Educação implantar a Educação de Jovens e Adultos no turno noturno, pois já existia, mas de forma voluntária, por uma jovem professora que trabalhava com um pequeno grupo de catadores de lixo. Abrimos turmas do ensino fundamental menor e maior. A jovem professora foi contratada, até porque ela era referência nesta causa. Tínhamos muito medo de abrir a escola a noite pelo contexto social em que ela está inserida, mas para nossa surpresa, nossa EJA tornou-se referência para todo município.

Foi assim que participamos do concurso de redação do município, concorrendo com as redes municipais, estaduais e privadas de ensino. Ficamos em primeiro lugar na categoria de 4º a 5º ano e na categoria de Educação de Jovens e Adultos. O momento solene de entrega de prêmios em um ginásio no centro da cidade enchia nossos olhos de alegria e lágrimas ao mesmo tempo, por ver aqueles alunos, aquela escola, professores sendo reconhecidos por toda sociedade ou melhor percebidos.

A escola tinha recebido alguns instrumentos do Programa Mais Educação, mas a quantidade era insuficiente para formarmos uma banda, também não tínhamos um instrutor para tal formação. Um dia um professor efetivo foi designado para a Escola Municipal Dom José Delgado. Com o quadro completo a indicação era loca-lo no que fosse necessário. Este professor é músico e logo começamos a organizar nossa banda. Conseguimos flautas doces e formamos um pequeno grupo, violões, um teclado e instrumentos de percussão para completar a banda. Assim trabalhamos conhecimentos, comportamentos e diferentes habilidades com nossos alunos. Colocamos a banda na rua e esta era convidada até mesmo para as cidades circunvizinhas.

Figura 7 - Banda Fanfarra Professora Maria Diniz Melo - EMDJD



Fonte: arquivo da autora.

Figura 8 - Banda Fanfarra Professora Maria Diniz Melo - EMDJD



Fonte: arquivo da autora.

As crianças tinham muitas habilidades e buscávamos integrá-las ao processo de ensino e aprendizagem. Um dia planejando a semana da criança em outubro, tivemos a ideia de formar um espetáculo de circo com as próprias crianças. O circo tomou tamanha proporção que já se apresentava para toda cidade. Os palhaços, dançarinas, malabaristas, contorcionistas, animador de brincadeiras, apresentador faziam a alegria acontecer, espalhando sorrisos e admirações daqueles que os assistiam e aplaudiam.

Figura 9 – Circo – EMDJD



Fonte: Arquivo da autora

Desse modo, a escola foi se tornando viva, dinâmica e sua função era proporcionar um conjunto de práticas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriassem de conteúdos sociais e culturais, de maneira crítica e construtiva. A escola ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscou eleger, como objeto de ensino, conteúdos que estivessem em consonância com as questões sociais em que estava inserida, cuja aprendizagem e assimilação são as consideradas essenciais para que os alunos e família possam exercer seus direitos e deveres.

Neste caminho busquei sempre cursos de especialização, capacitação e formação em serviço, trilhando novos conhecimentos como professora, coordenadora pedagógica, gestora, Secretária Municipal de Educação e formadora de professores no Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO), Formação pela escola, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e grupos de estudos na discussão para construção e implementação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Este percurso se concretizou em muitas idas e vindas na conciliação de minhas atividades entre os dois municípios, Parelhas e Jardim do Seridó.

DE PROFESSORA A PESQUISADORA: SONHO E REALIDADE

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

O caminho trilhado como Secretária Municipal de Educação no município de Jardim do Seridó – RN no período de 2008 a 2016 fomentou o desejo em adentrar a Pós-Graduação em nível Stricto Sensu em nível de mestrado. Foi então que enfrentei o processo seletivo no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, campos Mossoró - RN. Aprovada na linha de Políticas e Gestão da Educação com o projeto voltado para a formação de gestores municipais de educação na região do Seridó, no entanto esse objeto foi sendo ampliado até perceber através das rodas de conversas com meus colegas de curso, minha orientadora professora Dra. Arilene Medeiros e o professor

Dr. Joaquim Barbosa que meu objeto de investigação era o Sistema Municipal de Educação.

As disciplinas obrigatórias no primeiro semestre me fizeram entender que não podia se falar em objeto ou tipo de pesquisa sem antes identificar o que vinha a ser a metodologia da pesquisa. As aulas expositivas, dialogadas, rodas de conversas entre os pares ampliaram minha compreensão mesmo que embrionária da metodologia, a qual procura descrever e avaliar os métodos e técnicas de pesquisa qualitativa, que permitem a coleta e o processamento de informações com o objetivo de buscar a resolução de problemas e/ou questões de investigação.

O mestrado era um novo cenário, diferente do campo de trabalho de atuação profissional. Mesmo precisando conciliar uma rota entre os municípios de Jardim do Seridó, Parelhas e Mossoró, o trabalho, a universidade, a vida pessoal como esposa, mãe, filha, irmã, integrante de uma comunidade, fui em frente. Em cada passo me sentia instigada a descortinar a pesquisa científica e se aproximar da ciência. Enfrentava problemas em acompanhar as discussões, reflexões diante dos aportes teóricos e metodológicos que fazem parte do cotidiano do pesquisador, talvez pelo cansaço em percorrer mais de 1000 km por semana, pela ausência de tempo para as leituras, pois não consegui meu afastamento dos vínculos empregatícios.

Percebia que havia colegas no curso que eram mais próximos da ciência, do conhecimento, da pesquisa e seus procedimentos metodológicos. Refletia que pelo meu caminho de atuação profissional eu estava inserida no campo da experiência com a escola de educação básica, espaço este, lócus de muitas das pesquisas dos meus colegas de curso. Este fato fazia efervescer as discussões em sala de aula mediante os referenciais teóricos e bibliográficos orientados para as leituras, base de sustentação teórico-metodológica de nossas pesquisas. Me considerava distante do mundo acadêmico, porém pertencente ao chão da escola.

Isso me fazia refletir diante das possibilidades que o graduado poderia escolher: seguir para o campo de atuação profissional ou continuar o percurso acadêmico em nível da pós-graduação principalmente nos cursos *stricto sensu*, estudando, compreendendo e avaliando os métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica, com o objetivo de encontrar novos conhecimentos e soluções para os problemas que permeiam o dia a dia das pessoas e da sociedade, proporcionando a satisfação das necessidades humanas.

Nas palavras de Gonzalez (2003) o acadêmico é aquele que aprende a refletir sobre a importância da elaboração de trabalhos científicos, papel esse fundamental das universidades para incentivar e proporcionar condições favoráveis ao desenvolvimento da pesquisa, despertando a capacidade de senso crítico e a sensibilidade do pesquisador.

Os encontros presenciais todas as semanas foram fundamentais na definição do objeto de minha dissertação “O sistema municipal de Educação”, e na escolha da pesquisa qualitativa compreendida na relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Essa decisão culminou com a dissertação, ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE JARDIM DO SERIDÓ – RN: Tensões entre o legal e o real.

Cabe enfatizar que para Triviños (1987, p. 133) o pesquisador, que utiliza o enfoque qualitativo, poderá contar com uma liberdade teórico-metodológica para desenvolver seus trabalhos. “[...] Os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições da exigência de um trabalho científico [...]”. Em outras palavras existe um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, mas na interpretação de um determinado fenômeno. As Fontes encontradas tornavam minha pesquisa mais singular em sua especificidade, respeitando os aspectos históricos, sociais e culturais em que o objeto e os sujeitos envolvidos na pesquisa estavam inseridos.

Em 2009 realizei uma pesquisa qualitativa na Escola Municipal Arnaldo Arsênio no município de Parelhas RN, uma escola de Educação em Tempo Integral, apresentada na Universidade Lusófona de Lisboa e na UFRN campus de Caicó/RN. A referida pesquisa resultou em um dos capítulos do livro *Educação Integral: reflexões e práticas* pela editora Caule de Papiro.

Para Souza (2004) a pesquisa qualitativa, nas Ciências Sociais, trabalha com uma realidade que não pode ser apenas quantificada, porque essa realidade possui um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Por isso, a pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Terminei o mestrado em 2018 e já vislumbrava as publicações dos capítulos de minha dissertação. Com zelo e o rigor metodológico de minha querida orientadora Maria Arilene Soares de Medeiros conseguimos a submissão na revista *Práxis Educacional* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e no periódico *Espaço Público* da Universidade Federal de Pernambuco.

O doutorado veio logo em seguida ao término do mestrado. Consegui aprovação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN em 2019 na linha de Fundamentos Filosóficos e Históricos da Educação onde encontrei espaço para meu projeto de pesquisa que discorre sobre a cultura e práticas educativas de um Grupo Escolar no início da primeira República. A mudança de linha de pesquisa me deixou angustiada, mas o desafio de enfrentar o novo me motiva diante da realização desta pesquisa e do sonho almejado. Eis que estou a caminho!

APROXIMAÇÕES PARA NOVOS CAMINHOS

Na complexidade desta realidade me descobri como professora e pesquisadora em construção no campo educacional. Na busca por novos conhecimentos fortaleci minhas reflexões e aprimoramento dos saberes e fazeres fosse como professora, coordenadora pedagógica, gestora ou, Secretária Municipal de Educação. Trajetória essa percorrida em vinte e três anos de (re)construção de minhas práticas alinhadas pelas formações continuadas e acadêmica mediante cada realidade vivenciada.

Portanto, minha entrada na educação como profissional não poderia ter sido melhor. Vivenciei a educação do campo de maneira curta mais intensa, a sala de aula de 6º ao 9º ano, supervisão escolar e gestão escolar e municipal, as quais me colocaram na formação em serviço diante do processo reflexivo sobre o percurso de minha vida profissional. A trajetória acadêmica melhor estruturada e fortalecida na Pós-Graduação, mestrado POSEDUC (UERN, Mossoró) e doutorado em andamento no PPGED (UFRN) me torna uma pesquisadora mais consistente diante das questões referentes ao planejamento, organização, procedimentos e rigor metodológico da pesquisa científica.

Nesta alegria e esperança, a certeza de que valeu a pena percorrer diferentes caminhos, adentrar novas águas e descobrir o verdadeiro significado da profissão de ser professora e pesquisadora, como diz Freire (1997), inquieto, incompleto, não determinado, mas esperançoso diante de tantas possibilidades de fazer a educação e a pesquisa acontecer.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert C.; BIKEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 12.ed. Porto: Porto, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GONZÁLEZ, Fredy . Enrique. Apuntes Acerca de Algunos Conceptos Básicos de Investigación Cualitativa Sapiens. **Revista Universitária de Investigación**, año 4, n. 1, p. 107-132, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Temas básicos de educação e ensino. São Paulo: EPU, 2013.

Lück, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil**: história e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação).

SOUZA, Eliseu Clementino. **O conhecimento de si**: Narrativas do itinerário escolar e formação de professores. Tese de doutorado - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Bahia, Brasil, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. *In*: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

VEIGA, I. P. Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? **Cadernos Cedes**. Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dezembro 2003.



10

Maria Emília Andrade de Medeiros

Um “rio” de saudades: memórias de um lugar submerso nas águas

DOI: [10.31560/pimentacultural/2022.95774.10](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2022.95774.10)

INTRODUÇÃO

*Foi quando caiu em cima de nós
a maior desgraça que um povo pôde viver para ver.
(Narradores de Javé, 2004)*

Sugestivamente retirada do Filme Narradores de Javé, produzido por Eliane Caffé, a epígrafe acima parece dar o tom do drama real vivenciado pelo povoado pedrovelhense no ano de 2004, em decorrência da total inundação de Pedro Velho, na Paraíba, com as águas advindas com a construção da Barragem Argemiro Figueiredo, popularmente conhecida como Acauã. Essa barragem foi responsável pelo barramento das águas do rio Paraíba, mais precisamente ocasionado nas proximidades de Melancia, na Paraíba. Tal acontecimento, marcado por muitas experiências, e ainda muito vivo nas lembranças de quem o viveu é rememorado aqui através das experiências de quem o viveu, pois conforme anuncia o estudioso espanhol Jorge Larrosa, ao dizer que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2015, p. 18).

Diante disso, me revisto concomitantemente do ‘eu-oralista’, do ‘eu-historiadora’ e do ‘eu dispositivo sensível’, este último aqui compreendido enquanto o pesquisador que pensa, percebe, sente e expressa interesse pela sua pesquisa, para narrar, nessas linhas, algumas experiências que me passaram/aconteceram/tocaram antes, durante e depois da inundação. São experiências pessoais, que permitem-me tecer, a partir da *História oral de vida*, um (re)começo para essa história, a partir das minhas memórias, que nesse momento são “[...] antes de tudo, memória individual, lembrança pessoal de acontecimentos vividos” (JOUTARD, 2007, p. 223).

No entanto, ainda que parta das memórias pessoais, particulares, tenho ciência de que, em determinados momentos, e pelas

veredas da pesquisa de viés qualitativista elas podem fazer parte das memórias coletivas, experienciadas também por outras pessoas. Segundo Meihy (2002, p. 130), a história oral de vida “trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. Desse conjunto de experiência (s) que foram por mim vivenciadas centralizarei as lembranças nas vivências que se deram no antigo distrito de Pedro Velho. Lugar que teve sua história profundamente marcada ao ser “engolido” pelas águas de Acauã. E é por fazer parte desta história contada e das experiências vividas é que, caros leitores, me utilizarei da primeira pessoa por toda esta narrativa.

Um “rio” de saudades: Memórias de um lugar submerso nas águas

Para início de conversa, eu me chamo Maria Emília Andrade de Medeiros. Nasci em 21 de julho de 1990, na cidade de Aroeiras – PB. Atualmente sou aluna especial da disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas e quantitativas, ministrada pelo educador Fredy Enrique González. Sou mulher, nordestina, paraibana, pedrovelhense e ribeirinha. Nasci e vivi até aos doze anos no antigo distrito de Pedro Velho. Um pequeno povoado pertencente a cidade de Aroeiras na Paraíba, que foi totalmente submerso pelas águas advindas com a construção da Barragem Argemiro Figueiredo (Acauã), no ano de 2004. Mais especificamente, Pedro Velho floresceu a cerca de 200 metros da margem esquerda do Rio Paraíba. Segundo Silva (2003), o significado mais aceito de “Paraíba”, de origem Tupi, é rio mau, numa referência as dificuldades naturais que o rio apresentava no início da colonização por ocasião das cheias.

Acerca deste rio, de acordo com Silva (2003) ele possui

[...] aproximadamente 300 km de extensão, nasce na serra Jabitacá, no município de Monteiro, com o nome de rio do Meio, sendo sua mais alta vertente originária do Pico da boladeira, a 1.079 metros de altitude. A bacia do rio Paraíba corresponde a

18.000 km² e representa 32% da área territorial do estado, que tem mais de 60% de suas fronteiras constituídas de divisores de água, sendo que o contorno sul quase reproduz em escala maior a bacia do rio Paraíba, que deu nome ao estado. O rio nasce numa das regiões mais secas, o Cariri e desagua numa região de riqueza, a região canavieira, na planície litorânea. A maior parte do seu percurso se dá no alto da Serra da Borborema. De lá, desce passando pelo agreste, atingindo o litoral (SILVA,2003, p.74).

Consideravelmente grande em sua extensão, indo do agreste ao litoral, essas mesmas águas do rio Paraíba percorriam as areias brancas do velho distrito pedrovelhense. Tal rio durante muito tempo foi uma espinha dorsal para o povoado, de modo que ele “regia” a vida dos pedrovelhenses, conforme argumenta Andrade (2014). Dentre os muitos significados que o Paraíba tinha para os pedrovelhenses destaque alguns: lugar de chegada e também de partida de pessoas queridas, de encontros e reencontros, de sociabilidades e brincadeiras, pois no seu entorno, certas práticas cotidianas como os jogos de futebol, pique niques, aulas extra-classe entre outras movimentavam a antiga povoação, contribuindo assim para que não vivesse isolada no agreste paraibano, assim dos múltiplos significados que o rio adquiriu estava o fazer movimentar e pulsar a vida dos pedrovelhenses. Na imagem abaixo vemos o corriqueiro banho no rio.

Imagem 1 - Banho no Rio Paraíba



Fonte: acervo pessoal da autora, 1996.

O registro fotográfico retratou uma turma onde havia irmãs e amigos a banharem-se nas águas do rio. No momento da fotografia deram as mãos sobre a correnteza do Paraíba. Lugar de banhos, piqueniques e muitas brincadeiras onde as pessoas de todas as idades, sexo e classes sociais divertiam-se a valer. No que diz respeito às brincadeiras, tão experienciadas por mim, são narradas e descritas na obra *Menino de Engenho* (1932), de autoria do paraibano José Lins do Rego, especialmente quando narra que entre as brincadeiras de infância do menino Carlos, vivenciadas no Paraíba, esta lhe era também muito comum:

- Galinha gorda
- gorda é ela;
- vamos comê-la?
- vamos a ela.

Eu, a primeira menina, do lado esquerdo da imagem 1, quase nunca conseguia encontrar a “galinha”, que naquele momento era representada com uma pedra, lançada, geralmente, em lugares mais fundos e distantes de onde banhava-me. A brincadeira consistia basicamente nisso: alguém tinha que encontrar a pedra em algum lugar do rio. Embora nunca conseguisse, o que importava mesmo era a alegria e a diversão que o rio me proporcionava através das suas águas. Ali também eram desenvolvidas a pesca, a agricultura, a criação de animais como gado e cabras, além das atividades domésticas das mais diversas. Embora existisse uma relação amorosa entre o povoado e o rio, por vezes essa relação ganhava um novo significado e a tristeza em vê-lo poluído, o descontentamento quando ele secava completamente em alguns trechos e os muitos afogamentos se faziam também presentes.

A água do rio abastecia os edifícios públicos e privados do pequeno povoado. Muitas vezes quando faltava água encanada, subi a ladeira do rio, com latas de água na cabeça. Minha mãe orientava-me a sempre colocar uma rodilha para amenizar o peso e o desconforto

daqueles recipientes. Essas mesmas águas onde vivenciei momentos de alegria, descontração, sentindo o pulsar da vida ao entrar naquelas águas, foram vistas através da construção da Barragem de Acauã (finalizada em 2002, na gestão do então governador da Paraíba José Targino Maranhão) como forma de levar o abastecimento de água às cidades circunvizinhas, que como Pedro Velho conviviam, sobretudo, em determinadas épocas do ano, com as agruras advindas das constantes secas que assolam historicamente o nordeste brasileiro.

Nesse cenário, a barragem ao se apropriar das águas do rio, carregava consigo uma forte narrativa salvacionista que traria melhores condições de vida às populações ribeirinhas atingidas pela sua construção. Acerca desta barragem Correia (*et al.*, 2017, p. 5) aponta que ela possui

Capacidade total de acúmulo de 253.000.000 m³ de água, retida em uma bacia hidráulica (área total de água represada) de 3.800 hectares, e uma represa em concreto com 446 metros de comprimento e 53,5 metros de altitude, e um represamento de aproximadamente 22 quilômetros de extensão.

Os dados, mencionados acima, atestam a grandiosidade de uma obra dita arrojada, auspiciosa. Em termos numéricos ocupa atualmente a 4^a posição entre as maiores barragens do estado da Paraíba, ficando atrás apenas dos açudes: Epitácio Pessoa (466.525.964m³), Boa Vista (375.000.000m³) e Engenheiro Ávidos (293.617.376m³). Considerando o aproveitamento hídrico das águas do Rio Paraíba, a Barragem de Acauã seria o maior investimento do governo federal no estado à época. Mas problematizo aqui: A custa de quem, custou as promessas recheadas de progresso e desenvolvimento, as quais estavam embebidas a Barragem Argemiro Figueiredo? Esta que ficou popularmente conhecida como Acauã. Dos muitos significados que o nome dessa ave, muito popular em algumas regiões brasileiras, adquiriu no Brasil, a música “Acauã”, composta por Zé Dantas e cantada pelo nordestino Luiz Gonzaga, enfatiza:

Teu canto é penoso e faz medo. Te cala, Acauã,
Que é pra chuva voltar cedo. Que é pra chuva voltar cedo.
Toda noite no sertão canta o João corta-pau, a coruja, mãe da lua
A peitiça e o bacurau.
Na alegria do inverno canta sapo, gia e rã,
Mas na tristeza da seca, só se ouve Acauã
Só se ouve Acauã, só se houve Acauã
(Zé Dantas, s/d)

Acauã como referência a um pássaro que entoa e tem sentido relacionado “maus presságios”. “Te cala, Acauã”, porque temi o seu canto, a seca que chamas e suas águas represadas pela barragem, apelidada com teu nome, me tocaram aflorando meus sentimentos de medo e tristeza. Elas significaram para mim uma das mais dolorosas experiências pela quais já passei em toda minha vida, grande parte delas experienciadas ao ver meu distrito sendo rapidamente engolido por aquelas águas estranhas, barrentas e malcheirosas, diferentes daquelas onde tanto me banhei e brinquei. Acerca deste saudoso lugar, nascido às margens do Paraíba, as imagens abaixo revelam como ele se configurava antes e depois da chegada das águas de Acauã:

Imagem 2: Centro de Pedro Velho



Fonte: acervo pessoal de Gerivaldo Domingos, 2000.

Imagem 3: Centro de Pedro Velho reaparecendo



Fonte: acervo Pessoal de Osvaldo Bernardo, 2008.

Ambas as imagens retratam, mais especificamente, à Praça Durval Lira de Andrade (1990) em dois momentos distintos, antes e após a submersão de Pedro Velho. Na imagem 2 são visualizadas pessoas nas ruas, cujos semblantes parecem ser de tristeza e descontentamento. O que me toca é imaginar que possivelmente, tais sensibilidades foram afloradas após terem sido noticiados da conclusão da barragem. Aconteceu dos muitos artefatos materiais como casas, estabelecimentos comerciais e automóveis que coloriam a rua denotando vida e movimento ao lugar desaparecerem ao serem totalmente submersos pelas águas. Na imagem 3, produzida anos depois da enchente, a partir do que restou da praça, o olhar mais sensível observa o cinza e a falta de vida daquilo que havia restado da Praça Durval Lira de Andrade, lugar de sociabilidades e diversão por excelência de vários ribeirinhos que assim como eu tive que aprender e lidar com a chegada da enchente e a ausência desse e outros lugares afetivos como o saudoso rio.

Naquele atípico, rigoroso e inesperado inverno do mês de Janeiro de 2004, o jornal *A União* (de 24 e 25 de janeiro) noticiou que:

Ela veio em forma de nuvens, que cresceram em torres, durante a noite, aproximaram-se gerando relâmpagos. Os trovões acordavam o sertanejo. Não, não era sonho. O telhado uivava com a força do vento, e o vento trazia cheiro de chuva. Os pingos de multiplicavam, encharcando as telhas ressecadas; agora a bica despejava água na cisterna seca. Uma luz se acendeu no interior da casa, outra no coração do que acendeu a primeira. Um grito de alegria veio forte como um trovão: - Chuva, é a era de 4! (A UNIÃO, 24 e 25 de Janeiro, 2004)

As perspectivas apontadas pelo jornal sinalizavam entusiasmo aos paraibanos diante daquele rigoroso inverno dado em Janeiro de 2004. Mas não foi bem o que aconteceu entre os moradores pedrovelhenses. As cheias que eram tão esperadas, de modo que quando ouvia-se “Lá vem ela em Águapaba” era uma alegria e todos de jereré ou outro objeto de pesca nas mãos corriam para ir pescar, agora eram mais temidas do que nunca. Lembro também que e vi volumosas e escuras nuvens de chuva que pairavam no céu, pesadas lançando sombras e água sobre Pedro Velho. Essa paisagem para mim foi o início de dias sombrios, cujas expectativas em nada se assemelhavam ao entusiasmo ressaltado pelo jornal. Meu desejo, naqueles dias, era que as gotas de água que caíam do céu pudessem ter escorrido livremente pelo rio, mas não foi possível, pois o barramento das águas feito pela Barragem Argemiro de Figueiredo (Acauã), as impediu de seguir seu fluxo corriqueiro.

Como as águas que caíam não davam tréguas, represadas que foram pela barragem, o volume do rio aumentou, subindo sobremaneira, de modo que em pouco tempo pôde ser visto aquilo que anunciou Cirilo, personagem do filme *Narradores de Jáve* (2004) ao “profetizar” que “A sua casa vai encher d’água até o topo [...] A sua rua vai ser um rio só, e depois um mar”.

Imagem 4 - Pedro Velho inundado, 2004



Fonte: acervo pessoal de Osvaldo Bernardo.

Como pode se ver, tudo o que lá havia foi “engolido” pelas águas furiosas, o rio virou um “mar”. Naquela altura os semblantes eram de tristeza. Mas havia aqueles que viam no permanecer dentro d’água como um modo de resistir. Não me lembro de outra experiência que me tocou tanto do que ver no reflexo das águas tamanho sofrimento e dor. O adeus à escola José Cosme Irmão, onde estudei de 1ª a 8ª séries, foi um dos mais difíceis momentos. Recordo-me que ela foi um dos últimos edifícios a ser coberto pelas águas, ao contrário do cemitério São José que enterrou seus mortos por duas vezes, ao sepultá-los novamente debaixo daquelas águas geladas. Ele foi um dos primeiros a ser submersos, uma vez que estava localizado ainda mais próximo do rio. Sinto falta e saudade até dele, mesmo sem nunca tê-lo visitado, os motivos eram o medo de almas penadas e das histórias assombrosas que cercaram minha infância quando ouvia dele falar.

O adeus ao rio Paraíba, onde brinquei e me banhei em suas águas, construindo tantas memórias e sonhos, bem como ao distrito teve que ser aligeirado. O que vi e ouvi diante daquelas novas águas foi meu passado se esvaindo e escoando rio abaixo. Um amontoado

de ruínas refletidas no espelho das águas. As águas do progresso submergiram minhas histórias, minha infância, assim como a de todos os outros, que educados fomos para o saber conviver com a saudade, essa subjetividade amalgamada no Paraíba. Um rio do qual tenho tantas saudades. Sinto saudades das suas areias finas e branquinhas, das brincadeiras, dos banhos logo de manhã bem cedo, de esperar minha prima Bárbara trazendo as novidades da capital, até dos afazeres domésticos ali realizados sinto falta e saudade. É perceptível o meu vínculo pessoal com o lugar, sendo partícipe de suas memórias e testemunha do evento que narro a partir das minhas experiências, que neste momento podem ser representadas diante da música: *Ah! como dói.*

Ah! Como dói olhar de cima abaixo e ver tudo acabado, do cafundó até a esquina do mercado, de seu Nino ao outro lado onde seu Preto morou.

Ah! Como dói, a água chegou forte e não respeitou nada, casas, igrejas, alpendres e calçadas, da escolinha e da pracinha, nada, nada restou.

Ah! Como dói ter que voltar no tempo pra contar história, pegar raspas na leiteira, escutar lorota de Joquinha potoqueiro e de Zezé de João Dandão:

Era playboy, era cantor que se dizia, goleiro de seleção, seu Zezinho desmentia, Caboclo dava razão e seu Gabriel gargalhava, Ah! Que tempo bom!

Domingo na feirinha jogar conversa fora na barbearia, assistir o show de bola do Vale do Paraíba de Francisquinho, João Basílio e Seu Durval.

Lá no bilhar, Manoel Felix dava pontos a Dedé Batista, mas ele não encarava Galego de João Cupira, de tudo, tudo isso, só saudade resta.

Como esquecer o bangalô avarandado lá da rua velha? O parque de seu Pedro animando a festa, a primeira volta sem pagar o carrossel?

Como esquecer o pé-de-pau de Zezito, sobe e não sobe a ladeira, o cacimbão de ilha grande, pitombeira, esperar cheia no rio com o jerere na mão?

Como esquecer o namoro de olho lá na Pedra do cruzeiro, na madrugada a voz do seresteiro, de tudo, tudo isso, só saudade resta.

Meu vilarejo, meu torrão, guardo você no coração.

Como esquecer o namoro de olho lá na Pedra do cruzeiro, na madrugada a voz do seresteiro? Isso maltrata, isso dói de mais.

Bartolomeu Firmino de Normando (Anos 2000)

A música retrata o cotidiano de um lugar tranquilo, que apesar dos seus inúmeros problemas, desfrutava de alguns privilégios concedidos pelo Paraíba. As recordações de Pedro Velho são tantas, difíceis de esquecer, rememora-las é um exercício doido e ao mesmo tempo nostálgico. Muitas delas timbradas nesta música. Afinal foi lá onde deixei parte da minha vida, minhas histórias, meus espaços afetivos. Só não perdi as memórias, as saudades, e os sonhos planejados lá! Entendo por saudade, uma sensibilidade cara aos estudiosos qualitativistas, e aqui está especificamente relacionada “ao sentir falta, o sentir tristeza ou melancolia pela falta, pela ausência de algo ou alguém” (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 156). Assim, minha saudade “está intimamente ligada a este evento tão marcado pela perda, pela ausência, pela mudança que não se deseja, pelo desaparecimento ou distanciamento de algo ou alguém com que se têm laços afetivos” (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 160). Neste interim, a imagem abaixo revela o Novo Pedro Velho, lugar para onde eu e os outros fomos destinados.

Imagem 5: Novo Pedro Velho



Fonte: acervo pessoal de Iranildo Firmino de Normando, 2004.

Casas repetitivas e padronizadas estavam disponíveis no novo Assentamento, marcado pela falta de energia elétrica, de água suficiente para todos os moradores entre outras ausências. Tudo isso fazia parte de um cenário previamente montado, que foi colocado para todos os ribeirinhos que para lá foram destinados. Este cenário atestava também a ausência de lugares apropriados para educação, saúde, lazer e melhores condições de vida, espaços que haviam no antigo lugar e que só passaram a existir nas promessas e discursos anunciados pelo Governo do Estado, com a construção da Barragem de Acauã. Em suma, o Novo Pedro Velho, que lembro e conforme pode ser visto nesta fotografia, em nada se parecia com o antigo. Resultou de uma imagem meramente discursiva.

Desta forma, tive que aprender a lidar com as ausências e as ressignificações desde cedo, que mesmo típicas do movimento da história e da vida, foram pautas de minha formação escolar, frutos também de uma sensibilidade saudosa que até então só conhecia de ouvir falar. Senti na pele como a história se passou em mim, como às vezes é dolorido o aprendizado da saudade. Rememorar meu antigo distrito e o rio passou a ser um exercício dóido, até hoje se faz presente ao ouvir

as músicas que o cantavam e as fotografias que o registraram. E mesmo convivendo com a formação dessa sensibilidade saudosa formada na experiência que precedeu a enchente, acompanhei meus pais que precocemente saíram do antigo Pedro Velho em busca de melhores condições de vida. Vivi com eles um (re)começo desafiador. Na época, no novo Assentamento, chamado de Novo Pedro Velho, onde todos foram designados, existiam aproximadamente 300 casas de placas, a maior parte delas ainda em construção. Misturavam-se a algumas poucas casas de alvenaria, entre as quais - junto com os meus pais - fui contemplada a ter. O governo as chamava de “agrovilas”.

Apesar da mudança brusca, eu sempre voltava ao antigo Pedro Velho e hospedava-me na casa da minha avó Carminha (*in memoriam*), que nele persistia em continuar vivendo até as chegadas das águas. Da casa dela, eu escutava o barulho do martelo retirando os pregos, som que ecoava em meus ouvidos ao presenciar a retirada dos objetos da minha antiga casa. Eu via a remoção das telhas, dos caibros, das ripas, das portas, das janelas, dos tijolos desfigurando pouco a pouco o que um dia foi o meu lar. Esses materiais foram utilizados para “melhorar” a casa nova, pois o valor indenizatório que minha família recebeu do Estado foi irrisório, algo em torno de R\$ 3.500,00. Porém, com ele e outras economias, meus pais decidiram comprar um caminhão caçamba, o qual prestou serviços já na construção do novo lugar. Por meio dos trabalhos prestados no Assentamento, veio o sustento da família, até quando durou as etapas de construção do novo lugar.

No início tudo foi improvisado. Minha família, assim como a maioria das outras, tiveram que dar um “jeito” para as coisas, paulatinamente, tomarem seu novo lugar. Aqueles que saíram primeiro do antigo Pedro Velho, em 2002, como a gente, tiveram mais tempo para retirar o que podiam das suas antigas casas. Os outros que de lá saíram com “*a água na canela*”, em 2004, disputavam às pressas o que poderiam salvar em meio ao alvoroço. Contudo, o que de fato

aconteceu foi que a maioria dos pedrovelhenses só puderam retirar os materiais de suas moradias e dos edifícios públicos quando as águas foram baixando, tempos depois da inundação. Não demorou para que o lugar virasse ruínas. Nada escapou.

Nesse sentido, dezessete anos depois outras experiências também me tocam. A mais recente delas diz respeito ao modo como sou tocada pelas discussões proporcionadas pela disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da pesquisa em educação: abordagens qualitativas e quantitativas (PPGE-UFRN), em curso desde agosto de 2021. Como aluna especial tenho vivido essa experiência única que, apesar das aulas serem em modelo remoto, devido à chegada da Pandemia do covid-19, pude desfrutar de momentos de muita troca de conhecimento e afetos.

As aulas tiveram início em uma manhã ensolarada de quarta – feira, às 9h do dia 25 do mês de agosto de 2021, curiosamente dia do aniversário do professor Fredy, que com muita maestria e sensibilidade presenteou os sonhadores e sonhadoras que fazem parte da turma, ajudando-os a enveredar pelos diversos e sensíveis caminhos da(s) pesquisa(s) qualitativa(s) bem como inspirando-os a escrever como verdadeiros dispositivos sensíveis. Quanto a este último, se alcançarei êxito não sei, só os leitores dirão. Mas, como fruto das ricas discussões, desabrochou essa narrativa biográfica que buscou antes de tudo falar do rio e de Pedro Velho, este que se tivesse sido um homem teria morrido afogado, asfixiado pelas águas recheadas de promessas de desenvolvimento e progresso que Acauã anunciava. Essas águas que submergiram meu lugar foram as mesmas que mudaram o curso da minha história, profundamente dividida entre antes e depois da enchente. No entanto, elas nunca conseguirão apagar as lembranças, as memórias, experiências e vivências do rio e do lugar. É como cantou Bartolomeu Firmino de Normando (2004): “ De tudo, tudo isso, só saudade resta”!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Abel Francisco. **Barragem de Acauã**: Entre os discursos, as representações e as práticas ribeirinhas. Dissertação (Especialização em História). IESP Campina Grande - PB, 2014.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Pedagogias da saudade: A formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português Antônio Correa d'Oliveira. **Revista História Hoje**. Nº4.UFRN 2013.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. In Estudos históricos. Arquivos pessoais. Rio de Janeiro, FVG, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em 05/04/2021. Acesso em: 18 Mai. 2022

CORREIA, Joab das Neves [et al.]. Barragem Argemiro de Figueiredo (Acauã): Perenização do Baixo Paraíba e desenvolvimento econômico. **Anais eletrônicos do II Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido** – CONIDIS. Campina Grande/PB, 2017.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**. v8, n 17, p. 155-183, São Paulo, 2020.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar História e Memória? **Escritos**: revista da Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, ano 1, n. 1, p. 223, 2007.

LARROSA, Jorge. **Escritos sobre experiência**; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1 ed 3. Reimp. Belo horizonte: Autentica Editora, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, Lígia Maria Tavares. Nas margens do Rio Paraíba do Norte. **Cadernos do LOGEPA**. Série Texto Didático (UFPB), v. 3, p. 6-12, 2003.

Índice Remissivo

A

aprendizagem 10, 24, 29, 30, 38, 71, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 150, 151, 152, 155, 157, 158, 163, 168, 169, 170, 171, 175, 176
autobiográfica 11, 24, 78, 128, 140, 150

C

criança 41, 58, 80, 99, 100, 104, 107, 131, 145, 175

D

discentes 38, 42
doutorado 52, 71, 72, 92, 96, 142, 180, 181, 182

E

educação 11, 12, 13, 15, 21, 24, 25, 30, 32, 35, 36, 38, 40, 42, 43, 50, 52, 53, 58, 60, 63, 65, 66, 67, 71, 73, 82, 83, 86, 87, 92, 94, 98, 112, 113, 114, 115, 116, 120, 125, 129, 139, 147, 148, 150, 151, 152, 154, 155, 162, 163, 164, 166, 168, 169, 171, 172, 177, 178, 181, 182, 195, 197
Educação 9, 17, 21, 28, 35, 36, 37, 39, 41, 53, 54, 56, 59, 60, 63, 71, 73, 74, 82, 88, 89, 93, 94, 96, 97, 98, 102, 107, 108, 109, 111, 116, 119, 128, 129, 143, 151, 155, 157, 162, 163, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185
Educação Infantil 59, 63, 111, 162
escola 15, 16, 17, 25, 26, 37, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 69, 82, 104, 112, 127, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 164, 169, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 180, 192

estudar 15, 16, 26, 28, 36, 60, 63, 77, 79, 83, 112, 113, 120, 139, 145, 153, 160, 161
experiência de vida 35, 39, 50, 185
experiências vividas 9, 108, 185

F

família 15, 19, 22, 24, 25, 40, 61, 62, 64, 78, 82, 90, 93, 112, 114, 120, 121, 124, 132, 133, 138, 144, 148, 150, 151, 157, 159, 160, 164, 173, 176, 196
formação 9, 11, 12, 15, 21, 26, 27, 28, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 44, 45, 48, 51, 52, 54, 87, 88, 97, 109, 113, 115, 118, 119, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 142, 143, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 160, 174, 177, 181, 182, 195, 196, 198
formação acadêmica 9, 15, 30, 31, 38, 152, 154

H

histórias 9, 10, 11, 12, 13, 18, 58, 73, 79, 82, 89, 90, 93, 107, 108, 119, 120, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 142, 144, 151, 155, 192, 193, 194

I

imagens 67, 68, 69, 70, 71, 102, 106, 189, 190
infância 39, 58, 73, 111, 112, 116, 133, 171, 187, 192, 193

J

jornada 9, 15, 35, 38, 59, 113

L

lar 21, 40, 93, 120, 138, 196
livro 9, 10, 11, 12, 73, 105, 111, 132, 135, 137, 180

livros 62, 63, 64, 107, 111, 123, 135, 136,
137, 149

M

minha vida 17, 26, 27, 31, 37, 43, 50, 64,
111, 139, 142, 144, 145, 147, 152, 154,
181, 189, 194

música 41, 121, 139, 161, 170, 171, 188,
193, 194

N

narrativa 24, 78, 102, 118, 119, 123, 127,
142, 144, 148, 150, 155, 162, 185, 188,
197

P

Pedagogia 12, 27, 32, 54, 62, 63, 71, 83,
84, 88, 92, 93, 94, 97, 112, 113, 115, 123,
128, 148, 150, 154, 182

pedagógica 12, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 65,
112, 114, 128, 156, 157, 160, 164, 171,
177, 181

pesquisa 9, 12, 22, 28, 29, 33, 35, 38, 39,
63, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 83,
93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103,
104, 105, 106, 109, 116, 117, 118, 123,
124, 126, 127, 128, 129, 140, 143, 149,
178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 197,
198

pesquisadora 32, 71, 100, 101, 111, 112,
124, 142, 143, 181

pesquisa qualitativa 9, 12, 29, 73, 75, 83,
93, 94, 97, 98, 109, 116, 117, 118, 127,
128, 129, 140, 143, 178, 179, 180, 198

pessoal 12, 29, 66, 73, 97, 111, 125, 126,
142, 143, 145, 155, 178, 184, 186, 189,
192, 193, 195

poesias 79, 80, 84, 132, 133, 139

professor 27, 29, 30, 31, 33, 38, 42, 56,
63, 66, 71, 86, 88, 93, 96, 97, 98, 102, 107,
113, 114, 119, 123, 126, 127, 131, 136,
143, 147, 150, 156, 158, 159, 174, 177,
197, 198

professora 21, 24, 25, 56, 58, 64, 65, 75,
86, 96, 112, 113, 114, 116, 119, 120, 126,
131, 133, 135, 136, 139, 142, 144, 145,
146, 147, 150, 151, 152, 153, 158, 173,
177, 181

profissional 15, 21, 30, 38, 65, 73, 83, 93,
98, 114, 115, 116, 118, 119, 123, 125, 126,
127, 139, 142, 145, 151, 152, 154, 155,
157, 171, 178, 179, 181

R

reflexões 12, 121, 152, 157, 178, 180, 181

relato 15, 24, 35, 52, 75, 98, 135, 144

relato de vida 15, 24

relatos 9, 11, 12, 13, 56, 74, 133, 158

relatos de vida 9

S

sonho 17, 22, 23, 24, 32, 35, 56, 58, 60,
62, 64, 66, 71, 82, 90, 92, 96, 97, 98, 108,
116, 125, 142, 160, 180, 191

sonhos 9, 10, 13, 24, 31, 32, 36, 55, 56,
65, 66, 71, 73, 75, 78, 89, 91, 93, 98, 108,
111, 121, 123, 124, 132, 134, 137, 142,
148, 192, 194

U

universidade 25, 62, 63, 96, 114, 134, 135,
148, 149, 178

www.pimentacultural.com

A Dança dos Sonhos

*relatos de histórias vivas
em movimento*



Ana Caroline Barbalho Rodrigues · Antônia Magna de Souza Silva Cardoso

Carlos Eduardo Queiroz Pessoa · Claudete Costa Quaresma Ranieri

Erivaldo da Silva Santos · Janielly Souza dos Santos

Josefa Kérsia Pinheiro Pontes · Julie Isabelle Freitas Rodrigues

Marecilda Bezerra de Araújo · Maria Emília Andrade de Medeiros